

Vanderci de Andrade Aguilera
Fabiane Cristina Altino
Conceição de Maria de Araújo Ramos
ORGANIZADORAS

ESTUDOS DIALETAIS BRASILEIROS E EUROPEUS:

uma homenagem a ***João Saramago***

Volume 1

editora UFMS

João Saramago é um açoriano militante e um corvino dedicado, com uma permanente participação nos mais diversos aspetos culturais do seu arquipélago e da sua ilha. Publicou cerca de duas dezenas de artigos ou capítulos de livro sobre os Açores, entre os quais uma mão-cheia sobre o Corvo. Realizou o primeiro estudo dialetométrico aplicado a materiais do arquipélago. O ponto principal na produção científica de João Saramago são, pois, os estudos açorianos, sob várias perspetivas, mas existem outros dois tão ou mais importantes: a atualização metodológica da dialetologia do português, por um lado, e a *expertise* em geografia linguística (particularmente atlas linguísticos), por outro.

Fernando Brissos



ESTUDOS DIALETAIS BRASILEIROS E EUROPEUS:

uma homenagem a

João Saramago

Volume 1

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MATO GROSSO DO SUL

Reitor
Marcelo Augusto Santos Turine

Vice-Reitora
Camila Celeste Brandão Ferreira Ítavo

Obra aprovada pelo
CONSELHO EDITORIAL DA UFMS
Resolução nº 152-COED/AGECOM/UFMS, de 24 de outubro de 2022.

CONSELHO EDITORIAL
Rose Mara Pinheiro (presidente)
Adriane Angélica Farias Santos Lopes de Queiroz
Andrés Batista Cheung
Alessandra Regina Borgo
Delasnieve Miranda Daspet de Souza
Elizabete Aparecida Marques
Maria Lígia Rodrigues Macedo
William Teixeira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Coordenadoria de Bibliotecas – UFMS, Campo Grande, MS, Brasil)

Estudos dialetais brasileiros e europeus : uma homenagem a João Saramago : volume 1 / organizadoras, Vanderci de Andrade Aguilera, Fabiane Cristina Altino, Conceição de Maria Araújo Ramos. -- Campo Grande, MS : Ed. UFMS, 2022.
168 p. : il. color. ; 21 cm.

Volume 1: Estudos fonéticos e dialetométricos
ISBN 978-65-89995-13-5

1. Linguística – Estudo e ensino. 2. Diatelogia. 3. Linguística - Atlas. I. Aguilera, Vanderci de Andrade. II. Altino, Fabiane Cristina. III. Ramos, Conceição de Maria Araújo.

CDD (23) 410.7

Bibliotecária responsável: Tânia Regina de Brito – CRB 1/2.395

Vanderci de Andrade Aguilera
Fabiane Cristina Altino
Conceição de Maria de Araújo Ramos
Organizadoras

ESTUDOS DIALETAIS BRASILEIROS E EUROPEUS:

uma homenagem a ***João Saramago***

Volume 1

Campo Grande
2022

editora UFMS

Projeto Gráfico, Editoração Eletrônica
Secretaria da Editora UFMS

Impressão e Acabamento
Polimpressos Serviços Gráficos LTDA

A revisão linguística e ortográfica
é de responsabilidade dos autores e das organizadoras

Estudos Dialetais Brasileiros e Europeus: uma homenagem a João Saramago
Volume 1 – Estudos Fonéticos e Dialetométricos
Organizadoras
Vanderci de Andrade Aguilera • Fabiane Cristina Altino • Conceição de Maria de Araújo Ramos

Apresentação
Felício Wessling Margotti

Autores
Fernando Brissos • Hans Goebl • Jacyra Andrade Mota • Maria do Carmo Sá Teles de Araújo Rolo • Maria Luiza de Carvalho Cruz-Cardoso • Silvia Figueiredo Brandão

Direitos exclusivos
para esta edição

editora UFMS
Secretaria da Editora UFMS
Av. Costa e Silva, s/nº | Bairro Universitário
Campo Grande - MS, 79070-900
Fone: (67) 3345-7203
e-mail: sedit.agecom@ufms.br

Editora associada à
ABEU
Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

ISBN: 978-65-89995-13-5
Depósito Legal na Biblioteca Nacional
Impresso no Brasil

PREFÁCIO

João António das Pedras Saramago nasceu em 1952 no município do Corvo, uma minúscula ilha dos Açores, situada a cerca de dois mil km da capital portuguesa. Do alto de suas montanhas rochosas, o horizonte desse lugar tem somente as águas do Atlântico a oferecer. Quis o destino que os sonhos desse ilustre ilhéu corvino não ficassem confinados a um território restrito a 17,2 km^2. Concluídos os primeiros anos de estudo, abalou-se para terras continentais onde, em 1976, licenciou-se em Filologia Românica pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, instituição na qual passou a trabalhar como pesquisador e professor. Dois anos depois, para fins de progressão na carreira, concluiu seu doutoramento com a tese "A ilha do Corvo – alguns aspectos linguísticos", aprovada com distinção e louvor. A trilha estava então traçada, e a Dialetologia estabeleceu-se definitivamente na vida de João Saramago, seja na pesquisa, seja na docência. Vinculado ao Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL), é atualmente a principal referência nos estudos dialetológicos e geolinguísticos de Portugal.

Brilhante nos trabalhos e nos estudos científicos que faz, é, com certeza, o corvino mais instruído e mais culto de que se tem notícia. Simples e humilde, visita com frequência a sua terra natal, onde é recebido e benquisto por seus familiares e conterrâneos. Curioso e sedento de conhecimentos etnolinguísticos, gosta de ter

contato com as pessoas simples, conversar com elas e saber das coisas e fazeres do dia a dia, na cidade e no campo, nas lojas e mercados diversos, nos restaurantes e botecos, na roça, nas indústrias familiares, nos ranchos dos pescadores, enfim com toda gente, de onde busca informações e elementos para suas pesquisas sobre as variedades dialetais, os diferentes modos de falar a língua portuguesa, sua paixão permanente.

Entre as muitas atividades, é o atual coordenador do *Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza*. O ALEPG, iniciado em 1970 por uma equipe dirigida por Luís F. Lindley Cintra, constitui-se de 212 pontos, assim distribuídos: 176 no continente português; 12 na Espanha, na área fronteiriça; sete no Arquipélago da Madeira; e 17 no Arquipélago dos Açores. Como parte desse projeto mais amplo, tem-se o *Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores* (ALEAç), com participação de João Saramago desde 1994. Embora não tenha havido a pretensão de abordar de um modo amplo as realidades linguísticas e etnográficas dos Açores, o ALEAç contempla as especificidades linguísticas nas nove ilhas do arquipélago. Com base em dados recolhidos pelo ALEPG, parte das cartas semântico-lexicais do ALEAç foram elaboradas por João Saramago, sobretudo as relacionadas à criação de gado, à suinicultura, à moagem de cereais, às plantas, à agricultura, às abelhas e à caça, além de algumas outras cartas sobre aspectos morfológicos.

João Saramago é também membro da equipe de dialetólogos e diretor-adjunto do *Atlas Linguistique Roman* (ALiR), que se iniciou em 1987, por iniciativa de Gaston Tuaillon e Michel Contini, e tem a sua sede no Centre de Dialectologie da Université Stendhal de Grenoble, na França. Esse projeto está estruturado em 10 comités (português, galego, espanhol, catalão, francês, valão, suíço, italiano, romeno e moldavo) que integram especialistas de 31 universidades ou centros de investigação dos vários países participantes. Portugal

está representado por uma rede de 110 pontos de inquérito, dos quais 10 são no Arquipélago dos Açores e quatro no Arquipélago da Madeira. Os dados dialetais do português foram coletados e sistematizados pelo comitê português vinculado ao Grupo de Estudos de Dialetologia do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, constituído por Luísa Segura (coordenadora), Gabriela Vitorino, Manuela Barros Ferreira, João Saramago, Maria Lobo, Ernestina Carrilho e Celeste Augusto.

Há ainda outros atlas linguísticos e projetos de investigação dialetal que contam com a participação do homenageado neste livro, entre os quais citam-se o *Atlas Linguarum Europae* (ALE), o *Atlas Linguístico do Litoral Português* (ALLP) e projeto *Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português*, de cujo Comitê Português João António das Pedras Saramago é o coordenador.

Entre muitas outras atividades relacionadas à área de conhecimento em que atua, o homenageado neste livro, organizado por Vanderci de Andrade Aguilera (UEL), Fabiane Cristina Altino (UEL) e Conceição de Maria de Araújo Ramos (UFMA), colaborou com a IBM Portuguesa na "Descrição exaustiva de formas pronominais clíticas hifenadas adequadas a cerca de 5500 verbos", na "Análise lexicográfica de um ficheiro de vocabulário" com vista à sua correção, nomeadamente através da introdução e suspensão de entradas lexicais e sua classificação gramatical, e na elaboração de um dicionário de sinônimos. Tem atuado em várias Universidades, portuguesas e estrangeiras, em cursos de dialetologia portuguesa; na orientação de trabalhos acadêmicos de alunos de diferentes níveis; e em bancas de dissertações de mestrado e teses de doutorado. É autor ou coautor de vasta obra científica distribuída por livros, artigos e comunicações em eventos científicos em Portugal e em outros países, bem como de alguns trabalhos que versam sobre os Açores. Colaborou na "Enciclopédia Açoriana", que presentemente pode ser

consultada na Internet, e possui uma obra vastíssima de trabalhos sobre temas diversos.

A descrição de toda a sua obra literária, científica e acadêmica – em livros, artigos, comunicações, participações em obras e traduções e em eventos, além da formação de novos dialetólogos e geolinguistas – revelaria com profundidade e justiça a grandeza do trabalho e a competência de João Saramago no que diz respeito aos estudos dialetais, tanto os de interesse mais amplo sobre a língua portuguesa falada no território continental português quanto os de interesse mais restrito às ilhas do Arquipélago dos Açores, ao Brasil e a outros países.

Os dois volumes deste livro, que tratam dos estudos dialetais brasileiros e portugueses, com as contribuições de mais de duas dezenas de especialistas nessa área de conhecimento, são uma justa e merecida homenagem ao dialetólogo e geolinguista João Saramago, por ocasião *do VI Congresso Internacional de Dialetologia e Sociolinguística* – VI CIDS, realizado em 2022, na cidade de Campo Grande – MS, Brasil.

SUMÁRIO

PREFÁCIO 5

APRESENTAÇÃO 11
Felício Wessling Margotti

Róticos na Ilha do Corvo com Base nos Dados do ALEAç:
uma singela homenagem ao dialetólogo e
amigo corvino 21
Silvia Figueiredo Brandão

Acústica Corvina 49
Fernando Brissos

Apócope das Vogais Altas [I] e [ʊ]:
pegadas açorianas no português falado no Brasil 77
Maria do Carmo Sá Teles de Araújo Rolo
Jacyra Andrade Mota

Un Nouveau Rejeton de L'«École Dialectometrique de Salzbourg»: brève présentation du mode «Beta» de la dialectometrie de Salzbourg 101

Hans Goebl

Um olhar historiográfico sobre a Geolinguística e seus reflexos na elaboração do *Atlas Linguístico do Amazonas* 141

Maria Luiza de Carvalho Cruz-Cardoso

Sobre os Autores 167

APRESENTAÇÃO

Por ocasião do *VI Congresso Internacional de Dialetologia e Sociolinguística*, seus organizadores decidiram homenagear "dois ilustres pesquisadores pela importante contribuição por eles prestada no campo dos estudos dialetológicos e sociolinguísticos": o português *João António das Pedras Saramago* e a brasileira *Dinah Maria Isensee Callou*. Como parte das merecidas homenagens, as pesquisadoras Vanderci de Andrade Aguilera, Fabiane Cristina Altino e Conceição de Maria de Araújo Ramos, membros do Comitê Nacional do *Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB*, organizaram o livro *Estudos Dialetais Brasileiros e Europeus: uma homenagem a João Saramago*.

A presente obra, apresentada em dois volumes, está assim organizada: o volume 1 com cinco capítulos e o volume 2 com onze capítulos escritos por pesquisadores brasileiros e estrangeiros, os quais revelam ao leitor aspectos linguísticos e culturais, percepções, crenças e atitudes das comunidades investigadas, a que se acrescentam questões teórico-metodológicas para a realização de estudos geossociolinguísticos. Cada capítulo reproduz recortes de estudos dialetológicos daqui e de além-mar sobre o português, o galego, o italiano, o sardo, incluindo contatos linguísticos, além de um capítulo sobre software aplicável a estudos dialetométricos geolinguísticos. Trata-se de uma leitura enriquecedora, cheia de revelações em relação às variedades linguísticas e aos processos de

variação e mudança linguística, especialmente no nível fonético e lexical, evidenciando a história e a cultura das línguas estudadas.

O primeiro volume, com cinco capítulos, contempla estudos fonéticos, dialetométricos e uma visão historiográfica da Geolinguística. Em *Róticos na ilha do Corvo com base nos dados do ALEAç: uma singela homenagem ao dialetólogo e amigo corvino*, Brandão, com base no *Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores* analisa as variantes de /R/. Os dados revelam que no Corvo, em contraste com o que ocorre nas demais ilhas dos Açores, predomina a variante [r̄] (a vibrante alveolar) em contexto pré-vocálico, enquanto, em coda final, [r] (o tepe) concorre com o cancelamento.

No texto *Acústica corvina*, Brissos retoma diversos estudos de Saramago que tratam da acústica do português falado nas ilhas do Arquipélago dos Açores, e conclui que: a) o dialeto do Corvo tem uma relação de grande afinidade com o grupo de dialetos centro-meridionais de Portugal, o que se demonstra por meio das vogais /ɛ ɔ o u/ do português padrão, que no Corvo se concretizam respetivamente em [æe ɔ̟ o ʉ̟]; b) essa afinidade, porém, não é total, uma vez que o Corvo não deixa de estabelecer correspondências, embora pontualmente e em fenômenos de menor importância, com os dialetos portugueses setentrionais, o que se verifica quanto ao espectro das vogais /e a/, respectivamente [ei a˖] no Corvo.

Uma possível relação entre o português brasileiro e o português açoriano é o tema do texto *Apócope das vogais altas* [ɪ] e [ʊ]: *pegadas açorianas no português falado no Brasil*, escrito por Maria do Carmo Sá Teles de Araújo Rolo e Jacyra de Andrade Mota, com vista a investigar a apócope das vogais átonas finais observadas nos atlas brasileiros e em outras pesquisas, relacionando essas ocorrências à presença açoriana no processo de povoamento do Brasil. Os dados apresentados no artigo reforçam a hipótese de que o fe-

nômeno da apócope observado no português falado no Brasil está associado ao que se observa em Portugal e que foi trazido pelos colonizadores lusos, especialmente açorianos.

Hans Goebl é autor do capítulo *Un nouveau rejeton de l'«école dialectometrique de Salzbourg»: breve presentation du mode «beta» de la Dialectometrie de Salzburg*, por meio do qual apresenta – por meio de um aparato gráfico de três figuras (em preto e branco) e quatorze mapas (em cores) – habilidades analíticas e de visualização de um novo módulo do software dialetométrico VDM ("Visual DialectoMetry") que foi desenvolvido nos últimos anos no âmbito da "Salzburg Dialectometric School". Ao final, conclui que novo componente do software VDM se encaixa perfeitamente na lógica metódica de EDMS que, por definição, é múltiplo, demonstrando sua utilidade para a Geolinguística, além de outras áreas de conhecimento.

No capítulo intitulado *Um olhar historiográfico sobre a Geolinguística e seus reflexos na elaboração do Atlas Linguístico do Amazonas*, Maria Luiza de Carvalho Cruz-Cardoso, da UFAM, apresenta uma pesquisa historiográfica sobre o desenvolvimento da Geolinguística no mundo, considerando a classificação dos atlas já publicados e disponíveis para esse tipo de pesquisa no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, sob orientação de João Saramago. O estudo contempla atlas linguísticos representativos dos quatro diferentes tipos apontados por Mario Alinei: (i) regional, (ii) nacional, (iii) de grupo de línguas e (iv) continental. A autora optou, ainda, por incluir uma breve visão do que se realiza numa parte das Américas, e por comentar um atlas de cunho temático para fins de exemplificação, tendo sido focalizados, de uma forma abrangente: (i) o Atlas Linguístico e Etnográfico de Cantábria (ALECant); (ii) o Atlas Linguístico Italiano (ALI) e o Atlas Linguístico do México; (iii) o Atlas Linguistique Roman (ALiR); (iv)

o Atlas Linguarum Europae (ALE). Por último, o Atlas Linguístico do Litoral Português (ALLP). Em síntese, trata dos reflexos desses atlas na elaboração de sua tese, o *Atlas Linguístico do Amazonas*.

O segundo volume, com onze capítulos, é dedicado aos estudos lexicais. Em *Um estudo sobre as variantes lexicais para lanterna registradas pelo ALiB*, as autoras Fabiane Cristina Altino e Vanderci de Andrade Aguilera, com base em dados obtidos pelo projeto *Atlas Linguístico do Brasil – ALiB* nas capitais e nas cinco regiões brasileiras, revelam que, além da predominância da forma *lanterna*, ainda subsistem variantes como *lâmpada*, *farolete*, *pilha*, *flashlight*, *foco*, entre outras. Considerando a distribuição diatópica, a Região Sul mostrou-se mais influente na produção de variantes populares com duas áreas bem delineadas (*farolete* no norte do Paraná e *foco* no norte do Rio Grande do Sul, oeste de Santa Catarina e do Paraná). Merece destaque a distribuição areal de *farolete* em São Paulo e de *lâmpada* na Bahia.

A pesquisadora Rosario Álvarez, do Instituto da Língua Galega da Universidade de Santiago de Compostela, é a autora do texto *Xoaniña, voa voa. Os nomes da coccinella en galego*, com o qual discorre sobre um amplo leque de formas galegas de nomear um pequeno inseto, colorido e brilhante, identificado de modo geral como *joaninha*, cujo nome científico é *Coccinella septempunctata*. Demonstra que a gama de palavras em galego para nomear esse inseto é extensa. Além da forma *coccinella* cultivada, inclui nove formas tradicionais, e estas são apenas algumas das mais comuns: *barrosiña*, *maruxiña*, *papasol*, *papoia*, *reirrei*, *voaniña*, *voíña*, *xoana* e *xoaniña.*

Na sequência deparamo-nos com o texto de Michel Contini, em coautoria com Elisabetta Carpitelli, intitulado *Les designations de la vrillette dans les domaines italo-roman et sarde*, que trata das diferentes formas de nomear um *besouro* em italiano e em sardo,

o qual é geralmente descrito como um pequeno inseto roedor de madeira, mas inclui uma variedade de pequenos insetos fitófagos. Com base em dados do *Atlas Linguístico Italiano – ALI* e do *Atlas Linguístico da Sardenha – AIS*, os autores revelam que o estudo das designações dialetais dos insetos é complexo. O exame dos dados do ALI para *besouro* e do AIS para *mariposa* confirmou amplamente as dificuldades encontradas por outros pesquisadores que abordaram o léxico dialetal relacionado ao mundo animal.

As variantes lexicais para se referir ao inseto que frequenta espelhos d'água, brejos e outras áreas alagadiças é tema do capítulo *O fantástico voo da libélula: um estudo da motivação na criação lexical em designações registradas no ALEAL, ALiB, ALiR E ALEPGI*, texto escrito por Maranúbia Pereira Barbosa Doiron. Embora a unidade lexical padrão para tal inseto seja *libélula*, nos quatro atlas linguísticos investigados pela autora consta um número bastante elevado de variantes, algumas de uso mais geral e outras associadas a certas regiões, tanto no Brasil quanto na área continental de Portugal e nas ilhas do Arquipélago dos Açores. De acordo com os atlas incluídos na análise, o referido inseto contempla relação extensa de lexias, tanto no português brasileiro quanto no português europeu, incluindo o do Açores, e de igual modo em outras línguas românicas.

Com o título de *Os nomes da vacaloura en galego*, Manuel González González, da Universidade de Santiago de Compostela, explora as motivações e crenças relacionadas aos nomes para se referir ao maior escaravelho da Europa. Os machos têm grandes mandíbulas, muito maiores que as das fêmeas, e que servirão como meio de luta contra machos rivais. Seus grandes chifres produziram um profundo impacto na mentalidade popular, inseto a que se atribui poderes quase mágicos, tanto para o mal quanto para o bem. Recebe inúmeros nomes em galego, mas os principais estão relacionados às suas mandíbulas em forma de chifres, que são a base

motivacional dos nomes como *cornuda*, *corneteira*, *escornabois*, *escornavacas*, *escornacabras*, *vacaloura*, *vacanegra*, *cabraloura*... Outras motivações denominativas importantes têm relação com a dureza da capa que envolve seu corpo, que está na base dos nomes *carroucha*, *carroucho* e *cascudo*, e seus hábitos e comportamento explicam nomes como *furão* ou *rumballón*.

As pesquisadoras Silvana Soares Costa Ribeiro e Aparecida Negri Isquerdo são autoras do artigo *Denominações para "corre-cutia", "lenço-atrás" e "chicotinho-queimado" na área do falar sulista (nascentes, 1953) – dados do ALiB*, com o qual buscam (i) analisar dados referentes à brincadeira infantil conhecida como "corre-cutia", "lenço-atrás", "chicotinho-queimado", documentados pelo Projeto ALiB na área geográfica selecionada (Sul e Centro-Oeste); (ii) reconhecer regiões geográficas marcadas por traços linguísticos peculiares nessas regiões e apontar tendências pontuais em nível nacional, no que se refere às denominações da brincadeira em foco; e (iii) apontar o papel e a importância do léxico para a descrição e delimitação de área dialetais.

O uso das variantes lexicais *abóbora* (de origem portuguesa) e *jerimum* (de origem indígena) e o significado atribuído a esses nomes constituem o fundamento do artigo *O que se vende nas feiras e supermercados paraenses: abóbora ou jerimum?*, elaborado por Marilucia Barros de Oliveira e Luan Costa dos Santos, da Universidade Federal do Pará. Em sites de busca, consta que as formas *jerimum* e *abóbora* convergem para o mesmo nome científico, do gênero *cucurbita*, diferenciando-se apenas pelos tipos e formas. Quando ao uso, por se tratar de um produto que é levado do sul e sudeste para o norte do Brasil, a pesquisa realizada pelos autores revela que a forma *abóbora* (predominante nessas regiões produtoras) está substituindo a forma *jerimum* (antes predominante no norte).

Tendo como referência o fluxo migratório dos Açores para o Maranhão, Conceição de Maria de Araujo Ramos, José de Ribamar

Mendes Bezerra e Theciana Silva Silveira decidiram cotejar, no domínio do léxico os dados recolhidos para o *Atlas Linguístico do Maranhão* (ALiMA) com dados do *Atlas Linguístico- Etnográfico dos Açores* (ALEAç), as designações para os seguintes conceitos: *cria da vaca*, *cria da ovelha*, *caminho do gado/no pasto*, *corno*, *boi sem chifre*, *cabra/vaca sem chifre*, *glândula mamária* (animais) e *cauda* (animais). A análise da base de dados dos dois atlas demonstrou que: "(i) das 14 formas compartilhadas, apenas duas, *bezerro* e *mocho*, ocorreram em toda a rede de pontos de cada um dos atlas; (ii) *caminho do gado/no pasto* foi o conceito que apresentou o maior número de formas denominativas, tanto no ALiMA (17) como no ALEAç (10); (iii) o ALiMA apresentou maior polimorfismo, com exceção da questão concernente ao conceito *corno*; e (iv) além do polimorfismo dialetal, ocorreram casos de polimorfismo individual, sobretudo em relação aos conceitos *caminho do gado/no pasto*, *boi sem chifre* e *cabra/vaca sem chifre*".

A variação diatópica do item lexical *cigarro de palha*, que constitui a questão 145 do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do projeto ALiB, foi investigada por Abdelhak Razky (UFPA/UnB/CNPq), Eliane Oliveira da Costa (SEDUC) e Regis José da Cunha Guedes (UFRA) e relatada no capítulo *Agrupamentos lexicais do item cigarro de palha nas não capitais do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)*. O conjunto das variantes lexicais cartografadas: *porronca*, *tabaco* e *cigarro de palha* (Carta L01), *fumo de corda* e *boró* (Carta L02) e *pé duro*, *pacaia* e *picão* (Carta L03), aponta para quatro dos cinco tipos de agrupamentos estruturantes do contínuo dialetal de agrupamentos linguísticos: Carta L01 - macroagrupamento (1), mesoagrupamento (2); Carta L02 - microagrupamento (1), mesoagrupamento (1); Carta L03 - microagrupamento (1), nanoagrupamento (2).

A descrição parcial dos dados do ALiB obtidos por meio da questão 167 do QSL – "a brincadeira em que as crianças riscam uma

figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (mímica) e vão pulando com uma perna só?" – é o que propõe Valter Pereira Romano no artigo *Contribuições do projeto ALiB para a caracterização de áreas lexicais: o caso da sapata e amarelinha na Região Sul do Brasil*. Foram documentados 160 registros divididos entre 26 formas, com número de ocorrências indicado entre parêntese: *amarelinha* (87), *sapata* (29), *marelinha* (11), *pula-pula* (6), *amarelinho* (4) e *caracol* (3). Com ocorrências únicas, listam-se em ordem alfabética: *amarela, amerelinha, brincar de queimar, caia, calha, estrelinha, jogar as pedrinhas, joguinho, macaca, marelinho, pula boneco, pula sapato, quadra, quadrado, quadrinho, sapato, sete pedra, tabuada, três marias e triângulo*. O item lexical *amarelinha* é predominante em toda faixa norte do Paraná, região colonizada principalmente por paulistas. À medida que se adentra ao centro-sul paranaense, por um corredor central do estado, a incidência da variante *amarelinha* vai diminuindo, obtendo baixa produtividade, principalmente, no território gaúcho (20%), espaço em que a forma predominante é *sapata*.

E a presente obra termina com o artigo *Palabras e comidas no Atlas Lingüístico de la Península Ibérica: a parva e o almorzo*, de autoria de Xulio Sousa do Instituto da Língua Galega da Universidade de Santiago de Compostela. Nele, o autor explica a mudança de significado da lexias *parva* e *almorzo*, associando-a à mudança de hábitos. De acordo com os materiais do *Atlas Linguístico da Península Ibérica – ALPI*, cujos primeiros trabalhos de campo foram realizados na década de 1930, a primeira refeição do dia recebia a denominação de *parva* ['parβa] na maioria das localidades. E de acordo com o mesmo atlas linguístico, *almorzo* aparece como refeição após a *parva* ou como refeição primeira ou única refeição da manhã. Todavia, por influência da industrialização e urbanização da população, aconteceu a unificação do tempo e a normalização dos horários das refeições. Por conta disso, *almorzo* foi substituído por café da manhã, deixando de

ser uma refeição rudimentar de camponeses para ser uma refeição universal para todas as classes sociais.

Para os amantes da Dialetologia e da Sociolinguística, cujo objeto de investigação são as línguas nos diferentes níveis estruturais e lexicais, a variação e a mudança linguística, associadas ao espaço geográfico e a diversas outras dimensões extralinguísticas, com foco nas variedades dialetais, este livro oferece rica e ampla gama de recortes nessa área. Embora nos artigos aqui publicados predominem os estudos no âmbito da lusofonia portuguesa e brasileira, os organizadores não se furtaram de aceitar e incluir estudos sobre outras línguas do mundo românico, o que condiz perfeitamente com o perfil do homenageado. E para concluir essa breve apresentação, tomo a liberdade de retomar uma passagem do artigo de Fernando Brissos, a qual expressa de forma sintética quem é João Saramago e o que ele representa para a Dialetologia e a Geolinguística:

> Desde a década de 1970 que Saramago pertence aos grupos de trabalho de todos os atlas linguísticos realizados em Portugal, sejam projetos internacionais como o ALE – Atlas Linguarum Europae (CARRILHO, [s.d.]) e o ALiR – Atlas Linguistique Roman (SEGURA, [s.d.]), seja o projeto de atlas linguístico de Portugal, i.e. o ALEPG – Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (SARAMAGO, 2006); na prática, o autor integra as equipas desses atlas praticamente desde o início dos trabalhos. Essa extensa experiência, a qualidade da produção científica daí resultante e as raras características humanas de Saramago tornam-no uma figura incontornável na geografia linguística portuguesa e românica, sendo colaborador ou consultor de um número significativo de projetos desses domínios, como, nos 25 exemplos mais atuais, a edição digital do ALPI – Atlas Lingüístico de la Península Ibérica (GARCÍA MOUTON, 2009-) e o projeto Dialetopédia (BRISSOS, 2022).

Boa leitura!

Felício Wessling Margotti
Universidade Federal de Santa Catarina

RÓTICOS NA ILHA DO CORVO COM BASE NOS DADOS DO ALEAç: UMA SINGELA HOMENAGEM AO DIALETÓLOGO E AMIGO CORVINO

Silvia Figueiredo Brandão
UFRJ/CNPq
silvia.brandao@terra.com.br

Introdução

Os róticos constituem um tema complexo em diferentes sistemas linguísticos. Em Português, os tradicionalmente denominados "R fraco" e "R forte" só têm capacidade distintiva em posição intervocálica – *ca**r**o*, x *ca**rr**o,* neutralizando-se nos demais contextos.

Na norma lisboeta atual, segundo Mateus e D'Andrade (2000), o tepe distribui-se pelos contextos intervocálico (ca**[ɾ]**inho), pré-vocálico em *onset* complexo (g**[ɾ]**ato) e de coda interna (pa**[ɾ]**te) e externa (amo**[ɾ]**, faze**[ɾ]**), sendo pouco produtivo o cancelamento nestas últimas posições. Em vocábulos como ca**rr**inha, em início de vocábulo (**r**osa) e em contextos em que o rótico ocorre depois de coda preenchida – mel**r**o, des**r**egular – e de vogal nasalizada –ten**r**o – (RODRIGUES, 2013), a vibrante uvular [R] coocorre com outras

variantes [+recuadas] (as fricativas [x], [ʁ], [χ]) e com a vibrante alveolar [r], a variante conservadora). No Português do Brasil (PB), é grande a variação, sobretudo em coda silábica interna e externa, em que podem ocorrer o tepe, as fricativas velar e glotal, a aproximante retroflexa e o cancelamento – *fala**[h]** > fala.*

Quanto às variedades faladas na África, em que o Português, L1 ou L2, coexiste com crioulos de base lexical portuguesa, como em São Tomé (PST), ou com diversas línguas do grupo Banto, como em Moçambique (PM), focos de estudos mais recentes, Brandão e De Paula (2018, p. 97) afirmam que

> não há, na fala de muitos indivíduos, o mesmo tipo de distribuição de segmentos que se verifica no Português Europeu (PE) e no Português do Brasil (PB). Em alguns casos, a neutralização entre o rótico [+ant] e o [-ant] se dá também no contexto intervocálico, em que tanto pode ocorrer um tepe quanto uma vibrante alveolar (ou uma fricativa uvular sonora, no caso do PST), anulando distinções do tipo *caro* x *carro*. Tal variação também está presente no contexto inicial de vocábulo ([ɾ]oça/[r]oça), em que, no PE atual, se esperaria, por exemplo, a vibrante uvular ou a vibrante alveolar (a pronúncia mais conservadora) ou, ainda, uma fricativa.

No PST, inclusive, Bouchard (2017), registra, além da diversidade de concretizações acima referida, a emergência da fricativa uvular sonora [ʁ], como em p**[ʁ]**ofesso**[ʁ]**a*,* mais frequente na fala dos jovens. Segundo ela, o uso dessa variante, nesses contextos, teria caráter ideológico, sendo um símbolo de "santomensidade", isto é, um traço identitário que distinguiria o PST do PE[1].

As primeiras menções de que se tem conhecimento sobre a mudança na concretização do "[r] românico original", nas palavras de Veloso (2015, p. 324), em contexto de ataque simples, en-

[1] É interessante notar que Pereira (2020, p. 73) relata que quatro informantes do *Corpus* MADISON-PE (c.f. seção 6.3), na *área* continental, apresentaram variantes posteriores em contextos (inclusive o intervocálico) em que elas não ocorreriam no PE padrão, citando como exemplos b[ʁ]aço, i[ʁ]mão e do[ʁ]es, casos em que o tepe seria o esperado.

contram-se em breves passagens de duas das obras de Gonçalves Viana, numa das quais se menciona o PB.

> Elle est prononcée un peu plus en arrière que r simple, et est généralement linguale. On trouvera individuellement des *r* vibrantes uvulaires, même parmi des gens qui prononcent *r* simple comme une linguale [...] Quelquefois je prononcé le *r* initial comme une fricative sonore, une espèce de rz [...] J'ai rarement trouvé cette particularité dans la prononciation d'autres individus portugais. Ce r fricatif sonore est cependant assez fréquent dans la prononciation des Brésiliens, et remplace chez eux le *r* vibrant; je ne saurais dire, toutefois, jusqu'à quel point cette prononciation est individuelle ou dialectale; je l'ai surtout remarquée chez des naturels de Pernambuco et de São Paulo (GONÇALVES VIANA, 1883, p. 48)[2].

> La prononciation uvulaire de *rr* [...] se répand *de plus en plus dans les villes*. Cependant, on la regarde encore comme *vicieuse*, le *rr* apical étant toujours préférable au grasseyement du **R** (GONÇALVES VIANA, 1903, p. 19)[3].

Veloso (2015, p. 328), partindo das observações de Gonçalves Viana, afirma que a posteriorização de R nos contextos pré-vocálicos, que, na norma lisboeta, resultou na vibrante uvular,

> seems to be undergoing a subsequent, more drastic change in Portuguese. In fact, a growing number of speakers are replacing [R] by a *fricative* — that is to say, by an obstruent, typically behaving not as a sonorant, but more similarly to, say, a stop or an affricate, acoustically speaking —, within a

[2] Ela se pronuncia um pouco mais para trás que o r simples e é geralmente lingual. Podem-se encontrar individualmente r vibrantes uvulares, mesmo entre pessoas que pronunciam r simples como lingual [...]. Algumas vezes pronuncio o r inicial como uma fricativa sonora, uma espécie de rz [...]. Encontrei raramente esta particularidade na pronúncia de outras pessoas portuguesas. Este r fricativo sonoro é entretanto bastante frequente na pronúncia dos Brasileiros e substitui entre eles o r vibrante; não saberia dizer, todavia, até que ponto esta pronúncia é individual ou dialetal: eu a notei entre naturais de Pernambuco e de São Paulo (Tradução nossa).

[3] A pronúncia uvular rr [...] difunde-se cada vez mais nas cidades. Entretanto, considera-se ainda viciosa, sendo preferível sempre o rr apical ao *grasseyment* do R. (Tradução nossa).

> range of choices which includes, in EP, velars (unvoiced [x] or voiced [ɣ]) and uvulars (unvoiced [χ] and voiced [ʁ]).[4]

Quanto ao contexto de coda, em que a norma é o tepe, ele acusa a ocorrência de [ɽ], tepe retroflexo, "em determinados dialetos e contextos prosódicos" (VELOSO, p. 334), sobretudo na fala de indivíduos de alto grau de escolaridade, na área do Porto. No final de seu estudo (VELOSO, p. 334), apresenta uma cronologia da mudança dos róticos desde as primeiras constatações de Gonçalves Viana, abrangendo o PB e o PE. No Quadro 1, a seguir, sintetiza-se o que ele indicou apenas para esta última variedade.

Quadro 1: Evolução dos róticos no PE

Vibrantes	Pré e início do século XIX	Vibrante alveolar / r /
	Séculos XIX e XX	Vibrante uvular / ʀ /
	Século XX até o estágio atual	Fricativas [ʁ] > [χ] > [x]
Flapes	Século XIX e início do XX	Flap alveolar [ɾ]
	A partir de meados do século XX	[ɾ] Emergência do [ɽ]

Fonte: Veloso (2015, p. 334), com alterações

O autor lembra que [ɾ], [r] e [ʀ] não desapareceram completamente do PE e do PB modernos e que, no quadro, apenas "os alofones inovadores são considerados na linha do tempo de acordo com a suposta data de seu surgimento na língua" (VELOSO, p. 328).

Da oportunidade de homenagear o amigo-dialetólogo nascido no Corvo – a menor ilha do Arquipélago dos Açores e a segunda mais distante do continente europeu – e do especial interesse da autora deste texto pela geolinguística e pelos róticos, surgiu a ideia

[4] parece estar sofrendo uma mudança subsequente mais drástica [...]. De fato um crescente número de falantes está substituindo o [ʀ] por uma fricativa — quer dizer, por uma obstruinte, tipicamente não se comportando como uma sonorante, mas mais similarmente como, digamos, uma oclusiva ou uma africada, acusticamente falando – dentro de uma gama de escolhas que inclui, no PE, velares (desvozeada [x] ou vozeada [ɣ]) e uvulares (desvozeada [χ] e vozeada [ʁ]) (Tradução nossa).

de observá-los na fala dialetal do PE, no espaço restrito de uma pequena comunidade, neste caso, a da Ilha do Corvo, em um determinado período de tempo (entre os anos 1979 e 1996)[5] tendo por base as cartas, disponíveis on line[6], do Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores – ALEAç e, como referência, o quadro apontado por Veloso, no âmbito do PE.

Assim, objetiva-se, neste estudo, verificar a frequência da "constritiva alveolar sonora com batimento múltiplo [r̄]" e sua substituição pela "constritiva velar ou uvular sonora com batimento múltiplo [ʀ]" em ataque simples, bem como a produtividade da alveolar de batimento simples [r] (conforme definidas no alfabeto fonético do ALEAç), em confronto com o apagamento nos contextos pós-vocálicos, tendo em vista que este processo, ainda incipiente na norma lisboeta, é descrito como típico dos dialetos açorianos.

Para tanto, este texto subdivide-se em seis outras seções. Na segunda, mencionam-se alguns dos procedimentos metodológicos que nortearam a elaboração do ALEAç. Na terceira, apresentam-se algumas das características da Ilha do Corvo e, na quarta, dá-se uma breve notícia sobre os principais traços dos falares açorianos, com base em Segura (2003, 2013). A quinta seção é dedicada à metodologia empregada neste estudo. A sexta seção refere-se à análise de dados de R com base em algumas cartas *on line*, enquanto a sétima traz observações complementares relativas ao "R forte", segundo Pereira (2020), a que se seguem as considerações finais.

[5] Estabeleceu-se esse período pois, como consta da Apresentação, "a primeira deslocação do Grupo de Estudos de Dialectologia aos Açores ocorreu em 1979. Nessa altura efectuaram-se recolhas de prospecção na totalidade das ilhas. A campanha seguinte realizou-se em 1981 e, devido a restrições orçamentais, apenas em 1995 e 1996 foram retomados e concluídos os inquéritos nos Açores". Recolheram os dados dos Açores não só João Saramago, mas também Gabriela Vitorino e Luísa Segura.

[6] Disponível em: http://www.culturacores.azores.gov.pt/alea/pesquisa.aspx.

O ALEAç: aspectos metodológicos

O Atlas Linguístico Etnográfico dos Açores é parte de um projeto mais amplo – o Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG) – ainda em elaboração no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Como se observa na Apresentação *on line*,

> o ALEAç não tem as características de um atlas regional, na medida em que não pretende abordar de um modo aprofundado as realidades linguísticas e etnográficas locais. A descontinuidade geográfica dos Açores e a sua especificidade linguística levaram porém a perspectivar, em determinado momento, uma publicação independente dos materiais recolhidos para o ALEPG nas nove ilhas do arquipélago.

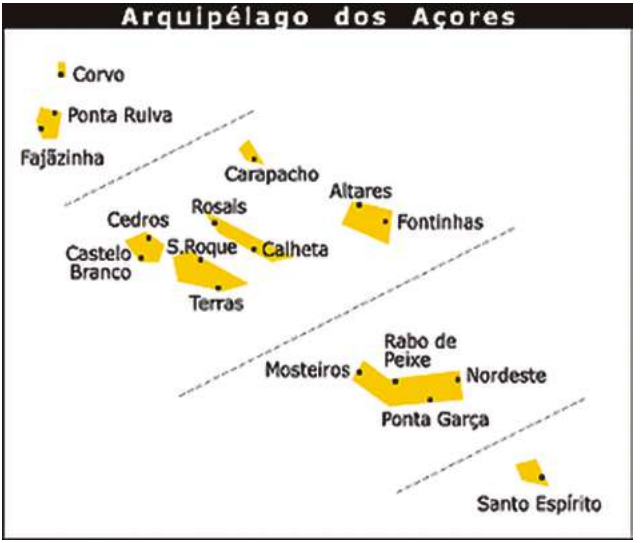
A consecução do atlas seguiu os preceitos da Geografia Linguística tradicional, pautada fundamentalmente na aplicação de questionário, de modo a registrar as peculiaridades linguísticas e etnográficas de um dado território, tendo em cada ponto de inquérito um informante principal. No ALEAç, o método empregado foi "o da pergunta-resposta segundo o questionário e o da descrição de trabalhos, em conversa livre", algumas vezes lançando-se mão de gravuras. Na Vila do Corvo, atuaram como informantes cinco indivíduos, uma mulher (doméstica) e quatro homens (dois agricultores e dois pescadores), entre 47 e 68 anos, com 3ª. ou 4ª. classe de escolaridade, sendo que os dois pescadores forneceram dados relativos especificamente à fauna e à flora marinhas.

O ALEAç é "um conjunto de mapas linguísticos, de carácter essencialmente lexical", que contempla 14 temas – a criação de gado; a vinha e o vinho; os trabalhos do linho e da lã, dos cereais ao pão; as *árvores* e o seu aproveitamento; as *árvores* de fruto; os produtos da horta; as ervas, as flores e os arbustos; a agricultura e as alfaias agrícolas; ofícios e profissões; os animais domésticos e de capoeira; os equídeos e os arreios; a fauna selvagem; a fauna e a

flora marinha – havendo, ainda, "um conjunto de mapas de carácter morfofonológico". Em todos os mapas, as respostas estão representadas foneticamente. Alguns deles contêm ilustrações (como os referentes a *peixe voador* e a *restelo*) ou são acompanhados de observações, que elencam as variantes encontradas nas diferentes ilhas e, por vezes, tratam de aspectos mais propriamente etnográficos.

No conjunto, foram contemplados 17 pontos de inquérito distribuídos pelas nove ilhas, com um único ponto no Corvo, na Graciosa e em Santa Maria; quatro, em São Miguel e dois em Flores, Faial, Pico, São Jorge e Terceira, como se observa na Figura 1.

Figura 1: Mapa com os pontos de inquérito do ALEç



Fonte: http://www.clul.ulisboa.pt/projeto/aleac-atlas-linguistico-etnografico-dos-acores.

Como se ressalta na Apresentação, os inquéritos "foram integralmente gravados em suporte magnético analógico. O registo total dos materiais açorianos atinge cerca de 440 horas de gravação".

A Ilha do Corvo

A Região Autônoma dos Açores (RAA), cuja sede administrativa se encontra em Ponta Delgada, na Ilha de São Miguel, é constituída por nove ilhas, distribuídas por três grupos. A Ilha do Corvo, a menor delas, tem 17,21km² e 386 indivíduos residentes, segundo o Censo de 2021, sendo constituída apenas pela Vila do Corvo, situada na costa sul (Cf. Figura 2).

Figura 2: Localização da Ilha e da Vila do Corvo no Arquipélago



Fontes: http://www.casadosacores-sp.com.br/sobre.html e https://pt.wikipedia.org/wiki/Corvo.

O site do Serviço Regional de Estatística dos Açores (SREA)[7] informa, no que concerne aos dados do último Censo (2021), que "em todas as ilhas dos Açores ocorreu um decréscimo da população residente, sendo este mais acentuado (em taxa de variação) nas ilhas do Grupo Ocidental – 10,2% na ilha do Corvo e -9,6% na ilha das Flores".

Como se pode observar pelo Quadro 2, em que se indica a população residente desde o primeiro censo até o de 2021, a média populacional do Corvo é oscilante, com relativa estabilidade até os anos 1960, decrescendo sensivelmente nas décadas posteriores. Tal

[7] Disponível em: https://srea.azores.gov.pt/. Acesso em: 02 mar. 2022.

oscilação deveu-se a ondas emigratórias sobretudo para os Estados Unidos.

Quadro 2: População da Ilha do Corvo de fins do século XIX aos dias atuais

Anos	1864	1878	1890	1900	1911	1920	1930	1940
População	883	880	806	808	746	661	676	691
Anos	1950	1960	1970	1981	1991	2001	2011	2021
População	728	681	485	370	393	425	430	386

Fonte: https://sites.google.com/site/ilhadocorvo/evolucao-da-populacao-1, com acréscimo.

Sendo das últimas ilhas descobertas (em 1452, por Diogo de Teive), foi lentamente ocupada a partir do século XVI. Em 1548, Gonçalo de Sousa, capitão do donatário das ilhas das Flores e do Corvo, foi autorizado a mandar para lá escravizados[8] de sua confiança – "provavelmente mulatos, oriundos da ilha de Santo Antão, arquipélago de Cabo Verde – como agricultores e criadores de gado"[9].

Em 1570, foi construída a primitiva ermida, substituída em 1795 pela atual Igreja de Nossa Senhora dos Milagres. Por volta de 1580, colonos da Ilha das Flores fixaram-se no Corvo, que, a partir de então, passou a ser permanentemente habitada, dedicando-se a população a atividades agrícolas[10] e à pecuária, bem como à pesca. Segundo Saramago e Segura (2016, p. 227),

> as ilhas, desertas à data do descobrimento, foram povoadas majoritariamente por populações oriundas de Portugal continental. Numa primeira fase, os povoadores eram originários do Sul e, posteriormente, doutras regiões, principalmente do Centro-Sul e do Norte (sobretudo do Minho).

[8] Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Escravidao.

[9] A maior parte das informações foi obtida em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Corvo_Açores)#Descoberta_e_povoamento. Acesso em: 25 fev. 2022.

[10] Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Agricultura.

Em nota, acrescentam que povoadores flamengos também se instalaram "nalgumas ilhas, sobretudo nas do grupo central, com principal incidência no Faial" (p. 227, nota 76).

Atualmente, o setor primário é a principal área de atividade econômica da ilha, destacando-se as culturas forrageiras, as de batata, citrinos e cereais, especialmente milho. Quanto à pecuária, os bovinos, os suínos e as aves constituem as principais espécies de criação. O queijo e os lacticínios são os principais produtos.

Em 2007, a Ilha foi declarada reserva da Biosfera pela UNESCO e, atualmente, vem investindo no turismo, oferecendo, entre outras atividades, passeios de barco, mergulho, pesca submarina, passeios pedonais, com destaque para a subida ao Caldeirão, lagoa formada no interior da cratera do vulcão que deu origem à ilha. O Corvo conta com um aeródromo, nas proximidades do qual existem moinhos de vento classificados como imóveis de interesse municipal.

Como se verá na próxima seção, muitas são também as peculiaridades linguísticas do Corvo.

Brevíssima caracterização dos dialetos açorianos

Embora haja diversos estudos sobre os dialetos açorianos (entre os quais, SARAMAGO, 1989, 1992, 1994), para dar uma notícia sobre os seus traços mais marcantes, recorre-se a Segura (2003; 2013), que trata da variação dialetal em território português. Ela observa que os dialetos insulares (Açores e Madeira) apresentam "um conjunto de fenómenos próprios que não se encontram nos dialetos continentais" (SEGURA, 2003, p.186), embora, pela classificação de Lindley Cintra, possam coincidir, em alguns aspectos, com os de dialetos continentais.

Parece ser no vocalismo que se concentram os fatos que realmente singularizam os Açores. No dialeto micaelense, por exemplo, "o sistema vocálico acentuado sofre uma ação em cadeia" (SEGURA, 2013, p. 111): /i/ é produzido com maior abertura e abaixamento, como [ɪ], quase um [e]; /e/ centraliza-se em [ɜ], aproximando-se de [ɐ]; /ɛ/ sofre abaixamento e concretiza-se como como [æ]; /ɔ/ pode se realizar com maior elevação aproximando-se de [o]; /o/ também sofre alteamento, aproximando-se de [u]; enquanto /u/ se palataliza em [ʏ]. A vogal /a/, por sua vez, é a que apresenta maior variação: pode concretizar-se como central baixa [a], "pode recuar em vários graus [ɑ] ou [ɒ], aproximando-se de [ɔ], chegando, por vezes, a ser mesmo pronunciada como [ɔ], sobretudo sob o efeito metafônico de [u] final". Por outro lado, *ei* monotonga em [e], ao passo que *ou*, ora alterna com *oi* ora monotonga em [ø].

Quanto aos dialetos terceirenses, o traço individualizador "é a modificação da estrutura da sílaba acentuada sempre que, na sílaba anterior ou na sílaba final do vocábulo precedente, existe (ou existiu) [i] ou [j], [u] ou [w]" (SEGURA, 2003, p. 187), o que gera as semivogais [j] ou [w], respectivamente, antes da vogal acentuada com a qual forma um ditongo crescente: [pɨ'kjenɐ] (pequena) / [fu'mwar] (fumar).

Segura comenta que se trata "de um fenômeno de harmonização vocálica devido à qualidade da vogal ou da semivogal pretónicas que tem como consequência a instabilidade da sílaba acentuada", que, "dependendo do contexto anterior, pode apresentar realizações diferentes" (2003, p. 188). A autora apresenta os exemplos em (1) e (2):

(1) *a casa* [ɐ k'azɐ], *em casa* [ĩ k'jazɐ], *por casa* [pur k'wazɐ]

(2) *as pernas* [ɐʃ p'ɛrnɐʃ], *tem pernas* [tẽj p'jɛrnɐʃ], *com pernas* [ku p'wɛrnɐʃ]

Há, ainda, a harmonização vocálica condicionada pelo timbre "da vogal átona final [u] grafada -o, sobre a vogal acentuada /a/", que "sofre uma modificação no seu timbre, que a faz aproximar de [ɔ]: p[a]to é quase p[ɔ]to" (SEGURA, 2003, p. 188). Segura diz que este caso ocorre em todas as ilhas, apresentando, contudo, maior regularidade, no caso dos Açores, nas ilhas de São Miguel, Graciosa e Corvo.

Quanto aos traços comuns aos dialetos açorianos, no que toca ao consonantismo, Segura ressalta o cancelamento de R em coda externa não só predominantemente diante de consoante, como atestam estudos sobre a norma lisboeta de Mateus e Rodrigues (2003), Brandão, Mota e Cunha (2003), Serra e Callou (2015), Brandão (2022), mas também seguido de pausa, como se verificará na seção 6, o que vai de encontro ao padrão usual no continente. Como afirma Segura (2013, p. 116):

> Em alguns dialetos, o fenómeno é de tal maneira frequente e relevante que pode ter implicações no nível da formação do plural das palavras, podendo este ser realizado como se a palavra terminasse por vogal, como em [ɐlɐɣáʃ], forma registada como plural do nome *alagar* (= *lagar*), correspondendo pois a *alagares* (*lagares*) (cf. Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores (ALEAç, v. II, Mapa 273).

Segura observa, ainda, que esse cancelamento ocorre "praticamente em todas as ilhas," embora com menos regularidade no Faial e no Pico (SEGURA, 2013, p. 116).

Procedimentos metodológicos para este estudo

Para a elaboração deste estudo, de caráter meramente descritivo, consultaram-se todas as cartas linguísticas do ALEç disponíveis *on line*, separando-se aquelas com itens lexicais com rótico(s) nos contextos que se pretendia analisar e que estão exemplificados no Quadro 3, com exemplos transcritos ortograficamente.

Desconsideraram-se os dados de R em ataque complexo [cab**r**ita) e de "R fraco" intervocálico (bác**o**r**o**), contextos em que, quando o segmento é produzido, se registra o tepe, representado no atlas por [r].

Quadro 3: Contextos de R observados neste estudo

SIGLA	Contextos	Exemplos	Carta
IV	Inicial de vocábulo	**r**oca	233
VV	Intervocálico	pa**rr**a	146
CM	Coda medial	mo**r**cela	135
CF	Coda final	cobri**r**/tea**r**	408

Estabeleceram-se as variantes de R com base no alfabeto fonético definido no atlas, que foi organizado "em 1974, com base no IPA, adoptando, porém, uma série de diacríticos que permitiam uma adaptação *às* variantes fonéticas locai*s*" (cf. em anexo).

[r] - constritiva alveolar sonora com batimento simples

[r̄] - constritiva alveolar sonora com batimento múltiplo

[R] - constritiva velar ou uvular sonora com batimento múltiplo

[ʳ] – [r] com menor tensão articulatória ou perceptibilidade reduzida

Considerou-se, ainda, o cancelamento do segmento em contexto de coda e a variante [rɨ], que corresponde, em contexto final, *à* inserção da vogal [ɨ] para abrir sílaba, característica que se costuma atribuir *à* fala dialetal do PE.

As variantes foram contabilizadas por contexto (cf. Quadro 3) tendo como objetivo principal, de um lado, retratar a produtividade de [R] (nos contextos IV, VV), considerado inovador em PE, como acima referido, e, de outro, o cancelamento nos contextos CM, CV.

Análise dos dados com base em Cartas *on line* do ALEAç

Consultadas todas as Cartas lexicais (1104) e morfofonológicas (70), foram encontradas, respectivamente, 265 e 12 que continham registros com um ou mais róticos na Ilha do Corvo, obtendo-se um total de 411 ocorrências (93 em IV, 80 em VV, 111 em CM e 127 em CF), cuja distribuição contextual se encontra na Tabela 1.

Tabela 1: Índices relativos às variantes de R por contexto na Ilha do Corvo

Frequência das variantes de R por contexto												
Variantes	**[R]**		**[r̄]**		**[r]**		**[ri]**		**[ʳ]**		**Cancelamento**	
Contextos	**Apl/ Oco**	**%**	**Apl/ Oco**	**%**	**Apl/ Oco**	**%**	**Apl/ Oco**	**%**	**Apl/ Oco**	**%**	**Apl/ Oco**	**%**
IV	30/93	32,3	63/93	**67,7**								
VV	17/80	21,2	63/80	**78,8**								
CM	1/111	0,9			107/111	**96,4**			3/111	2,7		
CF	2/127	1,6	4/127	3.1	49/127	**38,6**	19/127	15	3/127	2,4	50/127	**39,4**

Fonte: elaboração da autora

Como se verifica, nos contextos pré-vocálicos, predomina a vibrante alveolar múltipla ([r̄]), com frequência de 67,7% em início de vocábulo (IV) e 78,8%, quando intervocálico (VV). Em coda medial (CM), o tepe ([r]) é quase categórico (96,4%), enquanto, na final (CF), os índices de [r] (38,6%) e de cancelamento (39,4%) estão muito próximos. Parece ser, portanto, no contexto intervocálico, que [R], na época em que foram recolhidos os dados, se estava difundindo na fala da comunidade.

Os únicos dados em que R aparece em contexto medial não intervocálico correspondem a *melro* (Carta 958) e *guelras* (Carta 1041), no primeiro caso, com vibrante alveolar, no segundo, com [R]. Nesta última carta, encontrou-se, ainda, a forma *guerlas,* que foi computada em virtude da nova posição do rótico (CM) e que consistiu no único dado em que, em coda medial, ocorreu [R], certamente por conta da hipértese, embora haja registros de R forte diante de /n/ e de /l/.

Em decorrência da proposta metodológica do Atlas, os róticos só estão representados em nomes (substantivos e adjetivos) e verbos no infinitivo, havendo, no entanto, 4 dados em que aparecem em formas de gerúndio:

(3) [tˈa urdiɲ"ɐ̃ʷdʰ] (*está ordenhando*, Carta 72: mungir);

(4) [tˈɐ̥̃ʷ ɐr̄uʎɐ̃ʷ] (*estão arrulhando*, Carta 878: rolar, no sentido de arrulhar);

(5) [tˈ ɐ̃ sⁱ r̄ul ˈɐ̃ʷd] (*estão se rolando*, Carta 891: espojar-se),

(6) [tˈ ɐ̃ ɐzur̄ ˈ ɐ̥̃d̥ʰ] (*estão zurrando*, Carta 898: zurrar). [tˈ ɐ̃ ɐzur̄ ˈ ɐ̥̃d̥ʰ]

Os contextos pré-vocálicos

No que respeita aos contextos pré-vocálicos, procedeu-se a uma comparação do que se observa na fala do Corvo com o que se verifica nas demais ilhas, de modo a testar a hipótese de que [R] estaria mais difundido nos dialetos açorianos do que permitem supor os índices expostos na Tabela 1. Para tal comparação, elegeram-se quatro cartas – *roca* (233), *rodo* (410), *serra* (1089), *cagarro* (1170) –, em que a variante [R] predominasse no Corvo. Na Tabela 2, indica-se o número de ocorrências, uma vez que pode existir mais de

um registro fornecido por um informante, independentemente de haver um só ou mais de um ponto de inquérito em cada ilha.

Tabela 2: Variantes de R nos contextos pré-vocálicos em quatro Cartas do ALEç

Carta	**r**oca (621)		**r**odo (410)		se**rr**a (472)		Caga**rr**o (1170)		**Total por ilha/variante**	
Variante / **Ilha**	**[R]**	**[r̄]**	**[R]**	**[r̄]**	**[R]**	**[r̄]**	**[R]**	**[r̄]**	**[R]**	**[r̄]**
Corvo	2		1	1	2		1		6/7	1/7
Flores	1	1	1		1		1		4/5	1/5
Faial	1		3		1		2		7/7	0/7
Pico	1		2		1		1		5/5	0/5
São Jorge	1	2	1	1	1		1		4/7	3/7
Graciosa	1		----	----	1		2		4/4	0/4
Terceira		2	2		3		2		7/9	2/9
Santa Maria	2	2	2			1		1	**4/8**	**4/8**
São Miguel	4	2	6	2	3		5		18/22	4/22
Total por carta	**13**	**9**	**18**	**4**	**13**	**1**	**15**	**1**	**59/74**	**15/74**

A variante considerada inovadora está presente em todas as ilhas, sobretudo na de São Miguel, a que dispõe do maior número de pontos de inquérito, em contexto tanto inicial de vocábulo quanto intervocálico, permitindo formular a hipótese de que um levantamento que leve em conta novos registros nos Açores possa redundar na definição de áreas mais e menos conservadoras em relação aos róticos.

Mencione-se, ainda, que o R em contexto pré-vocálico (VV), em sílaba postônica, como em *beze**rr**o* (24), com apócope da vogal a ele subsequente, mantém-se como [r̄] ou [R], isto é, como variante forte, de que servem de exemplos [bz'eɾ̄], no Corvo e em São Miguel, e [bz'eR̄], nesta última.

O CONTEXTO DE CODA FINAL

No que tange ao contexto de coda final, a manutenção da vibrante simples ([r]) concorre, no Corvo, com o cancelamento, que, conforme afirmou Segura (2013: 115-116), incide em nomes e verbos em especial diante de pausa, em todos os dialetos açorianos.

Com o cruzamento de dados do *corpus* deste estudo, verificou-se que, no Corvo, em coda final, o cancelamento de R é mais frequente nas formas de infinitivo (56%: 41/73 ocos) do que em nomes (32%: 8/25 ocos), quando confrontado com as ocorrências de [r], tendência que se tem observado em estudos sobre o tema no PB. Callou (1987) diz serem os monossílabos tônicos os mais resistentes ao apagamento. No ALEAç, só há dois monossílabos finalizados por R: *mar e flor*.

(a) *mar* ocorre nos compostos [gɐrˈowpɐ ðᵘ mˈarˈaɬᵗ] (Carta 1066, *garoupa-do-alto*), apenas no Corvo, [mɲˈɔkɐ ðu ma̠r] e [bˈ iʃɐ ðu mˈar] (*minhoca,* Carta 1166), respectivamente no Corvo e no Faial.

(b) *flor* ocorre nos 17 pontos de inquérito (Carta 627, que apresenta também as variantes *rosa* e *felhor*), sendo que nas ilhas dos grupos ocidental e central sempre com [r], havendo variação nas do grupo oriental: flo[r], flo[rⁱ], flo[ʳ] e cancelamento.

Na Tabela 3, procede-se, em relação à coda final, ao mesmo tipo de confronto realizado com os contextos pré-vocálicos, com base nas Cartas *lavrador* (666), *peixe voador* (1096), *tecer* (269) e *rachar* (469) e levando em conta o cancelamento em contraste com a plena concretização da alveolar com batimento simples – [r] – e aquela com menor tensão articulatória ou perceptibilidade re-

duzida – [ɾ] –, que aqui se considera como uma etapa anterior ao cancelamento.

Tabela 3: Variantes de R em coda final em quatro Cartas do ALEç

Carta	lavrador (666)			voador (1088)			tecer (269)			rachar (469)			Total por Ilha/variante		
Variante / Ilha	Canc.	[r]	[ɾ]	Canc.	[r]	[ɾ]	Canc.	[r]	[ɾ]	Canc.	[r]	[ɾ]	Canc	[r]	[ɾ]
Corvo	1			1	2		1	1		2	2		5/10	5/10	0/10
Flores	1	1	1		2		1		2		3		2/11	6/11	3/11
Faial	---	---	--		2			1			1		0/4	4/4	0/4
Pico	1		2		1			2		2	2		3/10	5/10	2/10
São Jorge	1	3			1			2			4		1/11	10/11	0/11
Graciosa	1			1			1			1			0/4	4/4	0/4
Terceira	1	1	1	1	1		1		2	2		1	**5/11**	**2/11**	4/11
Santa Maria		1		--	--	--		1			1		0/3	3/3	0/3
São Miguel	3	3		1	2	1		3		9	4		13/26	12/26	0/26
Total por carta	**9**	**9**	**4**	**4**	**11**	**1**	**4**	**10**	**4**	**16**	**17**	**1**	**29/90**	**51/90**	**9/90**

No âmbito dos dois nomes, prevalece o [r] com 20 ocorrências, embora o vocábulo lavrador apresente o mesmo número (9) de cancelamentos e de realizações de [r]. Quanto às duas formas verbais, em que há também 20 dados de cancelamento, o [r] é mais produtivo (27 dados), confirmando-se, assim, o predomínio da vibrante simples (o tepe) em 51 dos 90 dados, o que corresponde a 56% do de frequência. Evidentemente que só um estudo extensivo poderá dar a real dimensão do cancelamento do rótico nos falares dos Açores.

Sobre essas cartas, cabem algumas observações, uma vez que, em algumas delas,

(a) também se registra a abertura de sílaba por meio de

inserção de [ɨ]:
(i) na carta *lavrador,* nos dois únicos registros no Faial, e em duas das ocorrências em São Miguel;
(ii) na Carta *peixe voador*, na única ocorrência em Santa Maria;
(iii) na Carta *tecer*, em São Miguel (3 das ocorrências)

(b) há outras variantes lexicais:
(i) na Carta *peixe voador,* a forma *peixe avião;*
(ii) na Carta *rachar* (lenha): *fender*, no Corvo, com apagamento; nas Flores, com [r]; *partir*, *picar*, *cortar*, com [r] no Pico; *cortar* e *abrir*, com cancelamento, na Terceira; *partir* (cancelamento) e *picar* (com [r]) em São Miguel; e re*fende**r***, com [r], em Santa Maria.

Observações complementares sobre o "R forte"

Em seu estudo sobre a influência açoriana em Santa Catarina, no Sul do Brasil, Furlan (1989, p. 120) citou alguns trabalhos, divulgados entre 1948 e 1982, que mencionam a variação dos róticos nos falares dos Açores. Para uns, a pronúncia apical predominaria, salvo no Faial, onde a vibrante velar/uvular seria mais comum. Duas dissertações de Licenciatura sobre a Ilha Terceira (uma de 1965, outra, de 1982) teriam registrado apenas a vibrante alveolar. A realização como uvular teria sido consignada na fala de um informante da Graciosa e de outro do Pico.

Trabalho recente e minucioso sobre o "R forte" no PE (PEREIRA, 2020) permite trazer outras informações sobre os róticos nos Açores. O autor recorreu a diversas fontes de dados dialetais: ao *Corpus* MADISON (Mapa Dialetal Sonoro)[11], a transcrições

[11] O *Corpus* MADISON reúne fragmentos de recolhas efetuadas, no último quartel do século XX, com vista à realização de vários atlas linguísticos: ALEPG, ALE, ALIR (Atlas Lin-

fonéticas já existentes por ponto de inquérito na base de dados do ALEPG e do Atlas Linguarum Europae (ALE) e a gravações dialetais de todos os pontos de inquérito do distrito de Lisboa e de parte da península de Setúbal.

Diante da amplitude dos levantamentos por ele realizados e da complexidade do tema, mencionam-se, aqui, apenas alguns dos resultados referentes aos Açores, obtidos, **(a)** numa primeira etapa, por meio de audição por ele realizada de dados do *Corpus* MADISON e, **(b)** num segundo momento, por meio do levantamento de transcrições presentes nas cartas do ALEPG e do ALE.

(a) Quanto ao *Corpus* MADISON

No Anexo 1 (p. 173-174), Pereira expõe as variantes que ele encontrou nos fragmentos de entrevistas que compõem o *Corpus* MADISON, indicando cada localidade, o sexo e a idade do informante, bem como a data da entrevista, e representando-as de acordo com as convenções do IPA. No que respeita à Vila do Corvo, Pereira fornece os dados que se transcrevem no Quadro 4.

Quadro 4: Variantes de "R forte" na Ilha do Corvo, com base no *Corpus* MADISON, segundo Pereira (2020)

Sexo	Idade	Data de recolha	Variantes de R-forte	Observações
F	41	1979/11	[r]	[r] também antes de [n] e [l]
F	59	1979/11	[ʀ], [r]	
M	65	1979/11	[r]	
M	65	1979/11	[r], [ɻ̟]	

Fonte: Pereira (2020, p. 174, Anexo 1) com várias alterações.

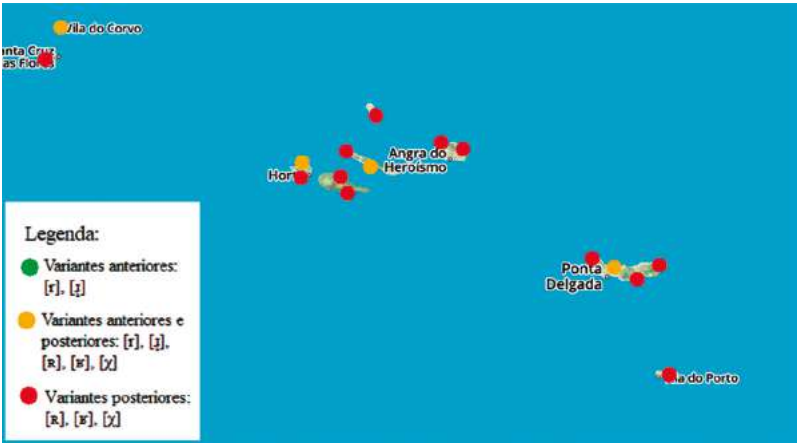
Dos quatro informantes, apenas uma das mulheres apresentou a variante [R], enquanto um dos homens realizou [ɻ̟], que,

guistique Roman) e ALLP (Atlas Linguístico do Litoral Português). Disponível em http://cards-fly.clul.ul.pt/teitok/madison/pt/index.php?

segundo Pereira, foi por ele, pela primeira vez, documentada no âmbito do PE.

Quanto às demais ilhas, ele registrou, preponderantemente, a fricativa uvular sonora [ʁ] e a vibrante uvular [ʀ], variantes recuadas, sintetizando seus achados em um mapa (p. 76), que está reproduzido na Figura 3, ressaltando-se que, no Corvo, os informantes realizaram, preferencialmente, a vibrante alveolar (múltipla) [r], como se verifica no Quadro 4.

Figura 3: Mapa da variação dialetal do R-forte no arquipélago dos Açores com base no *Corpus* MADISON



Fonte: Pereira (2020, p. 76)

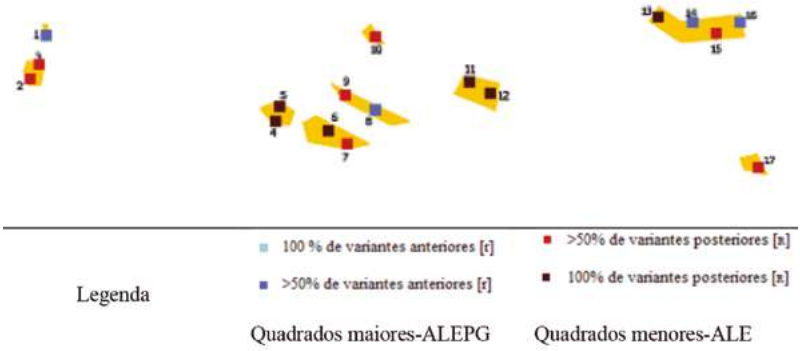
(b) Quanto às transcrições do ALEPG e do ALE

No que tange aos resultados derivados da observação das transcrições dos referidos atlas, Pereira organizou cinco mapas, que também cobrem o território continental e a Madeira, indicando, de diferentes formas[12], os percentuais de ocorrência das varian-

[12] Distribuição do R-forte em Portugal por presença de cada tipo de variante; por presença de cada tipo de variante pela sua predominância; as isófonas dos pontos onde há mais do que 50% de variantes posteriores; distribuição das variantes fonéticas do R-forte Portugal por percentagem de informantes em cada ponto de inquérito com cada tipo

tes alveolar e velar/uvular de "R forte". Dentre eles, selecionou-se, do que constitui a sua Figura 16 (p. 90), apenas o que concerne aos Açores.

Figura 4: Distribuição de R forte por presença de cada tipo de variante pela sua predominância



Fonte: Pereira (2020, p. 90), com alterações

Por esse último mapa, no Corvo, 50% das ocorrências de "R forte" correspondem à vibrante alveolar. Em São Jorge, no ponto de inquérito 9 (Rosais) só se registra [R], da mesma forma que no ponto 15 (Ponta Garça) em São Miguel, ilha em que, no ponto 13 (Mosteiros) houve 100% de [R].

Congregando as informações expostas nos Quadros 2 e 3 e na Figura 3, de acordo com Pereira (2020), às que se expuseram na Tabela 1 deste estudo no que se refere ao R forte, (67,7% de [r̄] em início de vocábulo e 78,8%, em contexto intervocálico) verifica-se que a variante conservadora ainda é produtiva na Fala do Corvo.

de variante (Figura 18); distribuição das variantes fonéticas do R-forte por ocorrência apenas no informante principal de cada ponto de inquérito, respectivamente, Figuras 15 a 19.

Considerações finais

Este breve estudo teve por objetivo principal homenagear o querido amigo e dialetólogo João Saramago, motivo pelo qual se centrou na fala do Corvo. Com base fundamentalmente em um pequeno número de cartas do ALEAç disponíveis *on line,* apresentaram-se, na seção 6, os resultados da análise das variantes de R por contexto, buscando, ainda, contrastar o que se observa no Corvo ao que se registra na fala das demais ilhas. Verificou-se que, no Corvo, em contexto pré-vocálico, predomina a variante [r̄] (a vibrante alveolar), enquanto, em coda final, [r] (o tepe) concorre com o cancelamento. Os índices expostos nas Tabelas 2 e 3, bem como as observações complementares, especificamente sobre o "R forte", coligidas por Pereira (2020), mostram um quadro complexo, cuja análise, endossando as palavras de Brissos, Gillier e Saramago (2017, p. 21), coloca maiores desafios para o pesquisador do que aquelas realizadas em áreas contínuas:

> O fator autonomia, ou isolamento insular, tem sido fundamental no desenvolvimento das personalidades dialetais da região. Por muito que cada local esteja inserido numa coerência geográfica macro, a sua posição micro reside na ilha de que faz parte e é sempre a primeira identidade. Mais do que isso, o desenvolvimento mais ou menos autónomo que cada ilha tem confere um elevado grau de imprevisibilidade e desordenamento espacial aos padrões de variação da região.

Os autores dizem ser necessário levar em conta outras áreas gramaticais, para que se chegue a uma "proposta robusta de classificação dos dialetos açorianos", baseada em dados quantitativos, no caso, os propiciados pela metodologia dialetométrica, por meio da qual empreenderam seu estudo sobre o léxico, e, se poderia acrescentar, também por estudos de caráter mais propriamente sociolinguístico, em que se controlem variáveis estruturais e sociais que

permitam delinear os fatores que concorrem, por exemplo, para a adoção das variantes recuadas de R ou para o seu cancelamento em coda. Nesse sentido, os dados do ALEAç, assim como o estudo de Pereira (2020), que abrange as áreas insulares e continental, representam uma motivação para que se observe, 26 anos decorridos desde as últimas recolhas, o que permanece e o que mudou na dinâmica linguística dos Açores, cuja instabilidade populacional (cf. Quadro 1) tem de ser levada em conta.

Cabe, por fim, ressaltar a importância dos atlas linguísticos, que, a par de fornecerem uma visão panorâmica dos falares, revelam, ainda, traços da cultura e da história das comunidades e, naturalmente, dos indivíduos que as integram.

Referências

BOUCHARD, Marie-Eve. **Linguistic variation and change in the Portuguese of São Tomé**. 2017. 365f. Dissertation (Doctor of Philosophy) – Departament of Linguistics, New York University, New York, 2017.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. Sobre o apagamento de R em coda final em variedades urbanas do português. **Cuadernos de la ALFAL**, v. especial, p. 203-224, ago. 2022.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo; DE PAULA, Alessandra. Róticos nas variedades santomense e moçambicana do Português. *In*: BRANDÃO, S. F. (Org.). **Duas variedades africanas do Português**: variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas. São Paulo: Blucher, 2018. p. 93-118.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo; MOTA, Maria Antónia; CUNHA, Cláudia de Souza. Um estudo contrastivo entre o português europeu e o português do Brasil: o –R final de vocábulo. *In*: BRANDÃO, S. F.; MOTA, M. A. (Orgs), **Análise contrastiva de variedades do Português**: primeiros estudos. Rio de Janeiro: In-Fólio, 2003. p. 163-180.

BRISSOS, Fernando, GILLIER, Raïssa, SARAMAGO, João. Variação lexical açoriana: estudo dialetométrico do Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores. **Revista Galega de Filoloxía**, Monografia 11, p. 28, 2017. Disponível em: https://illa.udc.gal/rgf/monografias/pdf/mon_11.pdf. Acesso em: 28 fev. 2022.

CALLOU, Dinah Maria Isensee. **Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta carioca**. Rio de Janeiro: PROED - UFRJ, 1987.

CENTRO DE LINGUÍSTICA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA. **Atlas Linguístico-Etnográfico Dos Açores (ALEAç)**. Versão *on line*. Direcção Regional da Cultura - Região Autónoma dos Açores. Disponível em: http://www.culturacores.azores.gov.pt/alea/. Acesso em: 01 fev. 2022.

FURLAN, Oswaldo Antônio. **Influência açoriana no Português do Brasil em Santa Catarina**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1989.

GONÇALVES VIANA, Aniceto dos Reis. Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise d' après le dialecte actuel de Lisbonne. **Romania**, v. 12, n. 45, p. 29-98, 1883.

GONÇALVES VIANA, Aniceto dos Reis. **Portugais**: phonétique et phonologie morphologie textes. Leipzig: B.G. Teubner, 1903.

MATEUS, Maria Helena Mira; D'ANDRADE, Ernesto. **The phonology of Portuguese**. Oxford: University Press, 2000.

MATEUS, Maria Helena Mira; RODRIGUES, Celeste. A vibrante em coda no Português Europeu. *In*: HORA, Dermeval da; COLLISCHONN, Gisela (Orgs.). **Teoria linguística**: fonologia e outros temas. João Pessoa: Editora Universitária, 2003. p. 181-199.

PEREIRA, Rodrigo Miguel dos Santos. **O R-forte em Português Europeu**: análise fonológica de dados dialetais. 2020. 196f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Linguística, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2020. Disponível em: http://hdl.handle.net/10451/44396. Acesso em: 20 fev. 2022.

RODRIGUES, Celeste. Consonantismo. *In*: RAPOSO, Eduardo Buzaglo Paiva; BACELAR DO NASCIMENTO, Maria Fernanda; MOTA, Maria Antónia Coelho da; MENDES, Amália (Orgs.). **Gramática do Português**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. v. 3. p. 3333-3368.

SARAMAGO, João Antonio das Pedras; SEGURA, Maria Luísa. Açores e Ilha de Santa Catarina: 8000 quilómetros e 260 anos depois. *In*: AGUILERA, Vanderci de Andrade; DOIRON, Maranúbia Pereira Barbosa (Orgs) **Estudos geossociolinguísticos brasileiros e europeus**: uma homenagem a Michel Contini. Cascavel-PR: EDUNIOESTE; Londrina: EDUEL, 2016. p. 225-236.

SARAMAGO, João. A influência da idade e do sexo na variação interna do dialecto da ilha do Corvo (Açores). **Revista Internacional de Língua Portuguesa**, Lisboa, n. 12, p. 124-133, 1994.

SARAMAGO, João. **Le parler de l'ile de Corvo – Açores**. Hors série n.º 1. Centre de Dialectologie, Grenoble, Université Stendhal – Grenoble III e Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, INIC, 1992.

SARAMAGO, João. Un phénomène de métaphonie dans le parler de l'ile de Corvo (Açores), son analyse acoustique". *In*: TUAILLON, Gaston (ed.). **Espaces Romans ll**. Etudes de Dialectologie et de Géolinguistique offertes à Gaston Tuaillon. Grenoble: ELLUG, Université Stendhal--Grenoble 3, 1989. p. 428-433.

SEGURA, Luísa. Variação dialectal no território português: conexões com o português do Brasil. *In*: BRANDÃO, S. F.; MOTA, M. A. (Orgs). **Análise contrastiva de variedades do Português**: primeiros estudos. Rio de Janeiro: In-Fólio, 2003. p.181-196.

SEGURA, Luísa. Variedades dialetais do Português Europeu. *In*: RAPOSO, Eduardo Buzaglo Paiva; BACELAR DO NASCIMENTO, Maria Fernanda; MOTA, Maria Antónia Coelho da; MENDES, Amália (Orgs.). **Gramática do Português**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, v. 1, 2013. p. 85-142.

SERRA, Carolina; CALLOU, Dinah. Prosodic structure, prominence and /r/-deletion in final coda position: Brazilian Portuguese and European Portuguese contrasted. *In*: DE DOMINICIS, Amadeo (Ed). ***pS-prominenceS***: Prominences in Linguistics. Proceedings of the International Conference. Viterbo: University of Tuscia, 2015. p. 96-113.

VELOSO, João. The english R coming! The never ending story of portuguese rhotics. In: SIMÕES, Alberto; BARREIRO, Ababela; SANTOS, Diana; SOUSA-SILVA, Rui; TAGNIN, Stella (Eds.). **Linguística, informática e tradução**: mundos que se cruzam: homenagem a Belinda Maia. Oslo: Osla Studies in Language, 2015. v. 7. n. 1. p. 323-336.

ANEXO

ALFABETO FONÉTICO

CONSOANTES

p	oclusiva bilabial surda
b	oclusiva bilabial sonora
t	oclusiva alveodental surda
d	oclusiva alveodental sonora
k	oclusiva velar surda
g	oclusiva velar sonora
m	oclusiva nasal bilabial sonora
n	oclusiva nasal alveodental sonora
ɲ	oclusiva nasal palatal sonora
β	constritiva bilabial sonora
ð	constritiva alveodental sonora
ɣ	constritiva velar sonora
f	constritiva labiodental surda
v	constritiva labiodental sonora
s	constritiva predorso-alveolar surda
z	constritiva predorso-alveolar sonora
ʃ	constritiva palato-alveolar surda
ʒ	constritiva palato-alveolar sonora
l	lateral alveolar sonora (com tendência a velarizar)
l̪	lateral alveolar ou dental sonora (sem velarização)
ɫ	lateral alveolar sonora velarizada
ʎ	lateral palatal sonora
r	constritiva alveolar sonora com batimento simples
r̄	constritiva alveolar sonora com batimento múltiplo
ʀ	constritiva velar ou uvular sonora com batimento múltiplo

VOGAIS

a	central aberta
ɐ	central semiaberta
i	central fechada
æ	anterior aberta
ɛ	anterior semiaberta não-arredondada
ɔ	anterior semiaberta arredondada
e	anterior semifechada não-arredondada
ö	anterior semifechada arredondada
i	anterior fechada não-arredondada
ü	anterior fechada arredondada
ɔ	posterior semiaberta arredondada
o	posterior semifechada arredondada
u	posterior fechada arredondada

SEMIVOGAIS

j	palatal
w	labial velar

DIACRÍTICOS

O̽	realização ligeiramente centralizada de uma vogal posterior ou ligeiramente avançada de uma vogal central
O̝	realização ligeiramente centralizada de uma vogal anterior ou ligeiramente recuada de uma vogal central
O̞	realização fortemente centralizada de uma vogal anterior ou fortemente recuada de uma vogal central
O̘	realização mais aberta de uma vogal
O̙	realização mais fechada de uma vogal
Õ	vogal nasal
O̥	consoante desvozeada
O:	alongamento
Oʲ	depois de uma consoante: ligeira palatalização
Oᵝ	depois de uma consoante: ligeira africação
Oˈ	vogal acentuada

Vogal ou semivogal acima da linha: desvozeamento ou perceptibilidade reduzida.
Consoante acima da linha: menor tensão articulatória ou perceptibilidade reduzida.

ACÚSTICA CORVINA

Fernando Brissos
Centro de Linguística da Universidade de Lisboa
fernandobrissos@campus.ul.pt

Introdução

João Saramago é um açoriano militante e um corvino dedicado, com uma permanente participação nos mais diversos aspetos culturais do seu arquipélago e da sua ilha. A extensa produção bibliográfica que nos tem legado deixa-o transparecer, muito naturalmente: Saramago publicou cerca de duas dezenas de artigos ou capítulos de livro sobre os Açores, entre os quais uma mão-cheia sobre o Corvo. Destacam-se aqui vários trabalhos estruturantes, como Saramago; Gonçalves (2003), o primeiro estudo dialetométrico aplicado a materiais do arquipélago (atualizado mais tarde, também pelo próprio, em BRISSOS; GILLIER; SARAMAGO, 2017 e 2019), ou Segura; Saramago (1999), que revê, no que aos dialetos dos Açores e Madeira diz respeito, a classificação até então quase consensual do sistema dialetal português. O raio de ação dos estudos açorianos de Saramago é extenso, porém, e vai desde a edição de documentos históricos (SARAMAGO, 1993 e 2001) ao estudo da fauna marítima (SARAMAGO, 2011 e 2013a), passan-

do pela relação linguística entre os Açores e territórios que têm sido destino privilegiado da emigração originária do arquipélago (SARAMAGO; GONÇALVES, 2008) ou, até, pelos provérbios regionais (SARAMAGO, 2013b). Mais referências poderiam ser citadas para vários dos assuntos referidos, mas o ponto principal fica feito: destacam-se na produção científica de João Saramago os estudos açorianos, sob várias perspetivas. Esse é um dos principais traços característicos do autor — um dos vetores do seu legado —, mas existem outros dois tão ou mais importantes: a atualização metodológica da dialetologia do português, por um lado, e a *expertise* em geografia linguística (particularmente atlas linguísticos), por outro.

Desde a década de 1970 que Saramago pertence aos grupos de trabalho de todos os atlas linguísticos realizados em Portugal, sejam projetos internacionais como o ALE – *Atlas Linguarum Europae* (CARRILHO, [s.d.]) e o ALiR – *Atlas Linguistique Roman* (SEGURA, [s.d.]), seja o projeto de atlas linguístico de Portugal, i.e. o ALEPG – *Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza* (SARAMAGO, 2006); na prática, o autor integra as equipas desses atlas praticamente desde o início dos trabalhos. Essa extensa experiência, a qualidade da produção científica daí resultante e as raras características humanas de Saramago tornam-no uma figura incontornável na geografia linguística portuguesa e românica, sendo colaborador ou consultor de um número significativo de projetos desses domínios, como, nos exemplos mais atuais, a edição digital do ALPI – *Atlas Lingüístico de la Península Ibérica* (GARCÍA MOUTON, 2009) e o projeto Dialetopédia (BRISSOS, 2022).

Foi também no início da carreira que Saramago começou a desenvolver esforços na aplicação de métodos inovadores ao estudo dos dialetos, tendo sido pioneiro, no que à dialetologia do português diz respeito, na disseminação de duas disciplinas ainda hoje com insuficiente adesão: a fonética acústica dialetal e a dia-

letometria. São exemplos Saramago (1986), o primeiro estudo de dialetometria do português, e Martins; Saramago (1993), um dos raríssimos estudos de fonética acústica das consoantes dos dialetos portugueses. Destaca-se, não obstante, a tese de doutoramento do autor, defendida em 1988 na Universidade de Lisboa e publicada quatro anos mais tarde em francês (SARAMAGO, 1992), onde se descreve o dialeto da ilha do Corvo com base nessas duas metodologias. Se hoje não é fácil combinar duas metodologias totalmente inovadoras na descrição de um dialeto, na época era menos — e Saramago conseguiu fazê-lo perfeitamente.

A dialetometria é hoje uma disciplina em franco crescimento nos estudos do português e tal deve-se, em boa parte, ao contributo do próprio João Saramago, que tem publicado artigos sobre dialetos de um e de outro lado do Atlântico — sendo no Brasil, uma vez mais, pioneiro absoluto. Vejam-se Brissos, Gillier; Saramago (2017) e (2019), para os Açores; Brissos; Gillier; Saramago (2016), para a Madeira; e Brissos; Saramago (2019), para a Região Sul do Brasil. A fonética acústica dialetal, por outro lado, tem tido menos adesão, talvez pela maior exigência técnica no que respeita aos materiais alvo de análise; o próprio Saramago desenvolveu menos investigação nesse domínio do que em dialetometria. No presente trabalho ocupamo-nos precisamente da fonética acústica dialetal, que, de acordo com Brissos (2014a), preferimos designar por dialetologia acústica. Um racional simples explica a diferença terminológica: na dialetologia acústica, ao contrário da fonética acústica tradicional, os materiais linguísticos utilizados não são — nem devem ser — laboratoriais, pois é fora dos laboratórios que os dialetos são falados. O objetivo é o estudo dos dialetos, então a taxonomia científica deve espelhá-lo.

Saramago (1992) não pôde comparar os resultados do seu estudo acústico do dialeto corvino com mais do que os pouquíssi-

mos trabalhos do tipo então já publicados sobre o português; mas agora podemos fazer mais, pois tem vindo a ser desenvolvido o AVOC — *Atlas Acústico do Vocalismo Tónico Português*, que começou precisamente num projeto de pós-doutoramento supervisionado por J. Saramago. O objetivo do projeto é cartografar, a partir exclusivamente de dados acústicos, os sistemas vocálicos tónicos dos dialetos de Portugal. Os materiais utilizados são as gravações dos inquéritos do ALEPG e neste momento encontram-se publicados os resultados relativos ao norte e centro-sul de Portugal, que formam as duas áreas linguísticas basilares do país: cf. Brissos; Rodrigues (2016) e Brissos (2020), para o norte, e Brissos (2014a) e (2014b), para o centro-sul. Nas secções seguintes integraremos o dialeto do Corvo nos dados acústicos já conhecidos para aquelas áreas linguísticas, procurando corresponder a um dos desígnios principais da obra de Saramago: ajudar a perceber o lugar da ilha mais pequena e isolada dos Açores no sistema dialetal do país.

Materiais, métodos e dados acústicos

A metodologia do AVOC está descrita e justificada detalhadamente em Brissos (2014b, p. 68-75) e Brissos; Rodrigues (2016, p. 5-7), mas interessa extrair as principais diferenças entre esse projeto e os procedimentos utilizados por Saramago (1992). São, em todo o caso, diferenças menores, que não invalidam a comparação dos resultados de ambos os trabalhos; passamos a indicá-las sequencialmente.

- O AVOC utiliza um informante por ponto de inquérito, ao passo que Saramago utiliza três. No entanto, o perfil de informante de ambos os estudos é o mesmo: o tipo conhecido como NORM = *non-mobile, older, rural male*, i.e. o perfil clássico da geolinguística.

- O AVOC utiliza os materiais do ALEPG; Saramago recolheu materiais *in loco* para dois dos informantes utilizados, recorrendo ao *corpus* do ALEPG para o outro informante. O recurso a um terceiro informante, que não estava previsto inicialmente, deveu-se à grande variação encontrada nos valores formânticos da vogal /u/[1] dos dois informantes originais.

- O AVOC não utiliza um questionário específico, obtendo as produções linguísticas para análise em fala tentativamente espontânea; Saramago aplicou um questionário uniforme aos dois informantes originais e, no caso do informante previamente gravado para o ALEPG, utilizou contextos fonológicos tão próximos quanto possível daquele questionário. Nas palavras do próprio: «Afin de rétablir l'équilibre par rapport aux deux autres locuteurs, j'ai complété le *corpus* avec des mots qui, dans la mesure du possible, se trouvent dans des contextes consonantiques identiques» (SARAMAGO, 1992, p. 16).

- O questionário de Saramago incide essencialmente no contexto entre consoantes oclusivas (e.g. *n**u**ca*, *t**u**do*, *sab**u**go*), que facilita a deteção dos formantes no espectrograma. Os exemplos de vogais utilizados por Brissos seguem uma contextualização diferente: ocorrem apenas em sílaba CV (a estrutura canónica das línguas do mundo) e em praticamente todos os contextos consonânticos e vocálicos da língua (depois de consoantes bilabiais, alveodentais, palatais e velares e antes de todas as consoantes e vogais).

[1] Utilizamos neste trabalho, para propósitos de representação de qualidades consonânticas e vocálicas, o sistema de convenções do Alfabeto Fonético Internacional, versão revista de 2015.

– Saramago analisa normalmente 10 exemplos por vogal; o AVOC analisa 28 (= 7 exemplos por cada um dos 4 pontos de articulação possíveis da consoante inicial de sílaba).

A rede de pontos de inquérito do AVOC no norte e centro-sul de Portugal está indicada no mapa 1 (Anexo I, onde são colocados todos os mapas utilizados neste trabalho). Os valores Hertz de cada vogal em cada ponto de inquérito, bem como as cartas de formantes respetivas, podem ser consultados em Brissos (2020); para aqui mobilizaremos apenas a informação mais relevante para o estudo do dialeto corvino.

Seguindo o procedimento de Brissos (2020), as qualidades vocálicas são definidas a partir do espaço acústico dos valores Hz médios do primeiro e segundo formantes (F1 e F2, resp.) das vogais no conjunto dos dados do AVOC (que cobrem já as duas áreas capitais dos dialetos portugueses e, por isso, utilizamos como *corpus* representativo do vocalismo tónico desses dialetos). O espaço acústico, que representa não mais do que o alcance máximo, tal como medido em Hz, de um dado parâmetro sonoro, é definido por Brissos (2014b, p. 78-79), no que às qualidades vocálicas diz respeito, como

> the range of possible articulations (as measured in Hz values) from the vowel with the lowest Hz value to the vowel with the highest Hz value of the respective vowel system. For example, if [u] F2 = 1000 Hz and is the lowest of its vowel system ([u] being, thus, the rearmost vowel), and [i] F2 = 2500 and is the highest ([i] being the more fronted vowel), [u] has 0% of the acoustic space of F2, whereas [i] has 100%; the total acoustic space of F2 of that vowel system goes from 1000 to 2500 Hz, thus being of 1500 Hz. If [o] F2 = 1100 Hz, [o] has 7% of the acoustic space of F2, as 1100–1000 = 100 (the difference between [o] and the vowel with the lowest F2), and 100 / 1500 = 0,066 * 100 = 6,6 = 7.

O espaço acústico é um recurso especialmente útil para comparar produções linguísticas de diferentes falantes, pois valores Hz

semelhantes podem corresponder, em falantes diferentes, a segmentos fonéticos também eles bem diferenciados. Por exemplo, falantes com cavidades bucais menores tendem a apresentar valores Hz mais elevados na sua produção linguística (devido ao efeito de ressonância), o que, em termos práticos, pode significar e.g. que os mesmos 400 Hz de F1 correspondem a [i] (vogal alta anterior) num falante e [e] (vogal média-fechada anterior) em outro falante. As vogais, porém, não existem independentemente umas das outras, e sim num sistema fonológico que funciona como um todo; ora, o espaço acústico responde a esse problema, pois, ao contrário da relação absoluta de valores Hz, permite comparar sistemas vocálicos e não apenas vogais isoladas.

Na tabela 1 é indicado o espaço acústico médio de cada vogal nos dados do AVOC, tomando como base o sistema fonológico do português padrão europeu (/i e ɛ a ɔ o u/), que permanece inalterado desde a origem da língua (CASTRO, 2006, p. 145-147).

Tabela 1: Valores médios das vogais tónicas fonológicas do português padrão no norte e centro-sul de Portugal, em % do espaço acústico (F1; F2).

Fechadas	i (0; 100)		u (8; 7)
Médias-fechadas	e (31; 75)		o (29; 3)
Médias-abertas	ɛ (56; 67)		ɔ (56; 6)
Aberta		a (100; 35)	
	Anteriores	**Central**	**Posteriores**

Fonte: CASTRO, 2006, p. 145-147.

A tabela 2 sistematiza os limiares máximos e mínimos das qualidades vocálicas do AVOC. A posição de cada vogal de cada

ponto de inquérito nessa tabela determina a qualidade que lhe é atribuída e, bem assim, o símbolo fonético utilizado para a representar. A estipulação desse símbolo obriga aos seguintes procedimentos adicionais, cuja explicação é retirada diretamente de Brissos (2020, p. 165):

1. Para facilidade de leitura, os diacríticos relativos a abertura/fechamento são colocados por baixo da vogal, e os diacríticos relativos a avanço/recuo são colocados ao lado direito da vogal; e.g. [o̞] = vogal posterior média-fechada («*o* fechado») com abertura, [o̞˖] = vogal posterior média-fechada com avanço, [o̟˖] = vogal posterior média-fechada com abertura e avanço.

2. Se uma vogal fica mais próxima do ponto intermédio entre a qualidade vocálica a que pertence e a seguinte do que do valor médio da primeira, é-lhe colocado um diacrítico a discriminar esse facto. E.g. a vogal *ɑ* é anterior e tem 45% do espaço acústico de F1, sendo integrada na vogal [ɛ], que tem 55%; mas a vogal [e] tem 30%, o que faz com que o ponto intermédio entre [e] e [ɛ] esteja nos 42,5%; então, a vogal *ɑ* é [ɐ̟], pois está mais próxima de 42,5% do que de 55% (se, ao invés de 45% do espaço acústico de F1, tivesse 40%, seria [ɐ̞]).

3. Quando F1 e F2 indicam qualidades diferentes, o primeiro prevalece (por ter um espectro de variação mais reduzido), a não ser que em F2 a vogal se desloque para outro eixo articulatório vertical (considerando *eixos articulatórios verticais* os espaços anterior, central e posterior). No entanto, nos casos em que a vogal permanece no mesmo eixo articulatório vertical, a sua inclusão, em sede de F2, nos valores de outra vogal é indicada por diacrítico, nomeadamente a colocação, em *superscript* à sua direita, do símbolo da vogal a que os seus valores de F2 pertencem. E.g. a vogal *ɑ* pertence a [e] em F1 e a [ɛ] em F2: é portanto [eᵋ] (e não [ɛᵉ]). A vogal *β*, por outro lado, pertencendo também a [e] em F1, pertence a [a] (espaço central) em F2: é então uma vogal central de tipo *schwa*, [ɘ].

Tabela 2: Valores-base das qualidades vocálicas do norte e centro-sul de Portugal; em % do espaço acústico; tomando como referência as vogais tónicas fonológicas do português padrão.

F1	0	15,5	31	43,5	56	78	100	78	56	42,5	29	18,5	8
	i	i̯/e̯	e	e̯/ɛ̯	ɛ	ɛ̯/a̯	a	a̯/ɔ̯	ɔ	ɔ̯/o̯	o	o̯/u̯	u

F2	100	87,5	75	71	67	51	35	20,5	6	4,5	3	5	7
	i	i-/e+	e	e-/ ɛ+	ɛ	ɛ-/a+	a	a-/ɔ+	ɔ	ɔ-/ o+	o	o+/ u-	u

Fonte: Brissos (2020, p. 166).

A tabela 3, por fim, dá-nos as qualidades de todas as vogais do *corpus* do AVOC e também do Corvo. Os valores Hz das vogais corvinas e as respetivas percentagens do espaço acústico e carta de formantes são dados adiante no Anexo II.

Tabela 3: Correspondência das qualidades vocálicas encontradas no AVOC e no Corvo com o sistema do português padrão.[2]

Português padrão	**i**	**e**	**ɛ**	**a**	**ɔ**	**o**	**u**
AV	i	e	e	a	ɔ̰˖	o	ṵᵒ
CN	i	e˖	e˖	a˖	ɔ	oᵓ	uᵒ
Fs	i	ḛ	ɛ̰	a	o̰ᵓ	ṵᵒ	uᵒ
Gg	i	e	ɛ	a	ɔᵒ	o	uᵒ
B-SE	i	eᵋ	ɛ	a	ɔᵒ	o̰ᵓ	uᵒ
Sb	i	e˖	ɛ̰ᵉ	æ	ɔ˖	oᵓ	uᵒ
SA	i	ḛ	ɛᵉ	a	ɔᵒ	o̰˖	u
Ro	i	e	ɛ	a-	ɔ	o	uᵒ
Mml	i	ḛ	ɛ˖	a	ɔ-	o̰	uᵒ
Out	i	ḛ	ɛ	a-	ɔ	o̰ᵓ	uᵒ
Lr	i	e˖	ɛ̰ᵉ	a	ɔᵒ	o	u
Alp	i	ḛ˖	e	a	ɔ̰	o	~~u-~~
FA	i	eᵋ	ɛ̰	a	ɔ̰	o̰	uᵒ
CV	i	eᵋ	ɛ	a	ɔ-	o	uᵒ
Fr	i	e˖	ɛ	a	ɔ̰	o̰	ṵᵒ
Alc	i	eᵋ	ɛ	a	ɔ̰	o̰	u
FCN	i	eᵋ	ɛ̰	a	ɔᵒ	o	~~u-~~
Bl	i	e	ɛ	a	ɔ-	o	uᵒ
Cr	i	ḛᵋ	ɛ̰-	a	o̰ᵓ	o̰	u
Qt	i	eⁱ	ɛᵉ	a	o˖	ṵᵒ	u
Ms	i	ɛ̰ᵉ	ɛ̰	a-	ɔ̰ᵒ	o̰ᵓ	uᵒ
ZM	i	eᵋ	ɜ	a-	ɔᵒ	o	u
PS	i	ḛ˖	ɛ̰	ɒ	ɔ̰ᵒ	o	y-
SL	i	e	æ̰	a	ɔ̰	o̰ᵓ	ṵᵒ
Corvo	i	eⁱ	æᵉ	a˖	ɔ̰	o	~~u-~~

Fonte: Brissos, 2020, p. 167.

[2] Os pontos de inquérito são designados com as abreviaturas constantes do mapa 1. São indicados com destaque verde os pontos do norte, com destaque laranja os do centro-sul e com destaque azul o Corvo.

Passamos a analisar estes resultados.

Discussão dos resultados

Não existia há 30 anos, como se referiu, quase nenhum estudo de dialetologia acústica portuguesa e, por isso, Saramago (1992) não pôde comparar sistematicamente os seus dados com os de outras regiões do país. A informação dialetométrica sobre o sistema linguístico de Portugal era, no entanto — muito graças ao próprio Saramago —, mais abundante. Isso permitiu ao autor comparar o dialeto do Corvo com os dialetos do continente, tomando como fonte para estes os materiais do ALE. Concluiu que o Corvo se assemelha muito mais ao sul do país do que ao norte (SARAMAGO, 1992, p. 311):

> L'étude [dialectométrique] qui met en rapport le parler de Corvo avec l'espace dialectal continental met en évidence le fait qu'il existe une grande affinité entre ce dialecte et les dialectes centro-méridionaux tandis qu'avec les dialectes septentrionaux le rapport est nettement moins fort.

Essa não é uma conclusão surpreendente, pois desde sempre que os dialetos açorianos (e, em boa medida, os madeirenses também) têm sido considerados fundamentalmente análogos aos dialetos meridionais do continente; foi logo o próprio pioneiro da dialetologia científica portuguesa que referiu muito explicitamente que «Les parlers insulaires, comparés à ceux du continent, se dénoncent (surtout celui des Açores) comme originaires du Sud du Portugal» (VASCONCELOS, 1901 [1970, p. 130]). Essa ideia chegou intocável à década de 1980, quando Cunha; Cintra (1984, p. 19) consideravam que os dialetos insulares constituem um «prolongamento do grupo dos dialectos centro-meridionais», mas nos últimos 30 anos o panorama mudou. A partir dos trabalhos de Cintra 2008 [1990] e Segura; Saramago (1999), os dialetos insulares passaram a ser

considerados, de forma mais ou menos unânime, como um grupo principal do sistema dialetal português, a par dos dialetos setentrionais e centro-meridionais do continente. O que é diferente, claro, de negar a elevada semelhança dos dialetos insulares com os do sul de Portugal; se tomarmos os fenómenos linguísticos a que a proposta de classificação dos dialetos portugueses utilizada quase unanimemente recorre para subdividir os principais grupos dialetais do país (CINTRA, 1971; representada adiante no mapa 2, Anexo I), percebemos imediatamente que em todos eles os dialetos insulares concordam total ou quase totalmente com o centro-sul do país — divergindo, portanto, do norte. Temos então que os dialetos insulares, particularmente os açorianos, continuam a ser vistos como parentes muito próximos dos dialetos centro-meridionais; parentes adultos e independentes, pois tornaram-se suficientemente idiossincráticos para serem considerados um grupo próprio do sistema dialetal do país, mas próximos na mesma.

Uma simples análise qualitativa dos nossos dados mostra que também no plano do vocalismo tónico o Corvo se aproxima muito mais do centro-sul do país do que do norte — pela seguinte ordem de razões.

Os fenómenos mais salientes no vocalismo tónico corvino são os que dizem respeito a /ɛ/ e /u/ normativos, ou seja, às únicas vogais do sistema padrão que assumem uma qualidade totalmente diferente na ilha: respetivamente [æ^{e}] e [ʉ̟]. A segunda assume especial destaque no panorama geolinguístico português, pois tem sido utilizada (CINTRA, 1971; SEGURA, 2013) para delimitar as áreas dialetais mais idiossincráticas do centro-sul do país; referimo-nos às variedades da Beira Baixa e Alto Alentejo e do Barlavento do Algarve, na terminologia de Cintra (ambas definidas superiormente como «regiões subdialetais com características peculiares bem diferenciadas»; cf. o citado mapa 2).

Efetivamente, a tendência de avanço articulatório de /u/, não deixando de existir no norte de Portugal, assume muito claramente o seu expoente na metade meridional do país, como o mapa 3 deixa evidente. Por um lado, é só nessa região que /u/ é realizado fora do eixo articulatório posterior: temos [ʉ̟] — a realização que também se encontra no Corvo — em dois pontos (Alpalhão, no centro interior, e Foros da Casa Nova, litoral sul) e [y̟] em outro (Praia da Salema, no extremo sudoeste). Por outro lado, a metade Oeste do norte do país é totalmente excluída do processo, na medida em que /u/ permanece na posição mais recuada do sistema em todos os pontos da região.

A realização [æ^{e}] representa abertura de /ɛ/, o que só se encontra, mais uma vez, no centro-sul do país, como se pode observar no mapa 4; a tendência contrária, i.e. o fechamento, ocorre no norte e no centro-sul, embora sobretudo no primeiro. Tanto [æ^{e}] como [ʉ̟] são, portanto, argumentos liminares a favor da identificação do Corvo com o centro-sul do continente, e correspondente afastamento do norte. Os restantes fenómenos não são tão conclusivos, seja num sentido ou no outro.

A vogal /i/ é totalmente homogénea, quer no Corvo quer no *corpus* do AVOC. A vogal /e/ apresenta no Corvo um fenómeno menor, que é o avanço articulatório até ao espaço de /i/ (realização [e^{i}]). A posição horizontal (avanço/recuo articulatórios) das vogais médias anteriores é um traço relevante para caracterizar o centro-sul de Portugal, nomeadamente pela presença de variantes mais ou menos centralizadas (CINTRA, 1971; SEGURA, 2013; BRISSOS, 2014b e 2020). O Corvo, com os ligeiros avanços de /ɛ/ em [æ^{e}] e /e/ em [e^{i}], acaba por se afastar desse paradigma, mas esses são, como se referia, fenómenos menores: por um lado, em [æ^{e}] o facto relevante é a abertura, que se identifica muito claramente com o centro-sul; por outro lado, o avanço de /e/, apesar de minoritário,

não é totalmente desconhecido da região meridional. O mapa 5 dá-nos a distribuição dessas tendências.

A vogal /a/ apresenta no Corvo uma ligeira tendência de avanço articulatório (realização [a˖]), que, mais uma vez, faz a ilha divergir do perfil centro-sulista. Como se vê no mapa 6, existe um contraste entre o noroeste do país e o resto: só no primeiro existe avanço de /a/ e só nas restantes regiões existe recuo. Aqui, portanto, o Corvo aparenta um parentesco com o berço do país e da língua.

Já não o faz no caso de /ɔ/, realizado no dialeto corvino como [ɔ̟] e, por isso, transparecedor de uma ligeira tendência de fechamento, que encontra paralelo em vários pontos meridionais e em apenas um do norte (Fiscal, no distrito de Braga). Uma vez que a vogal /o/ corvina corresponde totalmente ao *standard* (qualidade [o]), podemos ver no fechamento de /ɔ/ uma tendência de fusão das vogais médias posteriores, que também se verifica em outras regiões do país. O mapa 7 dá-nos a distribuição das três principais tendências de fusão de vogais verificadas nos dados do AVOC: entre as médias anteriores, entre as médias posteriores e entre a média-fechada posterior e a alta posterior. O facto de, no Corvo, a questão apenas se colocar no segundo fenómeno (relação /ɔ o/) é, por si só, revelador, pois (i) a fusão de /e ɛ/ é característica do norte, embora também exista num ponto do sul (Mesquita); (ii) a fusão /o u/ também é sobretudo nortenha (existe em três pontos do norte e em um do sul); mas (iii) a fusão de /ɔ o/ exclui o noroeste e, quando se concretiza através do fechamento de ɔ/ (e não, portanto, da abertura de /o/), exclui também o nordeste. Mais um caso, portanto, de meridionalismo no dialeto corvino.

Analisados todos os segmentos vocálicos do Corvo, estamos em condições de proceder às observações finais.

Conclusão

A acústica corvina reproduz no dialeto da ilha um par de pontos que, em traços gerais, foram estabelecidos há já algum tempo a partir de duas vias diferentes: o estudo de outras áreas gramaticais (sobretudo o léxico, tal como analisado dialetometricamente por SARAMAGO, 1992) e o estudo da mesma área gramatical a partir da metodologia tradicional (fonética impressionista ou percetiva). Os pontos referidos são:

a) o dialeto do Corvo tem uma relação de grande afinidade com o grupo de dialetos centro-meridionais de Portugal; pudemos constatá-lo nas vogais /ɛ ɔ o u/ do português padrão, que no Corvo se concretizam respetivamente em [æ^{e} ɔ̟ o ʉ̟];

b) afinidade que, porém, não é total, na medida em que o Corvo não deixa de estabelecer correspondências, embora pontualmente e em fenómenos de menor importância, com os dialetos portugueses setentrionais. Verificámos este aspeto nas vogais /e a/, resp. [e^{i} a˖] no Corvo.

O dialeto corvino insere-se, portanto, no paradigma geral dos Açores, que também já se conhece há muito tempo: mais próximo do centro-sul do que do norte do país continental, mas suficientemente longe, no meio do oceano, para formar um nexo dialetal específico (um subsistema dialetal bem individualizado do sistema superior do português europeu, se se quiser).

Tendo em conta que os Açores — tal como, de resto, a Madeira — eram despovoados quando os descobrimentos portugueses os encontraram, e tendo em conta também que ainda se sabe muito pouco sobre as origens das diferentes vagas de colonos que povoa-

ram o arquipélago, conseguir estabelecer uma relação linguística de base entre os Açores e regiões específicas do continente (base natural dos colonos) é da maior relevância para reconstruir a história da região. Se esse nexo linguístico é comprovado de forma tão robusta como é possível fazer no caso do dialeto corvino (o mais bem estudado até ao momento dos dialetos açorianos), mais relevante ainda se torna, pois está em causa a ilha mais pequena e remota do arquipélago. Portanto a personalidade meridional do dialeto da ilha do Corvo traz consigo consequências importantes para os estudos de história da expansão linguística portuguesa.

Devemos esse resultado a dois méritos substanciais da investigação científica de João Saramago: (i) o estudo consequente dos dialetos açorianos em geral e do dialeto corvino em particular, por meio (ii) da aplicação de metodologias de ponta como a fonética acústica. Metodologia de base acústica que é de ponta precisamente porque consegue ser, ao mesmo tempo, tecnológica e versátil — i.e. adaptável a diferentes tipos de *corpora* e métodos —, como este trabalho, ao confrontar informação obtida há mais de trinta anos (os dados de SARAMAGO, 1992) com resultados muito recentes (os dados do AVOC), também ajudou a demonstrar.

Referências

BRISSOS, Fernando; RODRIGUES, Celeste. Vocalismo acentuado do noroeste português – descrição acústica, variação dialectal e representação fonológica. **Revue Romane**, v. 51, n. 1, p. 1-35, 2016.

BRISSOS, Fernando; SARAMAGO, João. Análise dialetométrica do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil: variação lexical. *In*: CARRILHO, Ernestina; MARTINS, Ana Maria; PEREIRA, Sandra; SILVESTRE, João Paulo (Orgs.). **Estudos linguísticos e filológicos oferecidos a Ivo Castro**. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 2019. p. 349-379. Disponível em: http://hdl.handle.net/10451/39619.

BRISSOS, Fernando; GILLIER, Raïssa; SARAMAGO, João. As variedades açorianas no sistema dialetal português: síntese atualizada. *In*: MACHADO, Maria Margarida. **O Faial e a periferia açoriana nos séculos XV a XX:** Atas do VII Colóquio realizado na cidade da Horta e na Vila das Velas entre 14 e 17 de maio de 2018. Horta: Núcleo Cultural da Horta, 2019. p. 557-576.

BRISSOS, Fernando; GILLIER, Raïssa; SARAMAGO, João. O problema da subdivisão da variedade dialetal madeirense: estudo dialetométrico da variação lexical. **Revista da Associação Portuguesa de Linguística**, v. 2, p. 31-47, 2016. Disponível em: http://ojs.letras.up.pt/index.php/APL/issue/view/116.

BRISSOS, Fernando; GILLIER, Raïssa; SARAMAGO, João. Variação lexical açoriana: estudo dialetométrico do Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores. *In*: ÁLVAREZ DE LA GRANJA, María ; BOULLÓN AGRELO, Ana; GONZÁLEZ SEOANE, Ernesto (Orgs.). Aproximacións á variación lexical no dominio galego-portugués*.* Universidade da Coruña. Monografia 11 da **Revista Galega de Filoloxía**, p. 11-28, 2017. Disponível em: http://illa.udc.es/rgf/monografias.html.

BRISSOS, Fernando. A vogal *u*, os dialectos do centro-sul português e a dialectologia acústica. *In*: APL (org.). **Textos selecionados**: XXIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Porto: Associação Portuguesa de Linguística, 2014a. p. 85-102.

BRISSOS, Fernando. **Dialetologia digital em português**: estado da questão. 2022. [Em tratamento editorial.]

BRISSOS, Fernando. Sistemas vocálicos tónicos portugueses do norte e do centro-sul: descrição acústica e tendências dialetais. **Zeitschrift für romanische Philologie**, v. 136, n. 1, p. 161-227, 2020.

BRISSOS, Fernando. New insights into Portuguese central-southern dialects: understanding their present and past forms through acoustic data from stressed vowels. **Journal of Portuguese Linguistics**, v. 13, n. 1, p. 63-115, 2014b. Disponível em: https://jpl.letras.ulisboa.pt/article/id/5628/.

CARRILHO, Ernestina (Coord.). **ALE – Atlas Linguarum Europae**, página *web* do comité português: https://www.clul.ulisboa.pt/projeto/ale-atlas-linguarum-europae. (Acesso em: 23 maio 2022). [S.d.]

CASTRO, Ivo. **Introdução à história do português**. 2. ed. revista e muito ampliada. Lisboa: Colibri, 2006.

CINTRA, Luís Lindley. Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses. **Boletim de Filologia**, XXII, p. 81-116, 1971.

CINTRA, Luís Lindley. Os dialectos da ilha da Madeira no quadro geral dos dialectos galego-portugueses. *In*: FRANCO, José Eduardo (Org.). **Cultura madeirense**: temas e problemas. Porto: Campo das Letras, 2008 [1990]. p. 95-104.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Lisboa: Sá da Costa, 1984.

GARCÍA MOUTON, Pilar (Coord.). ALPI-CSIC*:* Edição digital de Tomás Navarro Tomás (Coord.). **Atlas Lingüístico de la Península Ibérica**. Madrid: CSIC, 2009-. Disponível em: http://www.alpi.csic.es/. Acesso em: 23 maio 2022.

MARTINS, Ana Maria; SARAMAGO, João. As sibilantes em português – um estudo de geografia linguística e de fonética experimental. *In*: LORENZO, Ramón (Org.). **Actas do XIX Congreso Internacional de Linguística e Filoloxía Románicas**. (Universidade de Santiago de Compostela, 1989.) A Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza, 1993. p. 121-142.

SARAMAGO, João; GONÇALVES, José Bettencourt. Açorianismos. *In*: ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). **Estudos geolingüísticos e dialetais sobre o português**: Brasil – Portugal. Campo Grande (MS): Editora UFMS, 2008. p. 273-288.

SARAMAGO, João; GONÇALVES, José Bettencourt. Diferenciação lexical interpontual nos Açores (estudo dialectométrico aplicado em materiais do ALEAç). *In*: CAPRINI, Rita (Org.). **Parole romanze**: Scritti per Michel Contini. Alessandria: Edizioni dell'Orso, 2003. p. 421-440.

SARAMAGO, João. Do *peco* e *cardeal* ao *bagudo* e *labraja*: uma abordagem à fauna marítima nos Açores. *In*: MACHADO, Maria Margarida. **O Faial e a periferia açoriana nos séculos XV a XX**: Actas do V Colóquio. (Horta, 2010.) Horta: Núcleo Cultural da Horta, 2011. p. 373-399.

SARAMAGO, João. La nomenclature des poissons aux Açores: aires de distribution et motivation. *In*: GARGALLO GIL, José Enrique; VULETIĆ, Nikola. **Mare loquens**: Études de géolinguistique et d'étymologie romanes à la memoire de Vojmir Vinja. Zadar: Sveučilište u Zadru, 2013a. p. 47-72.

SARAMAGO, João. Os provérbios meteorológicos e do calendário no Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores: comparação com outras fontes. **Géolinguistique**, 13, p. 257-274, 2013b.

SARAMAGO, João. O Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG). **Estudis Romànics**, XXVIII, p. 281-298, 2006.

SARAMAGO, João (Ed.). **Notas do Corvo**, do padre Francisco Lourenço Jorge. Organização, transcrição e introdução por João Saramago. Corvo: Câmara Municipal do Corvo, 2001.

SARAMAGO, João (Ed.). **Relação breve da grande e maravilhosa vitória dos moradores da ilha do Corvo contra dez poderosas naus de Turcos, Ano MDCXXXII**. Transcrição e atualização do texto por João Saramago. Corvo: Câmara Municipal do Corvo, 1993.

SARAMAGO, João. **Le parler de l'île de Corvo – Açores**. Grenoble: Centre de Dialectologie, Université Stendhal-Grenoble III / Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, INIC, 1992.

SARAMAGO, João. Differenciation lexicale (un essai dialectométrique appliqué aux matériaux portugais de l'*ALE*). **Géolinguistique**, II, p. 1-31, 1986.

SEGURA DA CRUZ, Maria Luísa; SARAMAGO, João. Açores e Madeira: autonomia e coesão dialectais. *In*: HUB FARIA, Isabel (Org.). **Lindley Cintra**: Homenagem ao homem, ao mestre e ao cidadão. Lisboa: Cosmos / Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1999. p. 707-738.

SEGURA, Luísa; SARAMAGO, João. Variedades dialectais portuguesas. *In*: MATEUS, Maria Helena Mira (coord.). **Caminhos do português**. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2001. p. 221-240.

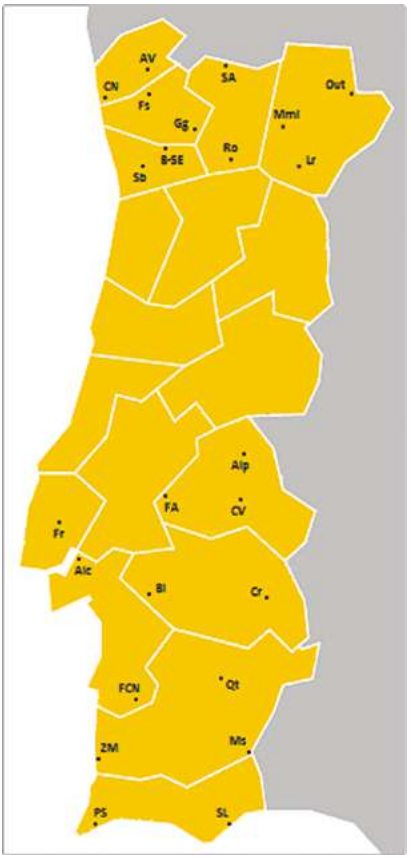
SEGURA, Luísa (Coord.). **ALiR – Atlas Linguistique Roman**, página *web* do comité português: https://www.clul.ulisboa.pt/projeto/alir-atlas-linguistique-roman. (Acesso em: 23 maio 2022) [s.d.].

SEGURA, Luísa. Variedades dialetais do português europeu. *In*: PAIVA RAPOSO, Eduardo, BACELAR DO NASCIMENTO, Maria Fernanda; MOTA, Maria Antónia; SEGURA, Luísa; MENDES, Amália (Orgs.). **Gramática do português**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. v. 2. p. 85-142.

VASCONCELOS, José Leite de. **Esquisse d'une dialectologie portugaise**. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Paris, Paris: Aillaud, 1901. 2. ed. com aditamentos e correções do autor, preparada, com base no exemplar conservado no Museu Etnológico «Dr. Leite de Vasconcellos», por Maria Adelaide Valle Cintra. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1970.

Anexo I
Mapas

Mapa 1: Rede de pontos de inquérito do AVOC no norte e centro-sul de Portugal



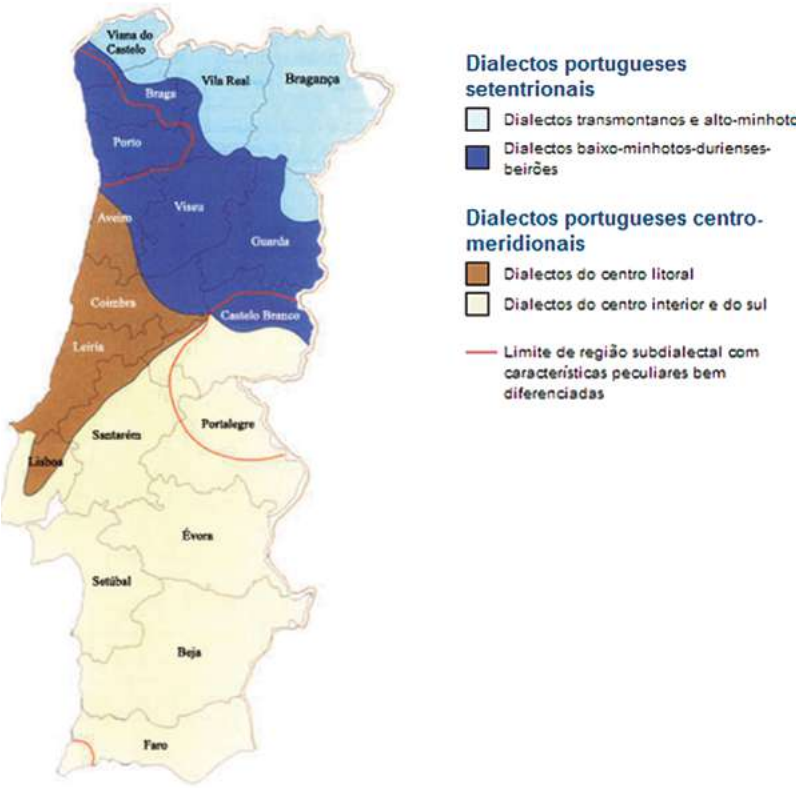
Legenda:

Norte: AV = Arcos de Valdevez; CN = Castelo de Neiva; Fs = Fiscal; Gg = Gagos; B-SE = Barrosas-Santo Estêvão; Sb = Sobrado; SA = Santo André; Ro = Roalde; Out = Outeiro; Mml = Marmelos; Lr = Larinho.

Centro-sul: Alp = Alpalhão; FA = Foros do Arrão; CV = Castelo de Vide; Fr = Freixial; Alc = Alcochete; FCN = Foros da Casa Nova; Bl = Baldios; Cr = Carrapatelo; Qt = Quintos; ZM = Zambujeira do Mar; Ms = Mesquita; PS = Praia da Salema; SL = Santa Luzia.

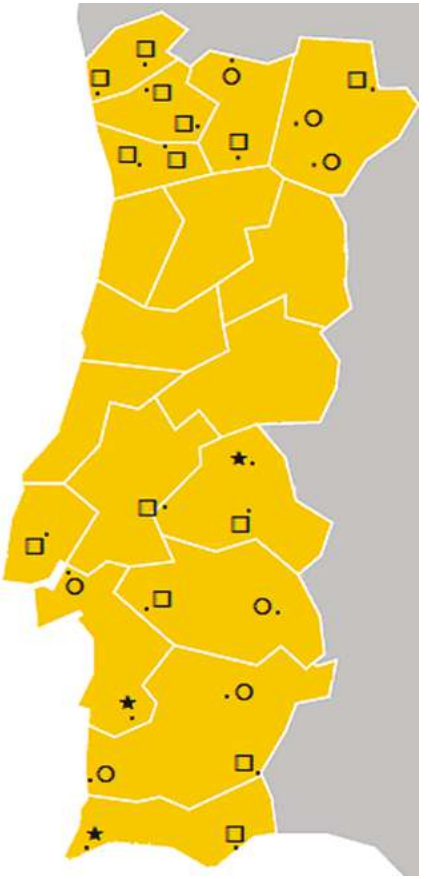
Todas as localidades correspondem a pontos de inquérito do ALEPG, cujos materiais o AVOC utiliza.

Mapa 2: Classificação dos dialetos portugueses de Cintra (1971)



Fonte: Segura; Saramago (2001).

Mapa 3: Posição relativa de /u/ do português padrão



Fonte: Brissos (2020).

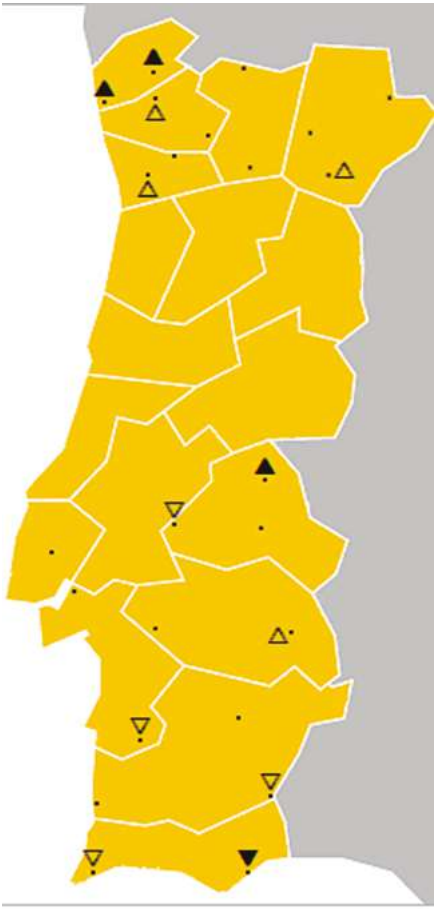
Legenda:

□ = A vogal /u/ é a mais recuada do sistema vocálico tónico: (Arcos de Valdevez, Castelo de Neiva, Fiscal, Gagos, Barrosas-Santo Estêvão, Sobrado, Roalde, Outeiro, Foros do Arrão, Cabeço de Vide, Freixial, Baldios, Mesquita e Santa Luzia).

○ = A vogal /u/ não é a mais recuada do sistema vocálico tónico, mas permanece no eixo articulatório posterior (Santo André, Marmelos, Larinho, Alcochete, Carrapatelo, Quintos e Zambujeira do Mar).

★ = A vogal /u/ não é a mais recuada do sistema vocálico tónico e não permanece no eixo articulatório posterior (Alpalhão, Foros da Casa Nova e Praia da Salema).

Mapa 4: Abertura e fechamento de /ɛ/ do português padrão



Legenda:

1. Abertura.

▼ = Variante máxima: a vogal ocupa o espaço de [æ] (qualidade [æ̝]; Santa Luzia).

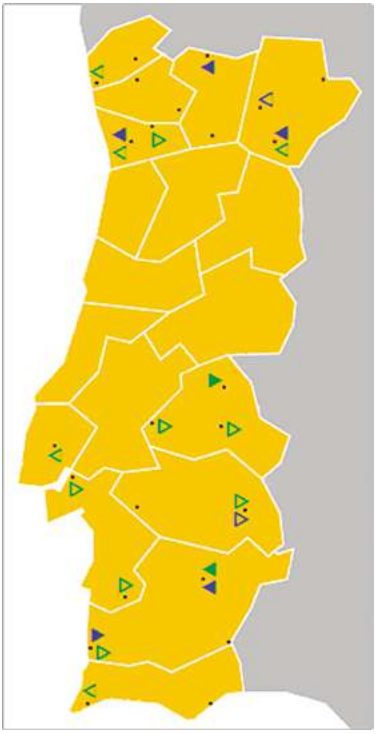
▽ = Variante mínima: a vogal mantém-se no espaço de /ɛ/ (qualidade [ɛ̟]; Foros do Arrão, Foros da Casa Nova, Mesquita e Praia da Salema).

2. Fechamento.

▲ = Variante máxima: a vogal ocupa o espaço de /e/ (qualidades [e] e [e˖]; Arcos de Valdevez, Castelo do Neiva e Alpalhão).

△ = Variante mínima: a vogal mantém-se no espaço de /ɛ/ (qualidades [ɛ̟], [ɛ̟ᵉ] e [ɛ̟-]; Fiscal, Sobrado, Larinho e Carrapatelo).

Mapa 5: Avanço e recuo articulatórios de /e ɛ/ do português padrão



Fonte: Brissos (2020).

Legenda:

1. Recuo.

▶ = Variante máxima, que consiste na centralização da vogal. O fenómeno em /e/ (Alpalhão) e em /ɛ/ (Zambujeira do Mar).

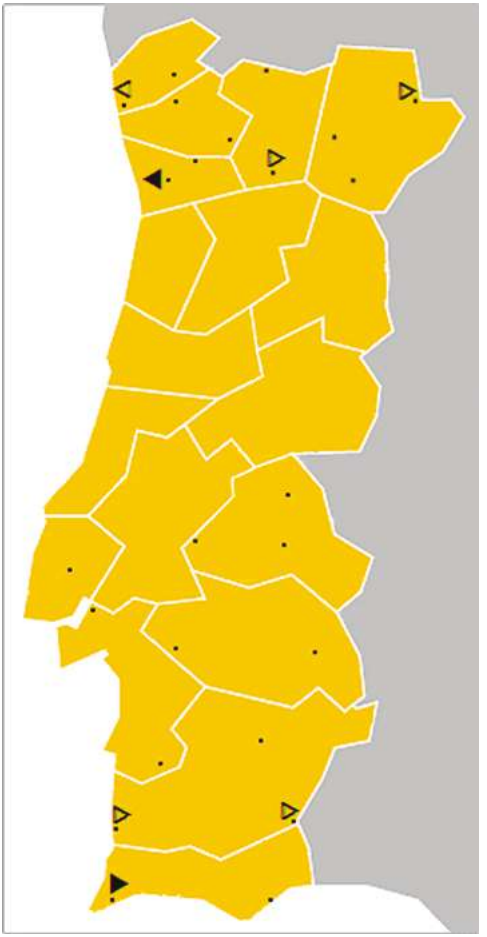
▷ = Variante mínima, em que a vogal permanece no eixo articulatório anterior: (i) recuo para o eixo da vogal /ɛ/, no caso de /e/ (Barrosas-Santo Estêvão, Foros do Arrão, Cabeço de Vide, Alcochete, Foros da Casa Nova, Carrapatelo e Zambujeira do Mar); (ii) recuo dentro do eixo da vogal /ɛ/, no caso de /ɛ/ (qualidade [ɛ̟-]; Carrapatelo).

2. Avanço.

◀ = Variante máxima, em que a vogal avança para dentro do eixo articulatório de outra vogal: (i) avanço para o eixo da vogal /i/, no caso de /e/ (Quintos); (ii) avanço para o eixo da vogal /e/, no caso de /ɛ/ (Sobrado, Santo André, Larinho e Quintos).

◁ = Variante mínima, em que a vogal permanece no seu próprio espaço acústico vertical (qualidades de tipo [e˖] ou [ɛ˖]). O fenómeno em /e/ (Castelo de Neiva, Sobrado, Larinho, Freixial e Praia da Salema) e em /ɛ/ (Marmelos).

Mapa 6: Qualidades da vogal /a/ do português padrão



Fonte: Brissos (2020).

Legenda:

1. Avanço articulatório.

◀ = Total (realização [æ]): Sobrado.

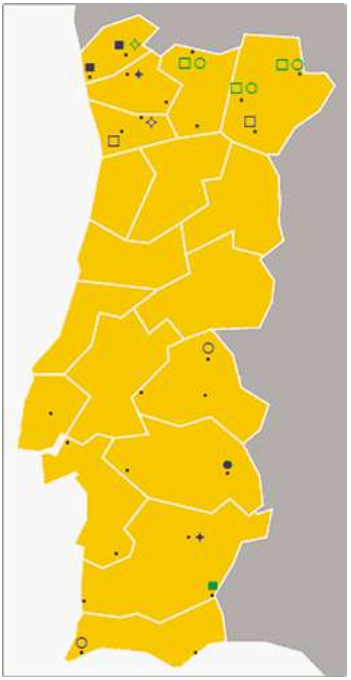
◁ = Parcial (realização [a˖]): Castelo de Neiva.

2. Recuo articulatório.

▶ = Total (realização [ɒ]): Praia da Salema.

▷ = Parcial (realização [a-]): Roalde, Outeiro, Zambujeira do Mar e Mesquita.

Mapa 7: Fusão das vogais médias anteriores e posteriores (i.e. /e ɛ o ɔ/ do português padrão) e da média e alta posteriores (/o u/)



Fonte: Brissos (2020).

Legenda:

1. Fusão das médias anteriores.

■ = Total (ou praticamente total): com abertura de /e/ (Mesquita) ou fechamento de /ɛ/ (Arcos de Valdevez e Castelo de Neiva).

□ = Parcial: com abertura de /e/ (Santo André, Marmelos e Outeiro) ou fechamento de /ɛ/ (Sobrado e Larinho).

2. Fusão das médias posteriores.

● = (Praticamente) total (concretiza-se no fechamento de /ɔ/ e inclui aproximação de /o/ a /u/): Carrapatelo.

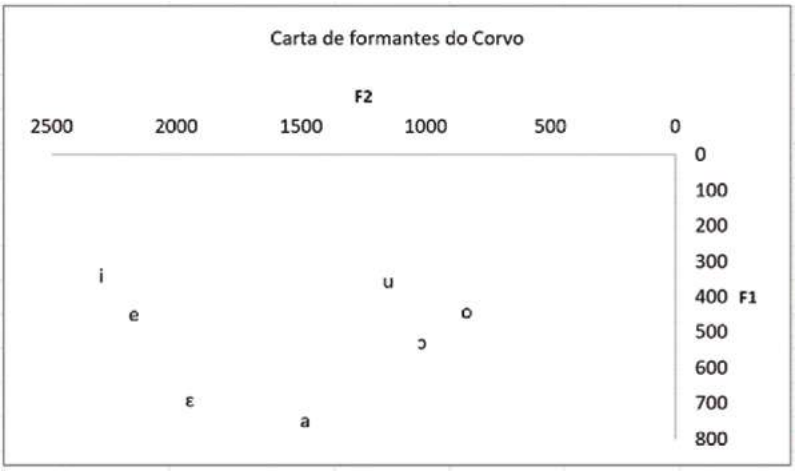
○ = Parcial: com abertura de /o/ (Santo André, Marmelos e Outeiro) ou fechamento de /ɔ/ (Alpalhão e Praia da Salema).

3. Fusão de /o/ e /u/.

✦ = (Praticamente) total (concretiza-se no fechamento de /o/ e inclui incorporação de /ɔ/ em /o/): Fiscal e Quintos.

✧ = Parcial: com fechamento de /o/ (Barrosas-Santo Estêvão) ou abertura de /u/ (Arcos de Valdevez).

Anexo II
Informação de base acústica sobre o sistema vocálico do Corvo



	Vogais do Corvo (a partir do sistema fonológico do português padrão europeu)			
	F1		F2	
	Valor Hz médio	% do espaço acústico	Valor Hz médio	% do espaço acústico
i	339	0	2302	100
e	448	27	2171	91
ɛ	689	86	1948	76
a[3]	747	100	1483	44
ɔ	526	46	1015	12
o	440	25	837	0
u	355	4	1152	21

[3] Saramago (1992) divide esta vogal em duas: [a] e [a-], a segunda resultado de metafonia e outros processos contextuais. Aqui consideramos apenas uma vogal /a/, pelo que incorporámos aqueles dois alofones no mesmo fonema de acordo com as listas de ocorrências utilizadas por Saramago para as outras vogais.

APÓCOPE DAS VOGAIS ALTAS [ɪ] e [ʊ]: PEGADAS AÇORIANAS NO PORTUGUÊS FALADO NO BRASIL

Maria do Carmo Sá Teles de Araújo Rolo
Secretaria da Educação da Bahia (SEC-BA)
mcstar.rolo@gmail.com

Jacyra Andrade Mota
Universidade Federal da Bahia – CNPq
jacymota@ufba.br

Introdução

Desde ainda muito cedo se documenta a presença açoriana nas mais variadas partes do Império, em virtude do processo de colonização que avançava no Brasil. A partir do século XVII, esse movimento se intensifica com a vinda de açorianos de todas as ilhas, impulsionados pelos mais diferentes motivos, que se espalham por regiões do país. Na escalada da imigração, descendentes de açorianos aqui instalados não só contribuíram com a força física para a colonização, mas também com a propagação de fenômenos

linguísticos provenientes do contato expressivo e profundo entre os dois povos: açorianos e brasileiros. Exemplo desse fato é a apócope das vogais altas, objeto de análise neste artigo.

A apócope é um processo antigo na língua e se encontra documentada desde a passagem do latim para o português (amare > *amar*), passando pelos textos galego-portugueses (MAIA, 1986) até a atualidade, como se pode ver, por exemplo, na palavra *caroço* pronunciada [ka'ɾos]. Esse fenômeno pode ser observado na realização da fala espontânea de várias localidades do Brasil e de Portugal. Trata-se de um fato relativamente pouco analisado no português do Brasil, embora existam estudos como os de Corrêa (1998), Oliveira (2006, 2012), Rolo (2010, 2016, 2019) que tratam desse assunto como uma variação que faz parte da realidade linguística do país.

No espaço dialetal português, embora o fenômeno não tenha sido o foco de nenhuma das pesquisas consultadas, a apócope tem sido documentada desde os estudos dialetológicos mais antigos (LEITE DE VASCONCELOS, 1896; CINTRA, 1983) até os mais recentes, como se pode observar nos estudos de Maia (1975), Segura da Cruz (1987), Ferreira *et al*. (1996, 2001), Medeiros (1964), Bernardo (1991, 2003) e Silva (1998, 2007), que tratam da apócope como característica dos falares portugueses meridionais e insulares.

O apagamento das vogais átonas finais [ɪ] e [ʊ] encontra-se registrado em gramáticas do português do Brasil e de Portugal. Perini (2010) inclui em sua *Gramática do Português Brasileiro* a referência à omissão das vogais [e] e [o], pronunciadas [ɪ] e [ʊ], em final de sílaba átona, como se pode observar no trecho:

> O *e* final átono, como sabemos, se pronuncia normalmente [i]. No entanto, quando a consoante precedente é uma fricativa ou africada palatal – ou seja, [tʃ, ʃ, dʒ, ʒ] – o [i] às vezes não se ouve, de modo que a palavra termina, foneticamente,

> em consoante. Por exemplo, *ponte* ['põtʃ], mexe ['mɛʃ], rende ['rẽdʒ], hoje ['oʒ] (PERINI, 2010, p. 348).

Em relação à omissão de [o] final, Perini (2010) explica que ele é muito reduzido em certos ambientes e que, em final de enunciados, é frequentemente omitido:

> O [u] átono final, grafado *o*, se pronuncia muito reduzido em certos ambientes. Em final de enunciado, isto é, antes de silêncio ou pausa, ele é frequentemente omitido. Dessa forma, uma frase como *eu vi um gato* muitas vezes se pronuncia como [ew'viũ'gat], sem vogal final (PERINI, 2010, p. 349).

O fenômeno está mencionado também na *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (CUNHA; CINTRA, 2013 [1984]), em Portugal. Os autores observam o apagamento numa extensa área da Beira Baixa, Alto Alentejo e no ocidente do Algarve e, dentre outros traços mais salientes, referem-se à "queda da vogal átona final grafada *–o* ou sua redução ao som [ə], por exemplo: *cop*[ə], *cop* [ə]s, por *copo, copos*; *t*ü*d* (*ə*) por *tudo*" (CUNHA; CINTRA, 2013 [1984], p. 29).

É possível que esse fato seja mais frequente no português brasileiro do que o que se conhece. Mesmo não sendo a norma da maioria dos falantes, o processo de apócope das vogais altas se mantém com maior força em determinadas áreas, conforme mostram as pesquisas realizadas na Bahia (ROLO, 2010; 2016), em Santa Catarina (PAGEL, 1993) e em Minas Gerais (OLIVEIRA, 2006, 2012), e confirmadas nos atlas linguísticos estaduais ou regionais.

Por ser natural de uma área de apócope, essa particularidade linguística despertou grande interesse em Rolo, resultando na sua dissertação de mestrado (ROLO, 2010)[1] e, com ampliação do campo de estudo, que se estendeu a outras áreas da Bahia e a áreas de Minas Gerais e de Portugal, também à sua tese de doutora-

[1] Disponível em: https://1library.org/document/y90r9gjy-apocope-vogais-atonas-localidades-centro-baiano-beco-seabra.html. Acesso em: 10 maio 2022.

do (ROLO, 2016). O fenômeno foi examinado primordialmente no pequeno povoado de Beco, situado na rota das tropas na época do garimpo, e estigmatizado linguística e socialmente pelo fato de ali se "engolir" a vogal final das palavras.

Tendo em vista que a história do povoamento das áreas em que há apócope das vogais altas [ɪ] e [ʊ] está ligada pelas mesmas razões e motivações históricas, o presente estudo tem por objetivo examinar esse processo de apócope como um fenômeno que veio de Portugal, especialmente dos Açores, para o Brasil e se desenvolveu em diferentes regiões, realizando, para tanto, um percurso histórico pelas localidades.

Atraídos pela "necessidade de angariar sustento, de conseguir melhores condições de vida, negadas na sua terra natal" (AGUIAR, 1976, sem paginação), o fluxo de emigrantes açorianos para o Brasil foi intenso no século XVII e se acentuou no decorrer do século XVIII com o grande ciclo do ouro em Minas Gerais.

A apócope no espaço dialetal português: o que dizem as pesquisas nos Açores

Em Portugal Continental, a apócope das vogais altas em sílaba final de palavras tem sido referenciada como uma característica dos falares centro-meridionais, segundo observam os estudos de Carrancho (1969), Cintra (1983), Maia (1975), Segura da Cruz (1987), Ferreira *et al*. (1996) e Brissos (2012). Ademais, o fato está confirmado em ocorrências registradas no *Atlas Linguístico de la Península Ibérica* (NAVARRO TOMÁS, 1962) e *Atlas Linguístico do Litoral Português: fauna e flora* (VITORINO, 1987).

No Arquipélago dos Açores, território autônomo da República Portuguesa, especialmente na Ilha de São Miguel, a apócope tem sido consistentemente registrada como uma característi-

ca do falar da ilha. Exemplos açorianos são atestados em Medeiros (1964), em seu estudo sobre o vocalismo que caracteriza a linguagem micaelense: "Um traço bem marcante da linguagem micaelense e que é também muito característico dos falares da Beira Baixa, Alentejo e Algarve é a tendência para a queda das átonas finais" (MEDEIROS, 1964, p. 28). Sobre o vocalismo átono da ilha, enfatiza: "as vogais finais [ə] e [u] (-o) apresentam, portanto, uma forte tendência para a queda, mesmo nos vocábulos paroxítonos, como em *aguaceiro* [ɐguɐ'seɾ], *milho* ['miʎ] e *quente* ['kẽt]".

Bernardo (1991), sobre o vocalismo não acentuado na Bretânia, observa que "Em posição final, há queda ou articulação pouco perceptível do -u final, como em *rego* [x'eg], *cozido* [kuz'id] e *fundo* [f'ũd]"[2], e a substituição do -u final por um som neutro -[ə], tem por exemplos *costumo* [kuʃ'tumᵊ], *tempo* [t'ẽpᵊ]. Também Bernardo (2003), em seu estudo sobre o falar micaelense, destaca o alto índice de ocorrência de apagamento, conforme se pode observar nos exemplos documentados pela autora: *leite* ['le:t], *peixe* ['pe:ʃ], *medo* ['med], *preto* ['pɾet], verde ['veɾd].

Ferreira *et al*. (1996) destacam que os dialetos falados nos Açores e na Madeira apresentam maiores afinidades com os grupos dos dialetos Centro-Meridionais portugueses. Sobre o dialeto da Ilha de São Miguel, nos Açores, salientam:

> O dialeto de São Miguel apresenta, por sua vez, alguns dos traços que caracterizam as regiões da Beira Baixa – Alto Alentejo e do Barlavento: [...] desaparecimento da vogal átona final [u] grafada -o, como em ['gat] - gato – ['kop] - copo ['pok] – pouco (FERREIRA *et al*., 1996, p. 496).

Silva (1998) observa que uma das mais emblemáticas características do dialeto de São Miguel gira em torno do apagamento da vogal final [ʊ]. Embora o apagamento da vogal átona final não tenha

[2] Em todos os exemplos citados, a acentuação foi marcada conforme o texto original.

sido o centro dos estudos, foi registrada a apócope dessa vogal em palavras como *sete* ['sæt], *leite* ['let], *pouco* ['pok], *noite* ['not].

Exemplos da fala açoriana podem ser encontrados no estudo recente de Rolo (2019), que teve como base para análise dados de três localidades do ALEPG: Mosteiros, Nordeste e Rabo de Peixe, na Ilha de São Miguel, de onde se observam realizações como (ROLO, 2019, p. 3):

(1) Pão *quente* ['kẽt] com *leite* ['let] (Nordeste, Açores).

(2) É *alface* [ɐl'fɑs] (Mosteiros, Açores).

O *Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores* - ALEAç (FERREIRA *et al*., 2001) reforça as constatações dos autores sobre o desaparecimento das vogais átonas finais nas nove ilhas investigadas. Casos de apócope encontram-se atestados no ALEAç como em *gado* ~ [g'ạd] (cf. ALEAç, Carta 2), pasto ~ [p'ạst] (cf. ALEAç, Carta 12), mamote ~ [ma'mɔt] (cf. ALEAç, Carta 24). Há registros de apócope nas ilhas do Corvo; Faial em Cedros e Castelo Branco; Flores em Fajâzinha e Ponta Ruiva; Graciosa em Carapacho; Pico em São Roque e Terras; Santa Maria em Santo Espírito; São Jorge em Calheta e Rosais; São Miguel em Mosteiros, Rabo de Peixe, Ponta Garça, Nordeste; Terceira em Altares e Fontinhas.

Discutindo o açorianismo no português do Brasil

A ocorrência da apócope da vogal alta no português de Portugal, especialmente na área açoriana, como atestam as pesquisas realizadas (MEDEIROS (1964); BERNARDO (1991, 2003); SILVA (1998, 2007); ROLO (2019) e o próprio *Atlas Lingüístico dos Açores* (FERREIRA *et al.,* 2001), assim como os dados sobre a presença dos açorianos no Brasil, levam-nos a atribuir a essa presença a introdução da apócope do [ɪ] e [ʊ], em algumas áreas brasileiras.

De acordo com Cordeiro e Madeira (2003), diferentes fases da história açoriana fizeram com que parte da população tivesse que emigrar pela busca de um futuro melhor fora do campo insular. Incentivados pela Coroa Portuguesa ou por iniciativa própria, os açorianos tiveram uma participação significativa na colonização do Brasil, desde o século XVII até as duas primeiras décadas do século XX, quando emigraram para as regiões de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

O arquipélago dos Açores, situado no Atlântico Nordeste, é formado por nove ilhas e situa-se numa zona de forte atividade sísmica, tendo já sofrido vários abalos, o que faz o seu interior bastante acidentado, ato que pode ter contribuído para emigração de parte de seus habitantes.

Quanto aos açorianos no Brasil, os relatos disponíveis referem-se ao seu deslocamento para essa área, desde 1579, emigração que continuou no século XVII, estendendo-se até o início do séc. XIX, por volta de 1807. Esses imigrantes se espalharam por quase todo o país em proporções diferenciadas, como observa Aguiar (1976):

> Os açorianos aparecem na história brasileira em diversas regiões e podem ser distribuídos de muitas maneiras, isto é, pode-se levar em conta o tamanho do contingente que para cá se deslocou: em pequenos contingentes, como na Bahia e em Pernambuco, durante o ciclo do açúcar; Minas Gerais, durante o ciclo da mineração; Rio de Janeiro e São Paulo (este, no ciclo do gado, como em São Vicente); grande contingente, como em Santa Catarina e Rio Grande do Sul, Espírito Santo e Amapá; ou médio, como em Amazonas, Pará e Paraíba. (AGUIAR, 1976, sem paginação)

Vale ressaltar a importância desempenhada pelos Açores na colonização do território brasileiro. Apesar de essas movimentações terem ocorrido em paralelo com outras registradas em várias

partes do país, a emigração açoriana destaca-se pela particularidade de ser essencialmente colonizadora, de caráter definitivo, com base em movimentos familiares como registra Serpa (1978):

> Não se pode deixar de considerar a existência da tradição emigratória, que atua sobretudo através das relações familiares, amigos e conterrâneos, aliada à ideia de qualquer pessoa conhecida que conseguiu enriquecer. Tudo isso serve de substrato à decisão de emigrar logo que surja a primeira oportunidade. (SERPA, 1978, p. 139)

Minas Gerais tem sua história marcada pela conquista de metais e pedras preciosas e por isso sempre esteve na mira de interesse do colonizador. Atraídos pelo ouro, milhares de imigrantes e desbravadores se deslocavam incessantemente para a região. Essa busca intensa pelo metal gerou uma imigração maciça e desordenada que impulsionou um processo de povoamento marcado pela diversidade. Paralelo a tudo isso, o período de crise em Portugal, no final do século XVII, foi um dos fatores de destaque nesse cenário, impulsionando ondas migratórias para Minas como salienta Souza (2009, p. 8): "A crise econômica portuguesa, aliada ao sonho de riqueza, provocou, enfim, uma sangria populacional em Portugal, com cerca de 10.000 habitantes deixando anualmente o país rumo à capitania".

Desde o início da colonização, observam-se registros da movimentação de correntes açorianas para o Brasil. Os açorianos apareceram na história do país nas mais diversas regiões, inclusive em Minas Gerais, onde exerciam atividades na extração mineral. Sobre esse assunto, Fagundes (1997) comenta:

> Os açorianos que emigraram inicialmente para o Brasil foram na nova terra bandeirantes, desbravadores, colonizadores, vaqueiros, escravos brancos, construtores de fortalezas, fundadores de vilas, cidades e comunidades, agricultores, criadores de gado, políticos, padres, militares, enfim homens que ajudaram a construir as Minas Gerais e outras regiões deste país. Era o ilhéu daquele tempo homem rús-

> tico, desassombrado, profundamente religioso, amável, porém místico e desconfiado, curioso, rijo de físico e de carácter (FAGUNDES, 1997, p. 2).

Percebe-se um vazio relativo de estudos sobre emigração açoriana em Minas Gerais, o que pode estar relacionado ao fato de o governo português haver determinado que eles povoassem o Sul da Colônia, como, de fato, aconteceu. É possível admitir que, para burlar as proibições do governo, eles se identificassem como portugueses e se misturassem a esses que se embrenhavam na mineração. Os registros são esparsos, mas o fato é que existiram muitos açorianos em Minas Gerais. Essa gente trazia sua cultura e enfrentava todo tipo de dificuldade no sertão mineiro em busca de uma nova vida, como assinala Fagundes (1997).

> Necessidades de toda a ordem e fome grassavam entre esses mineiros pioneiros. E assim foi necessário abastecer o interior das Minas Gerais de carne, que vinha através dos caminhos do sertão do sul, região meridional do país, onde imigrados açorianos criavam gado e plantavam trigo. [...] Isoladamente ou com suas famílias, mais açorianos foram chegando a essas paragens. Traziam hábitos e costumes ilhéus que foram ao longo dos anos se adaptando à medida que a relação com o meio ambiente exigia (FAGUNDES, 1997, p. 1).

Como se pode observar, paralelamente aos núcleos da mineração em Minas Gerais, o processo de povoação prendeu-se a outras atividades ligadas ao comércio e à agricultura alimentando caminhos que integram a própria história, conforme observa Souza (2009, p. 11): "O norte da província constituiu-se, assim, em típica região de passagem, ligando a região mineradora à Bahia, transformando-se, ainda, em região agrícola controlada por grandes proprietários, onde a Coroa sempre encontrou dificuldades em exercer seu poder".

Esse período foi marcado pela intensa movimentação das tropas que transportavam o gado e as mercadorias por todo o

país, servindo de elemento integrador nas mais diferentes regiões. Com relação a esse assunto, Carpegeani e Rezende Filho (2009, p. 4), citando Fioreto (1996, p. 3), salientam que "O tropeirismo difundiu-se como atividade econômica no Brasil durante todo o século XVII, ganhando destaque social e proporcionando integração regional das várias áreas do país, servindo de suporte a todos os períodos econômicos que se sucederam ao Ciclo do ouro". Os autores acrescentam ainda que "os tropeiros, por onde passavam, eram festeiros, tocadores de viola, emissários oficiais, transmissores de notícias, recados e receitas" (CARPEGEANI; REZENDE FILHO, 2009, p. 3).

Como o contato produz inevitavelmente a interação, resulta que todo indivíduo aprende e modifica a sua língua em convivência com uma série de outros indivíduos. Pode-se explicar, assim, a presença marcante da apócope do [ɪ] e [ʊ], em cidades mineiras, como Itaúna, na região oeste, documentada por Oliveira (2006); Almenara e Itaobim no Vale do Jequitinhonha; documentadas por Rolo (2016); e, em análises mais recentes a partir dos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil - Projeto ALiB, em localidades de Minas Gerais: Pedra Azul, Montes Claros, Teófilo Otoni e Diamantina (ROLO; MOTA, 2020). O fenômeno encontra-se documentado também no *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais* – EALMG (RIBEIRO *et al*., 1977), como se pode observar na Carta 35 em que a variante *pique* ['pik] ocorre, sem a vogal final, em 55 localidades das 116 pesquisadas. A distribuição da apócope nessas localidades pode ser visualizada na Figura 1.

Figura 1: Localidades em que o EALMG documenta a apócope de [ɪ] e de [ʊ]



Fonte: Ribeiro *et al.* (1977). Adaptado por Djime Dourado.

Os dados do EALMG mostram ainda uma frequência alta de formas reduzidas da vogal átona final que podem indicar uma tendência à apócope, como se pode ver, por exemplo, na Carta 6, *serenu* [sɛˈrẽnᵘ], na Carta 8, *mormaço* [mɔxˈmasᵘ], na Carta 15, *veranico* [vɛrãˈnikᵘ] e, na Carta 31, *gude* [ˈgudᵘ].

Na Bahia, o fato está atestado nas cartas do *Atlas Prévio dos Falares Baianos* – APFB (ROSSI, 1963), em casos como *cabo verde,* registrado como [ˈkabuˈverd̥] em Mato Grosso, Macaúbas e Paratinga (cf. APFB, Carta 81); *mabaço*, com indicação de vogal final pouco perceptível, como [maˈbas:], em Poxim do Sul, [maˈbasᵘ̯], em Buranhém e Caetité (cf. APFB, Carta 100). O enfraquecimento acentuado é representado pelo diacrítico [̯]. O APFB registra, também, apócope de outras vogais, como o –a, em *padrast<u>a</u>* (cf. APFB, Carta 101) e em *doca* realizada [ˈdok̥] (cf. APFB, Carta 77).

A apócope das vogais altas se apresenta mais fortemente identificada em monografias como a de Rolo (2010) sobre o pequeno povoado de Beco, em Seabra, Bahia. Nesse estudo, os dados revelaram a apócope como um fenômeno característico daquela comunidade rural com falantes mais idosos usando-a significativamente. Esse resultado pode estar associado, dentre outros fatores, ao aspecto histórico do povoamento do Beco, uma vez que se cogita ter sido formado em função de sua localização estratégica na linha de rota dos antigos comerciantes cujas trilhas passavam margeando a localidade. Beco, servindo de passagem tanto das boiadas oriundas dos *currais do São Francisco* quanto dos garimpeiros e viajantes, preservou marcas linguísticas, provenientes de algum desses passantes que ali se instalaram, tendo dado início à formação do povoado.

Expandindo o seu campo de investigação sobre a apócope das vogais átonas [ɪ] e [ʊ] na fala espontânea, Rolo (2016), em sua tese de doutorado, analisa dados coletados em quatro localidades, sendo duas mineiras, situadas no Vale do Jequitinhonha – Almenara e Itaobim – e duas baianas, situadas na região central do Estado – Bom Jesus da Lapa e Macaúbas. Nessa análise, a autora constata que a apócope das vogais átonas [ɪ] e [ʊ] está presente em todas as localidades investigadas e que esse apagamento em áreas de Minas Gerais é muito semelhante àquele observado na Bahia. Os dados mostram que o fenômeno está concentrado na faixa 2, portanto mais idosos, o que sinaliza uma mudança em curso nos padrões linguísticos das localidades. Quanto ao aspecto discursivo, o discurso menos monitorado é o tipo de questionário que favorece com maior força a apócope, provavelmente em função do grau de espontaneidade observado na fala, levando o informante a prestar menos atenção ao que é dito.

Vale salientar que a área mais central do Estado da Bahia, onde se encontra o Parque Nacional da Chapada Diamantina, tem sua história ligada ao ciclo do ouro e do diamante. A sua ocupação está associada à expansão territorial promovida pela Coroa Portuguesa em busca de metais e pedras preciosas. Por outro lado, o Vale do Jequitinhonha tem o início do seu povoamento ligado ao ciclo das bandeiras, dando origem à fase do ouro e se consolida no século XVIII com o ciclo do diamante. A partir daí, atrai grandes deslocamentos da população para a região em função da procura desenfreada pelo metal precioso. Além disso, há o desenvolvimento da pecuária de modo extensivo nos Vales do Jequitinhonha e do São Francisco.

Os caminhos têm grande representatividade no povoamento da Chapada Diamantina e estão integrados ao contexto sócio-histórico, seja na exploração de recursos naturais, seja na necessidade de prover de gado a região. O caminho da Bahia funcionou durante longas décadas como a via de ligação das áreas mineradoras com o Recôncavo Baiano. Sobre essa dinâmica de escoamento da economia da época, Moraes (1991) salienta:

> Vai gente do Alto sertão. Vai gente do litoral. A região continua sob a dinâmica do crescimento desordenado. Todos os caminhos são usados na busca dos garimpos. [...] Os caixeiros-viajantes, com as cavalhadas pomposas tinindo os cincerros e tirando faíscas com as ferraduras nos lajedões e nos pedregulhos, vão e vêm à meca, ao país das pedras preciosas. A burrama geme sob as cargas de mercadorias, vencendo à custo a serrania imensa (MORAES, 1991, p. 37).

Mercadores, boiadeiros, viajantes, já antes do século XVIII, utilizavam essa extensa via que nascia na cidade de Salvador, Estado da Bahia, seguia o curso do Paraguaçu até a vila do Rio de Contas para atingir as margens do São Francisco. Esse caminho acompanhava a margem direita do Rio São Francisco para seguir,

depois, pelo vale do Rio das Velhas até a Vila Real do Sabará, em Minas Gerais.

A Estrada Real foi um importante caminho da Bahia, dotado de representatividade econômica e que liderou a circulação mercantil na fase da mineração. Além disso, é possível que tenha contribuído para a formação de núcleos de povoamento e desenvolvimento da riqueza linguística em que vestígios linguísticos são deixados através de alguns traços que vão ganhando força mais que outros nesse processo de povoamento.

Nesse contexto de trilhas e caminhos, a apócope das vogais finais encontra-se documentada em cidades do interior da Bahia, como Macaúbas, situada no Centro Sul Baiano, Chapada Diamantina e Bom Jesus da Lapa, situada no Vale do São Francisco, localidades que integram a tese de doutorado de Rolo (2016).

Em Mato Grosso, povoado situado na Chapada Diamantina, o fato foi registrado também por Dinah Isensee, quando lá estivera, como inquiridora do APFB. Justificando a escolha dessa localidade como tema de sua dissertação de mestrado, observa a pesquisadora:

> (...) o interêsse especial pelo povoado resultava de um confronto com as outras dezessete localidades do Estado da Bahia que nos coube inquirir. Desde o primeiro contacto chamaram-nos a atenção alguns traços da língua portuguesa falada em Portugal que pareciam muito vivos ainda (ISENSEE, 1964, p. 1).

Em outro trecho da dissertação, cita ocorrências de apócope da vogal anterior alta, em vocábulos como, por exemplo, brilhan[t], bigo[d], cavanha[k], san[g], foi[ʂ], pe[ʃ], para *brilhante, bigode, cavanhaque, sangue, foice, peixe*, respectivamente.

Como se pode ver, a história das localidades sofre os reflexos dos "caminhos da Bahia" por onde transitava toda a economia da região e por onde, provavelmente, os tropeiros deixavam alguns vestígios linguísticos como, por exemplo, a apócope que se desenvolvia despercebidamente no uso da língua.

A apócope encontra-se documentada também em outras regiões do país. O *Atlas Linguístico de Sergipe* - ALS (FERREIRA *et al*., 1987) registra esse fato na maioria das localidades e distribuídas por todo o Estado. Casos como [kaˈsɔʧ] para *caçote* (cf. ALS, Carta 126), [maˈmɔʧ] para *mamote* (cf. ALS, Carta 137) são exemplos do fenômeno em Sergipe.

O fato é atestado ainda no *Atlas Linguístico do Estado do Ceará* - ALECE (BESSA, 2010) que verifica o desaparecimento das vogais átonas finais em diferentes localidades, distribuídas por quase todo Estado, consoante ao que se pode observar em ocorrências como [tẽpɛʃˈtad] para *tempestade* (cf. ALECE, Carta 003. F001) e [d̯ɪspɾɛˈzad] para desprezado (cf. ALECE, Carta 166. F093).

Sobre a intensa emigração açoriana para as regiões de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, Aguiar (1976) destaca:

> Os emigrantes assentaram arraiais sobretudo em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, onde se formaram, no decorrer do século XVIII, grandes colónias. Ainda hoje, em Porto Alegre, existe no "centro" da cidade um monumento e um viaduto dos açorianos magnificamente enquadrado na parte nova da cidade e conservado como relíquia, em homenagem aos que foram praticamente os fundadores da cidade (AGUIAR, 1976, sem paginação).

Os sinais evidentes da presença açoriana nessa área encontram-se impregnados não só na arquitetura, mas também nos usos, costumes, tradições e na linguagem, como assinala Aguiar (1976, sem paginação): "Santa Catarina e Rio Grande do Sul foram os locais

preferidos pelos imigrantes açorianos. Em conseqüência desse fato, constituíram-se nessas regiões grandes colónias de açorianos, cuja linguagem e maneira de falar típica influenciaram o português do Brasil".

Dessa forma, pode-se explicar a presença marcante da apócope na região Sul do Brasil, área de intensa corrente emigratória. O fato é atestado no estudo de Pagel (1993) em Santa Catarina sobre o português falado na região bilíngue de Blumenau. Nesse estudo, o autor documenta, a não-realização das vogais "/a/, /e/, /o/", em sílaba átona final absoluta, registrando realizações de fala como em *batuta* ~ [ba'tut], *boteco* ~ [bo'tek]; *porto* ~ ['poxt], com o apagamento da vogal final.

A apócope das vogais altas se encontra amplamente registrada também em ocorrências documentadas no *Atlas Lingüístico Etnográfico da Região Sul* – ALERS (KOCH; KLASSMANN; ALTENHOFEN, 2002), nos três estados da Região Sul que o compõem, em casos como *dezessete* ~ [dɪze'sɛt], em Santa Catarina (cf. ALERS, Carta 32); *sete* ~ ['sɛt], no Rio Grande do Sul (cf. ALERS, Carta 8); *dezessete* ~ [deze'sɛt], no Paraná (cf. ALERS, Carta 32). Vale destacar que, no Paraná, o apagamento se concentra nas áreas mais ao Norte, onde há o predomínio da neutralização da vogal final em favor de /i/. (cf. AGUILERA, 1994).

Outras marcas linguísticas dos Açores no português do Brasil

Furlan (1989), utilizando dados dos açorianos em Florianópolis, analisou sete traços fônicos típicos, numa perspectiva diacrônica e étnica. Dentre aqueles tomados para a análise, é interessante salientar os relativos à ênfase da tônica e à rapidez do ritmo, consideradas pelo próprio autor como uns dos mais carac-

terísticos do açoriano-catarinense. Na contextualização do tema, o autor destaca características próprias do açoriano-catarinense que podem estar associadas ao ritmo e à sílaba tônica.

Nessa vertente, o traço em questão é o fato de a vogal tônica receber uma intensidade especial, provocando uma redução na intensidade das vogais átonas. Furlan (1989) observa que esse fenômeno se aproxima muito do português micaelense quanto às átonas finais sobretudo as precedidas de vogal oclusiva: *tudo* ['tudu̯], *pouco* ['poku̯]. Paralelamente, em situação de informalidade, o açoriano catarinense apresenta em geral uma articulação pouco nítida dos fonemas" (FURLAN, 1989, p. 139).

Nesse estudo, Furlan (1989) examina o modo como são pronunciadas as vogais átonas [e], que em amplas áreas de Portugal é pronunciada [ë][3]; e [o] que nas mesmas áreas soa [ʊ]. No açoriano catarinense, em posição final de palavra, /e/ soa predominantemente [ɪ] como em *pente, noite, come*. Quanto ao /o/, quando inicial, soa [o] como em *orelha, ovelha*; quando medial, geralmente [o], como em *correia, colégio*; em posição final soa [ʊ] como em *torno, tenso*.

O quadro observado por Furlan (1989, p. 141-142) apresenta-se diferente do atual quadro do português europeu que, na análise de Teyssier (2004 [1982]), por volta de 1800, já havia sofrido modificações quanto às vogais realizadas [e] e [o] em posição átona "[e] passou a realizar-se como [ë] [pássë]; [o] passou a realizar como [u] [pásu]". A essa transformação Teyssier (2004 [1982]) chama de "redução" e acrescenta:

> Tal redução é de extrema importância na história da língua, jamais vem transcrita na ortografia oficial, que continua a escrever **e** e **o** as vogais que pronunciam [ë] e [u]. Ela

[3] A transcrição, tal como apresenta o autor, deve corresponder ao que outros identificam como [ə].

> ocorre em Portugal, mas não ocorre no Brasil onde evoluiu de forma diferente (TEYSSIER, 2004 [1982], p. 69, grifos do autor).

Feitas as pontuações divergentes na análise de Teyssier, Furlan (1989) apresenta algumas conclusões quanto às vertentes dos dois traços analisados no açoriano catarinense: a ênfase da tônica e a rapidez de ritmo.

> 1- O fato de que esses traços são propriedades do discurso (*parole*) mais do que do sistema *(langue)* torna impossível comprovar a filiação deles no açoriano catarinense a qualquer outro falar.
>
> 2- A diferença de pronúncia de /e/ e /o/ átonos no português europeu e no açoriano-catarinense torna muito improvável que a rapidez de ritmo do açoriano-catarinense tenha origem na redução dessas vogais pelo português europeu continental e, mais ainda, pelo açoriano de 1748/56.
>
> 3- Embora o ritmo do açoriano de hoje e, mais ainda, o de 1748/56 seja mal conhecido, considerando o caráter estranho desse ritmo no contexto brasileiro e considerando que ele foi notado nos descendentes dos açorianos do Norte por Reis (1960: 269), não se pode excluir, de antemão e de todo, a possibilidade de ele haver sido trazido no falar dos açorianos que aqui o teriam conservado em virtude de circunstâncias extralinguísticas similares às dos Açores (FURLAN, 1989, p. 144-145).

Tal característica confirma a hipótese de que o apagamento ocorre nas áreas em que as vogais finais [e] e [o] são realizadas como [ɪ] e [ʊ], como ocorre nos Açores.

Tomando por base formas do português insular, como por exemplo a troca do "lh" por "i" como ocorre em "muié" (mulher), "óia" (olha), "mio" (milho) e que estão em uso no português falado no Brasil, Aguiar (1976) ressalta a importância do contato entre o povo açoriano e brasileiro na intercomunicação de traços linguísticos, salientando que é na língua que se observa a maior influência

exercida pela fala açoriana no português falado no Brasil. Sobre o tema, Aguiar (1976, sem paginação) afirma: "Foi o português falado nos Açores que exerceu influência, sobretudo nas regiões de Santa Catarina e Rio Grande do Sul onde a presença açoriana foi um facto entre 1617 e 1807, sobre o português do Brasil.". Mais adiante, a propósito da contribuição açoriana, conclui: "[...] certas formas típicas do falar brasileiro, não são mais do que a transposição para o Brasil do português insular" (AGUIAR, 1976, sem paginação).

Algumas Considerações

Não se pode negar que o português falado no Brasil tenha raízes açorianas. Este trabalho investigou a apócope das vogais átonas finais observadas em pesquisas e nos atlas brasileiros, relacionando essas ocorrências à presença açoriana no processo de povoamento do país. É possível que a formação histórica dessas áreas ajude a explicar a herança linguística dos açorianos observada no português falado em algumas áreas do Brasil. Através das análises estabelecidas ao longo do trabalho, podem-se tecer algumas considerações:

i. Os estudos consultados mostram que a apócope faz parte da realidade linguística do país. Isto se confirma nos atlas brasileiros (APFB, EALMG, ALERS, ALS, ALECE, ALPR), nos dados do Projeto ALiB e em outras pesquisas.

ii. As áreas onde são examinados focos de apócope têm a história do seu povoamento ligada por razões semelhantes. Na Bahia, os povoados de Beco e de Mato Grosso, bem como as cidades de Macaúbas e de Bom Jesus da Lapa situam-se na rota das tropas na época do garimpo, à margem dos caminhos por onde passavam os currais de gado que atravessavam os sertões da Bahia rumo ao Gerais.

iii. Em Minas Gerais, a história está ligada ao ciclo das bandeiras, dando origem à fase do ouro, atraindo grandes deslocamentos para a região em função da busca desenfreada pelo metal precioso, gerando um diversificado processo de povoamento. Esse processo prende-se a outras atividades ligadas ao comércio, à agricultura e aos currais de gado com caminhos que integram a própria história. As áreas de apócope em Minas Gerais, como Itaobim e Almenara, se inserem nesse contexto de povoamento.

iv. No Sul do país, a corrente emigratória dos Açores para o Brasil foi mais intensa em função do processo de colonização que tinha como objetivo principal povoar os territórios estratégicos pouco habitados como Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A emigração açoriana destaca-se pela particularidade de ser essencialmente colonizadora, de caráter definitivo com base em movimentos familiares. A sua adaptação ao novo ambiente foi rápida e eficaz.

Diante do exposto, não resta dúvida de que o processo de apócope faz parte da realidade linguística brasileira, não como o fenômeno generalizado, mas como um processo que se manteve em determinados pontos do país tais como, segundo Aguiar (1976), em Santa Catarina, Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro, Maranhão, Pará, Macapá, Bahia, Minas Gerais cuja influência açoriana tenha se manifestado com maior intensidade.

Tendo em vista que a apócope é um fenômeno marcante nos dialetos insulares portugueses, conforme mostraram as pesquisas mencionadas e o *Atlas Lingüístico dos Açores* e que açorianos tiveram participação efetiva no processo de colonização do país,

os dados apresentados neste artigo corroboram a hipótese de que o fenômeno da apócope observado em diferentes áreas brasileiras está associado ao que se observa em Portugal e que foi trazido pelos colonizadores, especialmente, açorianos.

Referências

AGUIAR, Cristovão de. Alguns dados sobre a emigração açoriana. **Separata da Revista Vértice**, Coimbra, 1976. Disponível em: http://www.portaldodivino.com/acores/emigracao.htm. Acesso em: 5 abr. 2022.

AGUILERA, Vanderci Andrade. **Atlas Lingüístico do Paraná***.* Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 1994. 411 p. ilustradas.

BERNARDO, Maria Clara Rolão. Os sons do falar micaelense. *In*: BERNARDO, Maria Clara Rolão; MONTENEGRO, Helena Mateus. **O falar micaelense** (Fonética e Léxico)*.* Viseu: João Azevedo Editor, 2003. p. 13-125.

BERNARDO, Maria Clara Rolão. **O falar da Bretanha**. 268 f. 1991. Tese (Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica) – Universidade dos Açores, Ponta Delgada, 1991.

BESSA, José Rogério Fontenele (Coord.). **Atlas Lingüístico do Ceará**. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: Edições UFC, 2010. 2 v.

BRISSOS, Fernando Jorge Costa. **Linguagem do Sueste da Beira no Tempo e no Espaço***.* 2012. 526 f. Tese (Doutorado) – Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, Gráfica de Coimbra, 2012.

CARRANCHO, Maria Licínia Sarrico dos Santos. **A Linguagem dos Pescadores de Lagos***.* 1969. 153f. Dissertação (Licenciatura em Filologia Românica) – Faculdade de Letras, Universidade Clássica de Lisboa, Lisboa, 1969.

CINTRA, Luís F. Lindley. **Estudos de Dialectologia Portuguesa***.* Lisboa: Sá da Costa Editora, 1983.

CARPEGEANI, Cleusa B.; REZENDE FILHO, Cyro. Caminho das tropas: A importância da preservação histórica e cultural como meio de preservação ambiental no Vale da Paraíba. **Revista Ciências Humanas**, Taubaté, v. 2, n. 1, p. 1-20, 2009. Disponível em: http://www.unitau.br/revistahumanas. Acesso em: 3 abr. 2022.

CORDEIRO, Carlos; MADEIRA, Artur Boavida. A emigração açoriana para o Brasil (1541-1820): uma leitura em torno dos interesses e vontades. **Revista Arquipélago – História**, 2ª série, Ponta Delgada, v. 7, p. 99-122, 2003.

CORRÊA, Lucas Teles. **A forma clítica de pronome pessoal no dialeto mineiro**: uma variante sociolinguística. 1998. 90 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 6. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013 [1984].

FAGUNDES, Maria Eduarda. Marcas dos Açores nos Sertões de Minas Gerais. **A bem da nação**, Uberaba, 14 abr. 1997. Disponível em: https://abemdanacao.blogs.sapo.pt. Acesso em: 16 abr. 2022.

FERREIRA, Carlota *et al*. **Atlas Lingüístico de Sergipe**. Salvador: UFBA - Instituto de Letras/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

FERREIRA, Manuela Barros *et al*. Variação lingüística: perspectiva dialectológica. *In*: FARIA, Isabel Hub *et al*. (Orgs.). **Introdução à Lingüística Geral e Portuguesa**. Lisboa: Caminho, 1996. p. 479-502.

FERREIRA, Manuela Barros *et al*. **Atlas Lingüístico-Etnográfico dos Açores – ALEAç**. v. 1: A criação de gado. Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa, Direção Regional da Cultura, Açores, Lisboa/Angra do Heroismo, 2001.

FURLAN, Oswaldo Antônio. **Influência açoriana no português do Brasil em Santa Catarina**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1989.

ISENSEE, Dinah Maria Montenegro. **O falar de Mato Grosso (Bahia)**: fonêmica. Aspectos da morfo-sintaxe e do léxico. 1964. 107f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 1964.

KOCH, Walter; KLASSMANN, Mário Silfredo; ALTENHOFEN, Cleo. **Atlas Lingüístico-etnográfico da Região Sul do Brasil**. Porto Alegre; Florianópolis; Curitiba: UFRGS; UFSC; UFPR, 2002. 2v.

LEITE DE VASCONCELOS, J. Dialectos algarvios (Contribuições para o estudo da dialectologia portuguesa). **Revista Lusitana**, Lisboa, v. 4, p. 328-338, 1896.

MAIA, Clarinda de Azevedo. Os falares do Algarve (Inovação e Conservação – com 32 mapas). **Separata da Revista Portuguesa de Filologia**, Coimbra, v. 17, Tomos I e I, 1975.

MAIA, Clarinda de Azevedo. **História do Galego-Português**: estado lingüístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI (com referência ao galego moderno). Coimbra: I.N.I.C, 1986.

MEDEIROS, Maria de Jesus Chichorro. **A Linguagem Micaelense em alguns de seus aspectos**. 1964. 552 f. Dissertação (Licenciatura) – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1964.

MORAES, Walfrido. **Jagunços e Heróis**: a civilização do diamante nas lavras da Bahia. 4. ed. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1991.

NAVARRO, Tomás *et al*. **Atlas Lingüístico de la Península Ibérica – ALPI**. Fonética I. Madrid: Conselho Superior de Investigaciones Científicas, 1962.

OLIVEIRA, Alan Jardel. **A variação em itens lexicais terminados em /l/ na cidade de Itaúna/MG**. 2006. 211f. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

OLIVEIRA, Alan Jardel. **'Comendo o final das palavras'**: análise variacionista da haplologia, elisão e apócope em Itaúna-MG. 2012. 296 f. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

PAGEL, Dário Fred. Contribuição para o Estudo das Vogais Finais Inacentuadas em Português. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, v. 25, p. 1-173, jul./dez. 1993.

PERINI, Mário Alberto. **Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial. 2010.

RIBEIRO, José *et al*. **Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.

ROLO, Maria do Carmo Sá Teles de Araújo. **Apócope das vogais átonas finais [ɪ] e [ʊ] em duas localidades do Centro Sul Baiano**: Beco e Seabra. 2010. 250 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

ROLO, Maria do Carmo Sá Teles de Araújo. **Apagamento das vogais átonas finais [ɪ] e [ʊ] em áreas da Bahia e de Minas Gerais**: aspectos históricos, geossociolinguísticos e acústicos. 2016. 336 f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

ROLO, Maria do Carmo Sá Teles de Araújo. O apagamento das vogais átonas finais [ɨ] e [ʊ], diante de consoante e de pausa, a partir de dados do ALEPG: Barlavento algarvio e São Miguel. *In*: CARRILHO, Ernestina *et al*. (Org.). **Estudos linguísticos e filológicos oferecidos a Ivo Castro**. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 2019. p. 1375-1379.

ROLO, Maria do Carmo Sá Teles de Araújo; MOTA, Jacyra Andrade. Apagamento das vogais átonas finais [ɪ] e [ʊ] a partir de dados do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). *In*: MOTA, Jacyra Andrade *et al*. (Orgs.). **Contribuições de estudos geolinguístico para o português brasileiro**: uma homenagem à Suzana Cardoso. Salvador: EDUFBA, 2020. p. 221-239.

ROSSI, Nelson. **Atlas Prévio dos Falares Baianos***.* Rio de Janeiro: INL, 1963.

SARAMAGO, João. O Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG). **Estudis Romànics**, Barcelona, v. 28, p. 281-298, 2006.

SEGURA DA CRUZ, Maria Luísa. **A Fronteira Dialectal do Barlavento do Algarve**. 1987. 393 f. Dissertação (Investigador Auxiliar) – Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa, 1987. v 1 - Tese; v 2 - Cartas.

SERPA, Caetano Valadão. **A gente dos Açores**: identificação, emigração e religiosidade. Séculos XVI-XX. Lisboa: Prelo Editora, 1978.

SILVA, David James. Vowel Lenition in São Miguel Portuguese. **Hispania**. Birmingham: American Association of Teachers of Spanish and Portuguese Request Permissions, v. 81. n. 1, p.166-178, mar. 1998.

SILVA, David James. The Persistence of Stereotyped Dialect Features among Portuguese-American Immigrants from São Miguel, Azores. **Journal of Portuguese Linguistics**, Lisboa, p. 1-34, 2007.

SOUZA, Ricardo Luiz. Os sentidos do povoamento: aspectos da ocupação territorial de Minas Gerais. **Revista Ciências Humanas**, Taubaté, v. 2, n. 1, p. 1-19, 2009. Disponível em: https://www.rchunitau.com.br/index.php/rch/article/view/209. Acesso em: 5 abr. 2022.

TEYSSIER, Paul. **História da Língua Portuguesa**. São Paulo: Martins Fontes, 2004 [1982].

VITORINO, Gabriela. **Atlas Linguístico do Litoral Português**: fauna e flora (introdução a dialectometria e índices). 1987. Dissertação (Investigador Auxiliar) – Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa, 1987.

UN NOUVEAU REJETON DE L'«ÉCOLE DIALECTOMETRIQUE DE SALZBOURG»: BRÈVE PRÉSENTATION DU MODE «BETA» DE LA DIALECTOMETRIE DE SALZBOURG

Hans Goebl
Salzburg
Hans.Goebl@plus.ac.at

Introduction

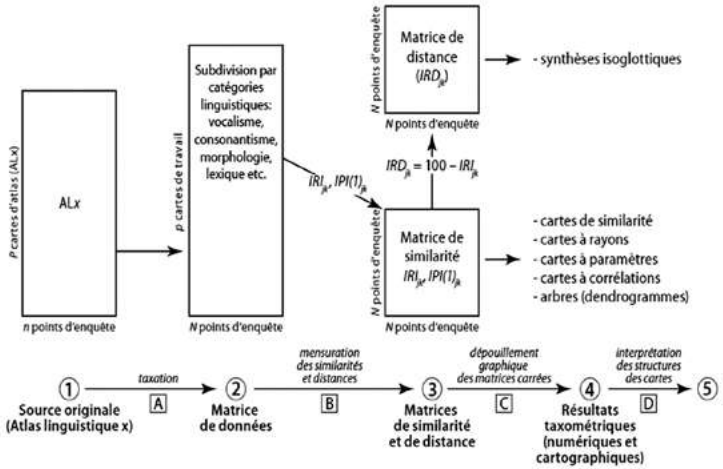
Le but de cet article est de présenter – moyennant un apparat graphique de trois figures (en noir-et-blanc) et quatorze cartes (en couleurs) – les capacités analytiques et visualisatrices d'un nouveau module du logiciel dialectométrique VDM[1] («Visual DialectoMetry») qui avait été développé ces dernières années dans le cadre de l'«École Dialectométrique de Salzburg» (EDMS)[2].

[1] VDM = Visual DialectoMetry (logiciel dialectométrique créé dans les années 1997-2000 par Edgar Haimerl pour les besoins de l'EDMS).

[2] Pour une introduction aux méthodes de l'EDMS il y a plusieurs "filières" linguistiques: voir à ce sujet mes travaux suivants: en *allemand*: 1984, en *français*: 1981, 2000 et 2002; en *anglais*: 2009b, 2018b. Comme, de nos jours, le qualificatif de *dialectométrie* (ou de *dialectometry*, *Dialektometrie* etc.) est devenu l'apanage de plusieurs méthodes

Ce nouveau module constitue un élargissement de la chaîne méthodique traditionnelle de l'EDMS telle qu'elle ressort de la Figure 1.

Figure 1: Alignement standard (mode-DM «alpha») des démarches méthodiques de l'«École Dialectométrique de Salzbourg»



Source: Werner Goebl, Vienne.

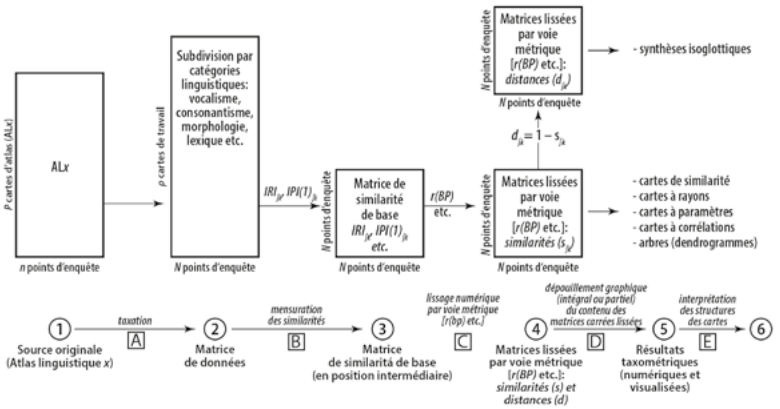
Dans sa configuration classique, cette chaîne méthodique est composée de deux éléments majeurs: de la section *empirique* (qui s'étend de *l'atlas linguistique* [AL] soumis à une analyse-DM [A + 1], jusqu'à la *matrice de données* [A + 2], créée par un processus de *typisation* (ou de "taxation") des données originales de l'AL en question), et de la section *taxométrique* à proprement parler (qui commence par la mensuration de la similarité entre les N vecteurs d'attributs de la matrice de données [B + 3] et s'achève par l'accomplissement [C + 4] et l'interprétation de six opérations dialectométriques [D + 5], toutes dûment visualisées.

quantitatives dont le fond commun est en effet très réduit, la mise en vedette de *Salzbourg* pour la caractérisation exclusive des méthodes présentées ici, est très utile, voire indispensable.

Dans cette configuration, la partie *taxométrique* forme un bloc unique centré sur la matrice de *similarité* (*sim*; calculée à l'aide d'un des nombreux indices de similarité de l'EDMS) et sur la matrice de *distance* (*dist*), qui en est dérivée par l'application d'une formule très simple: *dist = 1* (ou*: 100*) – *sim.*

Les scores de *similarité* ou de *distance* répertoriés dans les deux matrices émanent donc, à l'instar d'un signal électrique, d'une seule "source" mathématico-statistique avant leur mise en carte circonstanciée.

Figure 2 : Alignement élargi (mode-DM « béta ») des démarches méthodiques de l' « École Dialectométrique de Salzbourg »



Source: Werner Goebl, Vienne.

Au cours de calculs-DM effectués dans le cadre de recherches scriptométriques[3] nous avons découvert l'utilité de l'application supplémentaire d'indices de *corrélation* à proprement parler, parmi

[3] Par "scriptométrie" nous entendons l'application des méthodes-DM de l'EDMS aux données (et problèmes) de la scriptologie (médiévale): voir, à titre d'exemple, Dees 1980, nos contributions de 2008, 2016a et 2017 (les deux dernières contributions en coopération avec P. Smečka) et Videsott 2009.

lesquels l'indice r(BP)[4], proposé successivement par le physicien français Auguste Bravais (1811-1863) et le mathématicien anglais Karl Pearson (1857-1936), est le plus universel et le mieux connu[5].

De là est née l'idée de soumettre les scores de similarité stockés dans la matrice de similarité [de base] (voir la position 3 sur les Figures 1 et 2) à un traitement statistique supplémentaire par l'application de l'indice r(BP)[6], et de dédoubler ainsi la partie *taxométrique* de notre chaîne-DM traditionnelle: voir la position 4 sur la Figure 2.

Pour bien distinguer les deux traitements statistiques, nous les avons baptisés "mode-DM *alpha"* (ancien) et "mode-DM *béta"* (neuf).

Évidemment, le traitement visualisateur final des scores de *similarité* (ou de *distance*) deux fois filtrés par voie statistique, reste le même.

Plan du présent article

Nous nous proposons de faire voir, à l'aide de quatorze paires de cartes – issues respectivement de l'application des modes-DM *alpha* et *béta* aux six volets taxométriques de l'EDMS – les différences heuristiques qui se creusent entre les deux méthodes.

Les données de base ont été tirées de six volumes de l'ALF qui avaient été dépouillées, peu avant le tournant du millénaire, par une équipe de jeunes romanistes salzbourgeoises[7], parallèlement

[4] r (BP) = indice de corrélation de Bravais-Pearson

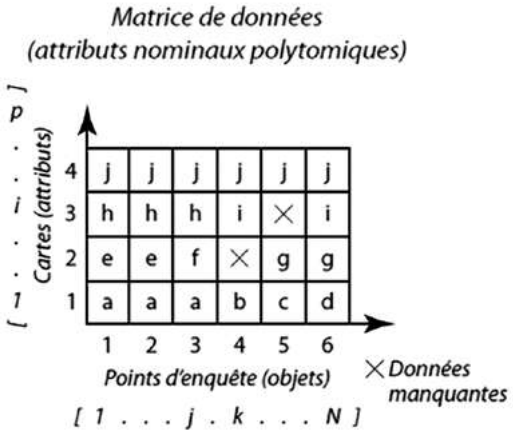
[5] Pour la formule du r(BP) voir Chandon/Pinson 1981, 65 (→ la formule S4).

[6] Les scores du r(BP) oscillent entre -1 et +1. Ils signalent la corrélation linéaire entre deux variables métriques.

[7] En voici leurs noms: Barbara Aigner, Irmgard Dautermann, Hildegund Eder, Susanne Oleinek et Annette Schatzmann. Au cours des deux dernières décennies, notre gratitude

au développement du logiciel VDM par les soins de mon ami Edgar Haimerl.

Figure 3 : Schéma d'une matrice de données tirée par voie taxatoire d'un atlas linguistique



Source: Werner Goebl, Vienne.

Présentation du corpus-ALF utilisé

Voir la Fig. 3.

En établissant notre matrice de données (MD[8]) de base nous avons suivi, en dernière analyse, l'exemple de Jules Gilliéron à la veille de sa fameuse étude sur l'onomasiologie de l'action de *scier* dans le Sud-Est de la France (GILLIERON, 1905): comme lui nous avons dépouillé les cartes originales (CO[9]) de l'ALF en en classant les données originales par types quitte à les réunir sur une carte

envers elles n'a cessé de croître.

[8] MD = matrice de données

[9] CO = carte originale (d'un atlas linguistique)

muette après coup. Notre travail de typisation se distinguait par deux propriétés de celui de Gilliéron: il s'agissait de prendre en compte un nombre aussi grand que possible de CO de l'ALF, et de les analyser ("taxer") à partir de plusieurs points de vue linguistiques: non seulement de celui du *lexique* (comme le faisait jadis Gilliéron), mais aussi de celui de la *phonétique* et de la *morpho-syntaxe*. C'est ainsi que nous avons pu tirer, moyennant l'analyse taxatoire de 626 *cartes originales* (CO) de l'ALF (toutes appartenant à la série A de l'ALF) 1 681 *cartes* "de travail" (CT[10]) dont la bigarrure linguistique interne (*polynymie*) est très inégale. Elle va de 2 types (ou "taxats") par CT jusqu'à 91 types/taxats par CT[11]. Chacun de ces taxats occupe d'ailleurs une aire particulière que nous appelons depuis belle lurette "aire taxatoire" (AT)[12].

Encore quatre remarques explicatives:

- Quant à la qualité intrinsèque des cartes originales (CO) dépouillées: nous avons dû écarter, pour des raisons statistiques, toutes les CO compromises par un surplus (> 5% du réseau intégral de 641 points) de données manquantes.
- Quant aux éléments (→ points) de notre réseau de recherche: nous avons ajouté, aux 638 points d'enquête originaux de l'ALF[13], trois points factices[14]

[10] CT = carte de travail (tirée, moyennant une analyse typisante ou "taxatoire", d'une CO d'un atlas linguistique)

[11] Pour une analyse du rôle de la polynymie cf. Goebl 2014.

[12] Les «cartes de travail» (CT) et les "aires taxatoires" (AT) constituent les piliers empiriques centraux de l'EDMS: cf. Goebl / Smečka 2016b.

[13] Rappelons que le réseau de l'ALF comprend 638 *points d'enquête* et 639 *enquêtes*. Ce petit décalage s'explique par le fait que l'enquêteur Edmond Edmont a fait deux *enquêtes* au P.-ALF 284, Saint-Pol-sur-Ternoise, son village natal.

[14] Voici les correspondances: *français* = P. 999 (situé au cœur de l'Île-de-France), *italien* = P. 998 (accolé à la pointe sud-orientale de la Provence), *catalan* = P. 997 (accolé à la pointe méridionale du Département des Pyrénées Orientales).

qui correspondent aux langues standard du *français*, de l'*italien* et du *catalan*. Il en résulte un total (= N) de 641 points-ALF (ou de polygones).

- Quant au support cartographique de base: une des actions révolutionnaires de Jules Gilliéron (1854-1926) était le recours systématique aux *cartes muettes* (CM[15]) que l'imprimerie Georges Protat; Frères (à Mâcon, Saône-et-Loire), chargée de l'impression de l'ALF, avait mis à la disposition des romanistes peu après 1902[16]. Il a pratiqué ainsi une espèce de "navette typisante" entre les données originales de l'ALF et leurs métabolismes cartographiques simplifiés. C'est que la géographie linguistique à proprement parler est née par la mise en carte systématique de la variabilité des faits linguistiques sur des vecteurs en papier. Depuis le début du XXe siècle, le maniement courant de CM est donc de rigueur au sein des études romanes[17]. Dans le cadre de l'EDMS la préférence est donnée aux CM *polygonisées* qui, mis à part leur numérisation facile, ont l'avantage de créer un lien cartographique (mieux: sémiotique) logique entre la mise en carte de faits linguistiques par *plages*[18] et par *lignes*[19]. Rappelons aussi que la découverte de ce lien est le mérite d'un germaniste allemand (Carl Haag, 1860-1946) qui en

[15] CM = carte muette (pour le dépouillement "taxatoire" des CO d'un atlas linguistique).

[16] C'est Karl Jaberg qui a présenté le premier, en 1906, les nouvelles CM aux romanistes du temps. Voir aussi notre analyse historique de 2018a.

[17] Il y a là une grande différence par rapport aux *germanistes* (et *anglicistes*) dont les atlas linguistiques ne contiennent pas de données brutes (c.-à-d. des transcriptions originales), mais des données préalablement typisées / codées (ou: "taxées") par les éditeurs respectifs.

[18] Terme technique de la cartographie "officielle": cartes "choroplèthes".

[19] La cartographie les appelle cartes "isarithmiques".

avait parlé la première fois en 1898 dans sa thèse sur les dialectes de Souabe (Allemagne du Sud-Ouest).

- Quant à la structure interne de la matrice de données (MD): les superficies (et leurs pourtours) des AT[20] sont très changeantes et absolument "imprévisibles". Leur coïncidence exacte ne se réalise pratiquement jamais, même quand deux AT se réfèrent à la même origine étymologique. Ce phénomène représente le pendant spatial de la fameuse incohérence des "lois" phonétiques qui a fait couler tant d'encre parmi les linguistes à partir du dernier quart du XIXe siècle (et au-delà). À l'intérieur d'une MD, il en résulte un "désordre" curieux pour lequel nos prédécesseurs ont créé le slogan "Chaque mot a son histoire" (cf. Jaberg 1908 et Christmann 1971), et que nous appelons, depuis plusieurs années, "enchevêtrement particulier" (des AT). Toutes les AT extraites d'un atlas linguistique sont donc enchevêtrées entre elles d'une façon fort complexe ce qui n'empêche nullement leur analyse combinatoire par voie statistique: c'est là le véritable "sel" de la DM en général et de l'EDMS en particulier.

Le tableau suivant est une synopse comparative entre le contenu de la Figure 3 et notre *corpus*-ALF de base:

	Nombre des points d'enquête	Nombre des cartes de travail (CT)	Nombre des aires taxatoires (AT)
Figure 3	6	4	10
Notre *corpus*-ALF utilisé	641	1 681	28

[20] AT = aire taxatoire (aire de diffusion d'un "taxat" ou type linguistique)

Présentation de l'appendice cartographique (Cartes 1-14)

Toutes les 14 cartes multicolores de l'annexe sont bipartites: les clichés de *gauche* sont issus d'un traitement selon le mode-DM *alpha* traditionnel (voir la Fig. 1) alors que les clichés de *droite* se réfèrent au mode-DM *béta* de date récente (voir la Fig. 2): tous les clichés de droite sont donc inédits et partant nettement innovateurs[21].

Le coloriage des cartes *choroplèthes* et *isarithmiques* de l'annexe a été réalisé á l'aide de deux algorithmes de visualisation (MINMWMAX et MEDMW) qui font partie intégrante du logiciel VDM ("Visual DialectoMetry") et de la philosophie visualisatrice de l'EDMS. Tous les deux réunissent les scores calculés – et stockés ensuite dans une matrice de *similarité* (MS[22]) ou de *distance* – en intervalles numériques préalablement définis tout en leur attribuant un coloriage particulier: c'est ainsi qu'aux couleurs *froides* (= en bleu [clair et foncé] et vert) correspondent les scores situés *au-dessous* de la moyenne arithmétique, et aux couleurs *chaudes* (= en rouge, orange et jaune) les scores situés *au-dessus* du même seuil numérique. Ces intervalles disposent soit de *largeurs* numériques égales (→ MINMWMAX) soit de *nombres* égaux *d'éléments* (= points d'enquête ou polygones) (→ MEDMW).

L'agencement des couleurs mises en carte suit la logique de l'arc-en-ciel (ou du spectre solaire).

[21] Quant à nos travaux-DM antérieurs – réalisés, en mode-DM *alpha,* avec les données de l'ALF – nous ne renvoyons ici qu'à nos contributions, toutes rédigées en langue française, de 2000, 2002, 2003 et 2009a. Les lecteurs intéressés y trouveront un grand nombre d'exemples, tous dûment présentés, expliqués et interprétés. Pour une bibliographie complète de nos travaux-DM, toujours tenue à jour, voir notre site personnel: *https://www.sbg.ac.at/rom/people/prof/goebl/dm_publi.htm.*

[22] MS = matrice de similarité (avec les dimensions N × N).

En règle générale, l'algorithme MINMWMAX engendre des profils choroplèthes plutôt aplanis alors que l'algorithme MEDMW crée des profils plus accidentés. Avec VDM l'on peut facilement sauter entre MINMWMAX et MEDMW tout en variant librement le nombre des intervalles chromatiques entre 2 et 20. Le coloriage algorithmique à la fois multiple et nuancé des scores-DM stockés dans les colonnes des matrices de similarité, de distance ou de corrélation constitue donc un atout majeur du logiciel salzbourgeois VDM.

Les cartes de similarité (CS)

Voir les Cartes 1-8[23].

Chacune des CS[24] dispose d'un point de référence précis qui sert d'étalon "de comparaison" avec le reste du réseau. Chaque CS comprend donc 640 (= N – 1; N = 641) polygones coloriés alors que le polygone du point de référence reste en blanc. Les points de référence choisis par nous concernent le nord (→ Cartes 1-2) et le centre du domaine d'Oïl (→ Carte 3), le centre du domaine d'Oc (→ Carte 4), le Croissant (→ Cartes 5 et 6) et la partie orientale du domaine francoprovençal (→ Carte 8).

En outre, le contenu et la structure des CS dépendent largement de l'indice de similarité utilisé pour leur calcul. Or, cet indice devrait correspondre – au moins en théorie – à une conception préétablie de la ressemblance linguistique entre les langues. Comme la statistique et la taxométrie offrent une gamme très vaste d'indices de ressemblance qui répondent à des finalités très différentes, il faut que le dialectométricien règle son choix sur les présupposés de la

[23] Sur chacune des cartes choroplèthes, deux des 641 polygones respectifs sont marqués par des hachures blanches. Ce graphisme renvoie soit à la valeur *maximale* (sur un polygone en *rouge*), soit à la valeur *minimale* (sur un polygone en *bleu foncé*) de la distribution de fréquence visualisée.

[24] CS = carte de similarité (un des six volets taxométriques de l'EDMS)

géolinguistique. Parmi les indices ainsi adoptés par l'EDMS, l'"Indice Relatif d'Identité" (IRI)[25] occupe une place de choix. Il peut être considéré comme indice standard de l'EDMS.

Présentation et interprétation des Cartes 1 et 2 (domaine d'Oïl-A)

Le point de référence des deux profils choroplèthes de la Carte 1 se situe à la pointe septentrionale de la Picardie (= p. 297). La structuration beaucoup plus "comprimée" du cliché de droite montre très bien l'effet égalisateur (par un effet de lissage) du mode-DM *béta* . Néanmoins il est possible, par l'application de l'algorithme MEDMW à la place de MINMWMAX, de "décomprimer" les grandes plages en *rouge* (→ domaine d'Oïl) et en *bleu foncé* (→ domaine d'Oc) du cliché de droite, et de faire ressortir ainsi la variation géolinguistique sous-jacente: voir la Carte 2, dont les deux moitiés se ressemblent beaucoup malgré d'énormes différences entre leurs bases numériques.

Présentation et interprétation de la Carte 3 (domaine d'Oïl-B)

Le point de référence (= p. 307) se situe en plein domaine d'Oïl. L'effet égalisateur du mode-DM *béta* se manifeste à nouveau. À remarquer, à droite, la mise en vedette (moyennant les intervalles 2-5) des parlers du Croissant et de la plupart des parlers francoprovençaux.

[25] La dénomination originale allemande est *Relativer Identitätswert* et l'équivalent anglais *Relative Identity Value.* Pour une explication détaillée de l'IRI cf. Goebl 1981, 2000 et 2002.

Présentation et interprétation de la Carte 4 (domaine d'Oc)

Le point de référence 735 se réfère à un parler typiquement languedocien. L'étalement auréolaire des couleurs chaudes (rouge, orange et jaune) sur le profil de gauche (mode-DM *alpha*) reflète très bien la structuration interne du domaine d'Oc. Tout comme sur la carte précédente, le profil de similarité-*béta* (à droite) est caractérisé par deux larges plages monocolores (en *bleu foncé* [→ domaine d'Oïl] et en *rouge* [→ domaine d'Oc]), entre lesquelles se glissent deux zones de transition: le Croissant et la marge méridionale du francoprovençal.

Présentation et interprétation des Cartes 5 et 6 (Croissant)

Le point de référence (p. 704) se trouve dans la Creuze méridionale et, de ce fait, au cœur du Croissant. La configuration "delphino-morphe" du Croissant ressort beaucoup mieux du profil de droite (en mode-DM *béta*), alors que le profil de gauche (en mode-DM *alpha*) souligne, de par la présence des polygones (intermédiaires) en *jaune* tant sur la Manche que sur la Méditerranée, le caractère hybride du locolecte du p. 704.

Dans cette situation, il semble indiqué de jouer sur les modalités visualisatrices du logiciel VDM et d'appliquer non seulement l'algorithme "différenciateur" MEDMW mais aussi un nombre beaucoup plus élevé (= 20) d'intervalles chromatiques: voir les deux profils de la Carte 6.

Aux vingt intervalles numériques des deux profils de la Carte 6 ne correspondent pas autant de teintes empruntées à l'arc-en-ciel; c'est que les classes intermédiaires 4-10 (toutes coloriées en *vert*) ainsi que les classes 11-17 (toutes coloriées en *jaune*), qui

sont situées respectivement de deux côtés des deux moyennes arithmétiques (à *gauche*: 59,77; à *droite*: + 0,29), ont reçu un coloriage uniforme en *vert* et en *jaune*. Il en résulte un effet optique particulier qui rehausse, par un effet de ricochet visuel, l'éclat des polygones relatifs aux intervalles situés en aval (1-3: en *bleu*) et en amont (18-20: en *rouge*) de l'échelle des scores de similarité.

C'est ainsi que surgit, sur le profil de gauche et autour du point de référence 704, une agglomération "nubi-forme" en rouge, alors que, sur le profil de droite (réalisé en mode-DM *béta*), la silhouette "delphino-morphe" classique du Croissant[26] apparaît de nouveau. En comparant les deux profils de la Carte 6, l'on constate, une fois de plus, l'effet niveleur du mode-DM *béta*.

Présentation et interprétation des Cartes 7 et 8 (domaine francoprovençal)

Nous reprenons ici l'expérience des Cartes 1 et 2 desquelles s'est dégagé avec netteté le contraste qui existe entre les visualisations choroplèthes effectuées par l'algorithme MINMWMAX d'un côté, et l'algorithme MEDMW de l'autre. Alors que sur la Carte 7 (établie moyennant MINMWMAX) les deux profils accusent une allure géographique très régulière, les deux profils de la Carte 8 (créés à l'aide de MEDMW) montrent des profils beaucoup plus accidentés et même déroutants; ceci est vrai surtout pour le profil de gauche (produit en mode-DM *alpha*).

Une carte à paramètre: la synopse des "coefficients d'asymétrie de Fisher" (CAF)

Voir la Carte 9.

[26] Voir à ce sujet les cartes en annexe à Goebl 2004.

Un des exploits majeurs de l'EDMS était la découverte que les N distributions de similarités stockées dans une matrice similarité (MS) carrée (N × N) sont porteuses non seulement d'informations linguistiques de type *synchronique*, mais aussi de type *diachronique*. Ces dernières peuvent être repérées surtout à travers les "paramètres typiques" des distributions de similarité tels que le *minimum*, le *maximum*, la *moyenne arithmétique*, l'écart-type ou le *coefficient d'asymétrie de Fisher* (CAF). L'analyse serrée de ces paramètres statistiques permet, entre autres, de mesurer l'intensité de l' "enchevêtrement particulier" des AT.

Or, il est bien connu depuis les recherches de J. Gilliéron (et de beaucoup d'autres) que, dans l'espace, le "changement linguistique" se manifeste par d'interminables "bousculades" – de type expansif ou régressif – parmi les nombreuses AT "en lice". Or, c'est justement le paramètre CAF qui permet de déterminer avec précision les régions où, à l'intérieur du réseau de l'ALF, ces "bousculades" ont été les plus fortes, et celles où ces "télescopages" étaient de nature plus discrète.

Sur la Carte 9 les scores (négatifs) du CAF, coloriés en *bleu foncé* (etc.), renvoient aux régions marquées par d'intenses "bousculades" entre les AT rivales, alors que les scores positifs du CAF, coloriés en *rouge* (etc.) sur la Carte 9, signalent des zones où les AT du lieu menaient une vie beaucoup plus calme.

Dans cette optique, l'architecture du profil de gauche (créé en mode-DM *alpha*) est très éloquente: l'on y discerne deux configurations circulaires en *bleu* (foncé et moyen) qui entourent, d'un côté, le *domaine d'Oïl* et, de l'autre, celui du *francoprovençal*.

L'encerclement oïlique renvoie au rayonnement bien connu du franc(il)ien à partir de l'Île-de-France caractérisé par d'innombrables effets d'expansion et de refoulements d'AT de toute sorte, alors

que la "fourchette" francoprovençale est due, vers le nord-ouest, à la retraite pluriséculaire de la vieille latinité *lyonnaise* devant l'expansion "tous-azimut" de la latinité *mérovingo-carolingienne*, et, vers le sud (c.-à-d. vers le domaine d'Oc), aux multiples frictions et compromis linguistiques qui se sont produits entre les latinités de *Lugdunum / Lyon* (fondée en 43 av. J.-Chr., c.-à-d. peu de temps après la fameuse conquête de la Gaule par Jules César) et celle de *Colonia Narbo Martius / Narbonne* (fondée déjà en 118 av. J.-Chr., donc au moment de la première mainmise des Romains sur la Gaule).

Aux plages rouges – qui symbolisent des évolutions linguistiques plutôt ralenties – correspondent des provinces occitanes centrales telles que la Gascogne, le cœur du Languedoc et la Provence entre lesquelles se creusent des zones de passage en jaune et orange.

Sur le profil de droite (réalisé dans le mode-DM *béta*), le théâtre des grandes confrontations linguistiques s'est déplacée du pourtour périphérique oriental du domaine d'Oïl vers le milieu de la Gaule, alors que les hauts-lieux du conservatisme linguistique d'Oc ne se sont guère déplacés.

Soulignons encore, sur le profil de droite, l`aplanissement complet du francoprovençal et l'apparition – en rouge – de quelques buttes-témoins conservateurs dans la zone du Croissant.

L'analyse dendrographique: la "classification hiérarchique ascendante" (CAH) (méthode de Ward)

Voir la Carte 10.

Comme, en ligne générale, l'approche dendrographique fait partie intégrante de la linguistique historique depuis longtemps, on ne s'étonnera point qu'elle réapparaît aussi en matière de DM.

Du point de vue statistique, la CAH opère avec des algorithmes[27] dont le but est de pratiquer, à l'intérieur de N/2 (N – 1)[28] scores de similarités stockés dans une MS, N fusions exclusivement binaires, d'abord entre des éléments (ou locolectes) isolés et ensuite entre des groupements majeurs créés successivement par voie agglomérative. Ce travail fusionniste débute par les scores les plus petits (c.-à-d. auprès des "feuilles" de l'arbre) pour aboutir, après une "ascension" le long de l'échelle des scores de similarité triés par leur taille, à la génération de la "racine" (ou du "tronc") de l'arbre par la fusion des deux dernières valeurs de cette échelle.

Les ramifications de l'arbre sont toujours binaires; le "branchage" de l'arbre consiste en un certain nombre d'embranchements que nous appelons *dendrèmes.* Pour les propos de la DM, il est de toute première importance de ne jamais considérer isolément l'arbre issu d'une classification de type-CAH, et de toujours l'utiliser pour la projection de ses dendrèmes dans l'espace, c.-à-d. sur la carte de l'espace en question ("spatialisation"), tout en y créant des configurations spatiales typiques, appelés par nous *chorèmes*: voir la Carte 10 où l'identité du coloriage des deux arbres et de leurs spatialisations facilite l'identification des relations qui existent entre les différents *dendrèmes* et les *chorèmes*, leurs équivalents sur la carte.

À noter aussi, du point de vue taxométrique, la différence qui existe entre la variabilité numérique à *l'intérieur* des dendrèmes (ou chorèmes) [variabilité "*intra*-group"], et celle qui s'établit *entre* les différents dendrèmes/chorèmes [variabilité "*inter*-group"]. La logique des algorithmes utilisés dans le cadre de la CAH veut que

[27] L'arbre présenté sur la carte 10 a été construit moyennant l'algorithme-CAH proposé en1963 par le statisticien américain Joe Ward, Jr: cf. Chandon-Pinson 1981, 123.

[28] Toute MS carrée (N × N) consiste en deux moitiés symétriques égales (N × N/2) et une diagonale (N) occupée uniquement par la valeur 100 (ou 0). La somme des scores utilisables est donc de N × N/2 – N = N/2 (N – 1).

cette variabilité soit minimale au niveau des "feuilles", et maximale près de la "racine" (ou du "tronc") de l'arbre. Il existe également une relation directe entre cette variabilité changeante et la "fiabilité" des classifications ainsi établies. C'est que cette dernière diminue avec l'augmentation des deux espèces de variabilité mentionnés ci-dessus. Ceci signifie que les groupements situés près des feuilles sont – au moins en théorie – plus "sûrs" que ceux qui se trouvent près de la racine.

Du point de vue (géo)linguistique il est possible de soumettre les ramifications de l'arbre à une lecture (ou interprétation) diachronique tout en attribuant la plus grande ancienneté aux groupements situés près de la racine. Cette lecture se déroule le long de l'axe horizontal situé au-dessus des deux arbres et se fait en sens inverse par rapport aux nombreuses fusions précédentes. C'est ainsi que la structure des deux arbres de la carte 10 suggère que la première fragmentation du "latin des Gaules" s'est opérée entre les domaines d'Oc et d'Oïl, que l'autonomie classificatoire de l'Est du domaine d'Oïl (en jaune) est plus ancienne que celle du Centre (en rose) et du Sud-ouest (en rouge), et que la position classificatoire du francoprovençal (en orange) est ambigüe: à gauche (en mode-DM *alpha*) celle-ci semble être en retrait (= plus jeune) par rapport au Centre, alors qu'à droite (en mode-DM *béta*) elle suggère une plus grande ancienneté de ce domaine linguistique, augmenté d'ailleurs vers l'Ouest par quelques points du Croissant.

À noter aussi que, sur les deux spatialisations (suivant les modes-DM *alpha* et *béta*), les quatre bifurcations intra-occitanes se trouvent pratiquement à la même hauteur. Ceci laisse conclure à une évolution linguistique uniforme et tranquille du domaine d'Oc, exempte d'expansions et de retraits considérables.

L'analyse interponctuelle en fonction *discriminatoire* ("cartes isoglottiques")

Voir la Carte 11.

Le terme et le concept de l'*interpoint* ont été créés, à partir de 1949, par l'abbé Théobald Lalanne (1880-1952). Il présuppose l'existence d'un réseau de recherche avec des points d'enquête répartis plus ou moins équitablement dans l'espace, entre lesquels il est possible de pratiquer deux opérations géométriques: d'abord le traçage de *lignes droites* entre les points avoisinants du réseau (triangulation de Delaunay[29]), et ensuite la construction des verticales (ou: perpendiculaires) respectives quitte à les prolonger jusqu'à leur fusion réciproque.

Dans le premier des deux cas, il en résulte un *treillis triangulaire*, alors que le résultat graphique du second est une *mosaïque polygonale* (polygonisation de Voronoi)[30]. Les "interpoints" de mémoire lalannienne ont donc deux apparences géolinguistiques et géométriques[31] qui desservent deux fonctions linguistiques différentes: la *communication* à travers les *côtés de triangle*, la *distanciation* par les *côtés de polygone*.

Suivant ces deux principes géométriques nous avons tiré, des 641 points de notre réseau de recherche, 1 791 interpoints qui, dans la perspective de l'EDMS, correspondent à autant de valeurs soit de *distance* (voir la Carte 11), soit de *similarité* (voir la Carte 12). Leur mise en carte aboutit à deux messages géolinguistiques différents. Alors que la carte 11 signale le *cloisonnement* interponctuel général,

[29] Mathématicien russe (B. N. Delone, 1890-1980) dont le nom russe a été francisé après coup en *Delaunay*.

[30] Mathématicien russe (G. F. Woronoi, 1868-1908). La paternité de ce principe géométrique très utile, est multiple: voici les noms de deux autres pionniers concurrents: P. G. Dirichlet (1805-1859) et A. H. Thiessen, (1872-1956).

[31] Cf. à ce sujet notre contribution de 1983.

la Carte 12 renvoie à la *connectivité* interponctuelle. Dans les deux cas, il s'agit de phénomènes très variables avec des implantations spatiales bien définies.

Les deux clichés de la Carte 11 montrent très bien la bipartition de la Galloromania, non seulement par la présence de plusieurs zones de transition, coloriées en différentes teintes de bleu et caractérisées par une grande épaisseur des côtés de polygone respectifs, mais aussi par la présence de quelques régions linguistiquement égalisées, et qui sont dotées de polygones entourés de côtés *minces* et *rouges*: il s'agit de l'Île-de-France, du Languedoc et de la partie orientale de la Provence.

Une fois de plus, le message iconique du cliché de droite est (beaucoup) plus clair et simple. À mes yeux, la configuration polygonale en bleu qui sillonne le milieu de la Galloromania a les apparences d'un *dauphin* qui s'élance de l'est vers l'ouest.

L'ANALYSE INTERPONCTUELLE EN FONCTION *COMMUNICATIVE* ("CARTES À RAYONS")

Voir la Carte 12.

Évidemment, la logique iconique des deux clichés de la Carte 12 s'oppose à celle de la Carte 11: ici, l'intensité du coloriage (→ en rouge) et l'épaisseur de la triangulation polygonale signalent d'excellents rapports communicatifs entre les points-ALF limitrophes. À nouveau se dégagent, dans le nord, le Centre, et, dans le sud – bien que dans une moindre mesure –, la Gascogne, une partie du Languedoc et la Provence.

Les zones de transition entre Oc et Oïl sont marquées par une texture triangulaire fine et coloriée en bleu. La largeur de

cette "déchirure" entre Oc et Oïl[32] est plus grande sur le cliché de gauche (produit en mode-DM *alpha*) que sur celui de droite (mode-DM *béta*).

L'analyse corrélative (la *similarité linguistique* corrélée avec la *proximité géographique*)

Voir les Cartes 13 et 14.

La méthode-DM de l'analyse corrélative dépend d'une assomption théorique capitale: à savoir qu'il existe, dans les profondeurs de la MD dépouillée, des structures globales issues d'un comportement linguistique particulier des humains face à l'espace. Depuis un certain temps (2005) nous appelons cette activité anthropique "gestion basilectale de l'espace par l'homo loquens". Évidemment, cette "gestion" peut embrasser toutes les catégories linguistiques ou seulement la phonétique, le lexique ou la morpho-syntaxe. Il est donc légitime d'examiner les liens corrélatifs spatiaux qui existent entre ces différentes espèces *linguistiques* de la gestion de l'espace, et aussi la corrélation qui se manifeste entre la gestion *linguistique* (globale) de l'espace par les humains, et celle qui s'instaure, par voie *euclidienne*, entre les distances (ou proximités) kilométriques des N localités de notre réseau.

La Carte 13 montre, à gauche, la position – générée sans l'ombre de doute par la gestion *glotto-anthropique* de l'espace – du

[32] Rappelons dans ce contexte le verdict émis en 1888 (435-436) par Gaston Paris sur la non-existence d'une *muraille* entre le nord et le sud de la France: "Et comment, je le demande, s'expliquerait cette étrange frontière qui de l'ouest à l'est couperait la France en deux en passant par des points absolument fortuits ? Cette muraille imaginaire, la science, aujourd'hui mieux armée, la renverse, et nous apprend qu'il n'y a pas deux Frances, qu'aucune limite réelle ne sépare les Français du nord de ceux du midi, et que d'un bout à l'autre du sol national nos parlers populaires étendent une vaste tapisserie dont les couleurs variées se fondent sur tous les points en nuances insensiblement dégradées". On doit au même auteur aussi le verdict de la "non-existence des dialectes". Nous qualifions depuis longtemps cette attitude égalisatrice et anti-classificatoire comme "typophobe" (cf. Goebl 1986).

dialecte de Marcigny (= p. 1 de l'ALF) au sein de la Galloromania, alors que le cliché de gauche, également relatif au p. 1 de l'ALF, repose sur l'application pure et simple du théorème de Pythagore ($a^2 + b^2 = c^2$) sur les coordonnées géographiques (en *x* et *y*) des 641 points de notre réseau. La régularité de ce profil n'a pas de quoi surprendre: tout y est régi par les nécessités de la géométrie euclidienne.

Dans ces conditions, il est indiqué de se demander dans quelle manière coïncident les deux espèces de gestion de l'espace, créées soit par *l'homme*, soit par les *impératifs de la géométrie.*

Du point de vue taxométrique, cette comparaison se fait moyennant N (ici: 641) calculs de corrélation (exécutés à l'aide de l'indice de corrélation de Bravais-Pearson r(BP) entre deux séries de valeurs: entre les N colonnes de la matrice de *similarité* (calculées par l'application de l'indice IRI_{jk})[33], et les N colonnes d'une matrice de *proximité* analogue, dans les cellules de laquelle ont été stockées – selon une formule très simple: $d + p = 100$) – les valeurs non pas des *distances* kilométriques (d) calculées, mais de leurs équivalents de *proximité* (p).

De cette comparaison "corrélative résultent 641 scores-r(BP) susceptibles d'être visualisés selon les standards cartographiques de l'EDMS: voir les deux clichés de la Carte 14.

Pour bien comprendre le message de ces deux cartes choroplèthes très clairement structurées il faut connaître la signification des valeurs sur lesquelles elles reposent. Il s'agit de 641 scores de corrélation, toutes oscillant à l'intérieur d'une fourchette numérique située entre -1 (en bleu foncé) et +1 (en rouge), qui signalent le taux de l'interdépendance entre les deux espèces de gestion de l'espace.

[33] IRIjk = Indice Relatif d'Identité (entre les points d'atlas j et k)

Les couleurs *chaudes* (du rouge au jaune) signalent un phénomène que l'on pourrait appeler le "pas cadencé" entre les deux sortes de gestion, alors que les couleurs *froides* (du bleu foncé au vert clair) signalent le contraire: de fortes dissonances (ou: antagonismes) entre ces deux espèces de gestion de l'espace. Or, la structure géographique bipolaire des deux clichés – avec, en rouge, une implantation cunéiforme "expansive" dans le nord, une bande "défensive" le long des Pyrénées dans le sud, et une large ceinture de "dissonance" dans le centre – nous suggère la présence d'antagonismes conflictuels "de longue durée".

Il est en effet très probable que cette structure bipolaire renvoie aux multiples contacts et conflits linguistiques qui se sont déroulés, à travers l'épanouissement et la diminution d'innombrables AT, entre les deux latinités de base de la Galloromania: celle de Narbonne (= Oc), et celle du Centre (= Oïl)[34]. Une excellente preuve de cette vision "conflictuelle" est la position excentrique (en bleu foncé, avec des hachures blanches superposées[35]) du p. 635 (Andraut; situé au sud-est de Bordeaux) qui, en tant qu'îlot linguistique d'origine saintongeaise implanté au XVe siècle en territoire gascon, remplit toutes les prémisses d'une dissonance capitale entre les gestions *linguistique* et *euclidienne* de l'espace.

Dans l'optique de ces deux clichés, la latinité de Lugdunum, héritière directe de la conquête de Jules César (58-51 av. J. Chr.) et souche du francoprovençal, semble avoir été "broyée" entre les "pinces" majeures de Lutèce et de Narbonne.

[34] Il s'agit de la latinité "mérovingo-carolingienne", intimement liée à l'essor politique des Francs à partir de 498 (baptême de Clovis) et à l'enracinement de ces derniers au sol de la tribu gauloise des *Parisii*, en Île-de-France.

[35] La superposition de hachures blanches renvoie aux valeurs *maximales* et *minimales*: à gauche: le *maximum* (en rouge) est en Picardie, le *minimum* (en bleu foncé) au P. 635; à droite: le *maximum* est dans les Pyrénées orientales (en rouge), alors que le *minimum* (en bleu foncé) se trouve à nouveau au P. 635.

À souligner aussi l'étonnante gradualité des passages finement échelonnés entre les pôles du rouge et du bleu. Ce phénomène est aussi tributaire de l'effet "différenciateur" de l'algorithme MEDMW et du nombre élevé de 10 intervalles chromatiques. La même remarque concerne d'ailleurs aussi les Cartes 11 et 12, dédiées à la présentation des deux versants de la DM interponctuelle.

Évidemment, le champ de telles comparaisons corrélatives est très vaste: surtout les comparaisons entre différentes catégories linguistiques (p. ex. *phonétique* vs. *lexique*, *vocalisme* vs. *consonantisme* etc.) fournissent d'excellents résultats dont l'intérêt linguistique est considérable (voir GOEBL 2005).

Conclusion

Le nouveau volet du logiciel VDM s'intègre parfaitement dans la logique méthodique de de l'EDMS qui par définition est multiple. J'espère que les exemples présentés sur les Cartes 1-14 ne laissent pas de doute sur son utilité géolinguistique. Au besoin cet intérêt pourrait s'étendre aussi à d'autres sciences qui, comme la géographie, l'anthropologie ou la sociologie quantitatives, sont engagées dans l'analyse de l'interaction entre l'homme et l'espace.

C'est le bon moment pour souligner, une fois de plus, que le logiciel VDM est à la libre disposition de tous ceux qui en ont besoin et en font la demande[36].

Références

ALF = GILLIERON, Jules; EDMONT, Edmond. **Atlas linguistique de la France**. 10 v. Paris: Champion, 1902-1910 (réimpression: Bologne: Forni, 1968) [trois fois consultable dans le web: Innsbruck: https://diglib.uibk.ac.at/urn:nbn:at:at-ubi:2-4568; Toulouse: http://symila.univ-tlse2.fr/alf; Grenoble: https://lig-tdcge.imag.fr/cartodialect5/#/].

[36] Voici mon adresse courriel: *hans.goebl@plus.ac.at*

CHANDON, Jean-Louis; PINSON, Suzanne. **Analyse typologique**. Théories et applications. Paris; New York; Barcelone; Milan: Masson, 1981.

CHRISTMANN, Hans Helmut. Lautgesetze und Wortgeschichte. Zu dem Satz „Jedes Wort hat seine eigene Geschichte". In: STEMPEL, Wolf-Dieter; COSERIU, Eugenio (eds.). **Sprache und Geschichte**. Festschrift für Harri Meier zum 65. Geburtsta. München: Fink, 1971, p. 119-124.

DEES, Anthonij. **Atlas des formes et des constructions des chartes françaises du 13e siècle.** (Beihefte der Zeitschrift für romanische Philologie, v. 178). Tübingen: Niemeyer, 1980.

ESTUDIS ROMÀNICS. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans, 2006. v. 28. p. 281-298.

GILLIERON, Jules (avec Jean Mongin). **Scier dans la Gaule romane du sud et de l'est**: étude de géographie linguistique. Paris: Champion, 1905. Réimpression de l'original avec une traduction italienne en vue par Lorenzo Massobrio: *"Segare" nella Gallia romanza meridionale e orientale*. Novi Ligure: Grafica editoriale universitaria, 1990.

GOEBL, Hans. Éléments d'analyse dialectométrique (avec application à l'AIS). **Revue de linguistique romane**, n. 45, p. 349-432, 1981.

GOEBL, Hans. Parquet polygonal et treillis triangulaire: les deux versants de la dialectométrie interponctuelle. **Revue de linguistique romane**, n. 47, p. 353-412, 1983.

GOEBL, Hans. **Dialektometrische Studien**. Anhand italoromanischer, rätoromanischer und galloromanischer Sprachmaterialien aus AIS und ALF. (Beihefte der Zeitschrift für romanische Philologie, v. 191-193). Tübingen: Niemeyer, 1984.

GOEBL, Hans. Typophilie und Typophobie. Zu zwei problembeladenen Argumentationstraditionen innerhalb der Questione ladina. In: HOLTUS, Günter; RINGGER, Kurt (eds.). **Raetia antiqua et moderna**. W. Th. ELWERT zum 80. Geburtstag. Tübingen: Niemeyer, 1986. p. 513-536.

GOEBL, Hans. La dialectométrisation de l'ALF: présentation des premiers résultats. **Linguistica**, n. 40, p. 209-236, 2000.

GOEBL, Hans. Analyse dialectométrique des structures de profondeur de l'ALF. **Revue de linguistique romane**, n. 66, p. 5-63, 2002.

GOEBL, Hans. Regards dialectométriques sur les données de l'Atlas linguistique de la France (ALF): relations quantitatives et structures de profondeur. **Estudis Romànics**, XXV, p. 59-121, 2003.

GOEBL, Hans. Das «Croissant» - eine Nachschau im Abstand von 90 Jahren (mit zwei dialektométrisch erstellten Farbkarten). *In*: NOLL, Volker; THIELE, Sylvia (eds.). **Sprachkontakte in der Romania**. Zum 75. Geburtstag von Gustav Ineichen. Tübingen: Niemeyer, 2004. p. 159-172.

GOEBL, Hans. La dialectométrie corrélative. Un nouvel outil pour l'étude de l'aménagement dialectal de l'espace par l'homme. **Revue de linguistique romane**, n. 69, p. 321-367, 2005 (cartes en couleurs: 356-367).

GOEBL, Hans. Sur le changement macrolinguistique survenu entre 1300 et 1900 dans le domaine d'Oïl. Une étude diachronique d'inspiration dialectométrique. **Dialectologia Revista electrònica**, Barcelona, n. 1, p. 3-43, 2008.

GOEBL, Hans. Quelques coups d'œil dialectométriques sur l'Atlas linguistique de la France: structures de surface et structures de profondeur. *In:* DALBERA-STEFANAGGI, Marie-José; SIMONI-AUREMBOU, Marie-Rose (eds.). **Images de la langue**: représentations spatiales, sémantiques et graphiques. Paris: Editions du CTHS, 2009a. p. 39-60.

GOEBL, Hans. Dialectometry and quantitative mapping. *In*: LAMELI, Alfred; KEHREIN, Roland; RABANUS, Stefan (eds.). **Language and Space**. An International Handbook of Linguistic Variation, v. 2: Language Mapping (Handbücher der Sprach- und Kommunikationswissenschaft [HSK] 30.2.). Berlin: de Gruyter 2010; 1ère partie: p. 433-457 (texe); seconde partie: p. 2201-2212 (cartes).

GOEBL, Hans. L'impact de la polynymie des cartes d'atlas sur le résultat de calculs dialectométriques. *In*: POLSKA AKADEMIA UMIEJETNOSCI; INSTYTUT FILOLOGII ROMANSKIEJ UNIWERSYTETU JAGIELLONSKIEGO (ed.): **Linguistique romane et Linguistique indo-européenne**. Mélanges offerts à Witold Mańczak à l'occasion de son 90e anniversaire. Kraków, Cracovie: Polska Akademia Umiejetnosci. Instytut Filologii Romanskiej Uniwersytetu Jagiellonskiego, 2014. p. 243-260 (avec 10 cartes en couleurs).

GOEBL, Hans. La face cachée de la géographie linguistique. Bref aperçu sur les "cartes muettes" produites pour l'ALF, l'AIS et le FEW. **Revue de linguistique romane**, n. 82, p. 5-63, 2018a (avec 16 cartes en couleurs).

GOEBL, Hans. Dialectometry. *In*: BOBERG, Charles; NERBONNE, John; WATT, Dominic (eds.). **The Handbook of Dialectology**. Hoboken, New Jersey: John Wiley; Sons, 2018b. p. 123-142 (avec quatre planches en couleurs).

GOEBL, Hans / SMECKA, Pavel. L'interprétation dialectométrique des atlas scripturaux d'Anthonij Dees. **Revue de linguistique romane**, n. 80, p. 321-368, 2016a (avec 50 cartes en couleurs).

GOEBL, Hans; SMECKA, Pavel. The Quantitative Nature of Working Maps (WM) and Taxatorial Areas (TA): A Brief Look at two Basic Units of Salzburg Dialectometry (S-DM). *In:* KELIH, Emmerich; KNIGHT, Róisín; MACUTEK, Ján; WILSON, Andrew (ed.). **Issues in Quantitative Linguistics 4**. Dedicated to Reinhard Köhler on the occasion of his 65th birthday. Lüdenscheid: RAM-Verlag (Studies in Quantitative Linguistics, v. 23), 2016b. p. 113-127 (avec quatre cartes en couleurs).

GOEBL, Hans; SMECKA, Pavel. Trois regards dialectométriques sur l'aménagement géolinguistique du domaine d'oïl, basés sur une synthèse des données médiévales réunies par Anthonij Dees en 1980 et 1983, et celles de l'ALF. In: KRISTOL, Andres M. (ed.). La mise à l'écrit et ses conséquences. **Actes du troisième colloque «Repenser l'histoire du français»***",* Université de Neuchâtel, 5-6 juin 2014. Tübingen: Francke, 2017. p. 15-49 (avec 12 planches en couleurs).

HAAG, Carl (ou: Karl). **Die Mundarten des oberen Neckar- und Donautales** (Schwäbisch-alemannisches Grenzgebiet: Baarmundarten). Reutlingen: Hutzler, 1898.

JABERG, Karl. Zum Atlas linguistique de la France. **Zeitschrift für romanische Philologie**, n. 30, p. 512, 1906.

JABERG, Karl. *Sprachgeographie. Ein Beitrag zum Verständnis des Atlas linguistique de la France*. Aarau: Sauerländer, 1908. Version espagnole: *Geografía lingüística, Ensayo de interpretación del Atlas lingüístico de Francia".* Granada: Universidad de Granada, 1959.

LALANNE, Abbé Théobald. **L'indépendance des aires linguistiques en Gascogne maritime**. Berceau de Saint Vincent de Paul: chez l'auteur, 1949-1952. Réimpression: Labatut: Atelier Histoire Trait d'Union, 2018.

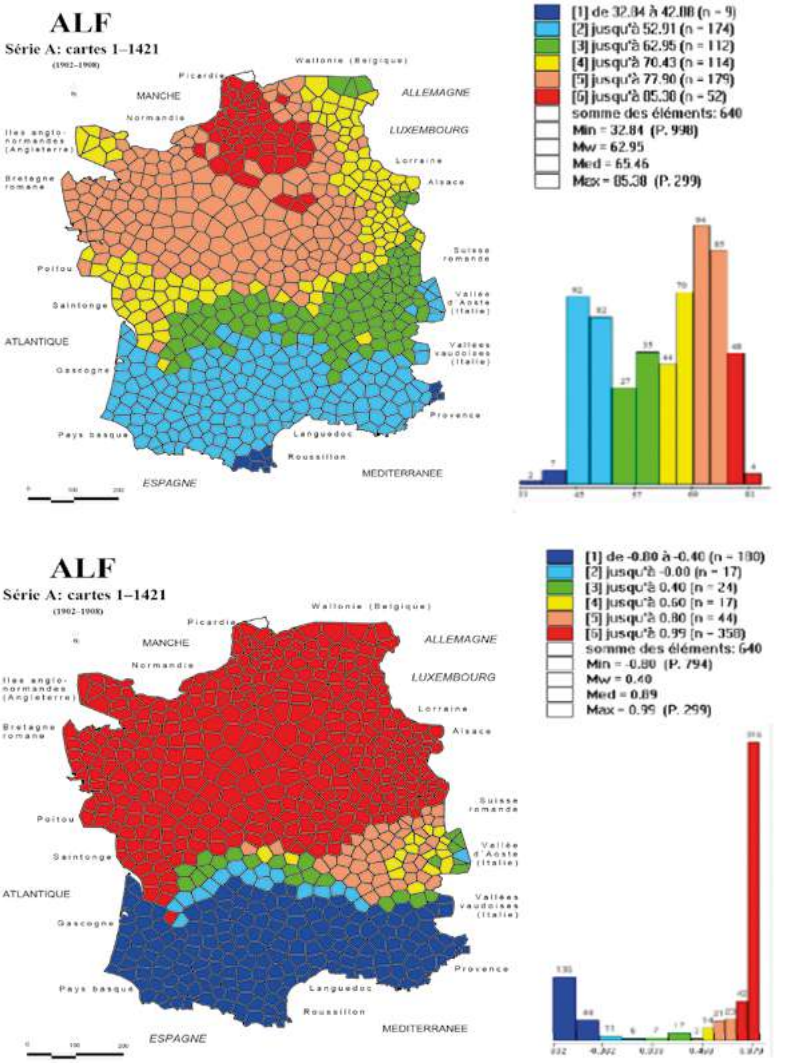
PARIS, Gaston. Les parlers de France. *Revue des patois gallo-romans* 2, 1888, p.161-175. In: PARIS, Gaston. **Mélanges linguistiques**. Latin vulgaire et langues romanes, langue française, notes étymologiques, publiés par Mario Roques. Paris: Champion, 1909. p. 432-448.

VIDESOTT, Paul. **Padania scrittologica**: Analisi scrittologiche e scrittometriche di testi in italiano settentrionale antico dalle origini al 1525. (Beihefte zur Zeitschrift für romanische Philologie, v. 343). Tübingen: Niemeyer, 2009.

CARTE 1: DEUX CARTES DE SIMILARITÉ RELATIVES AU P.-ALF 297 (FORT-MARDYCK, NORD)

***Corpus*: 1 681 CT; algorithme d'intervallisation : MINMWMAX 6-tuple**

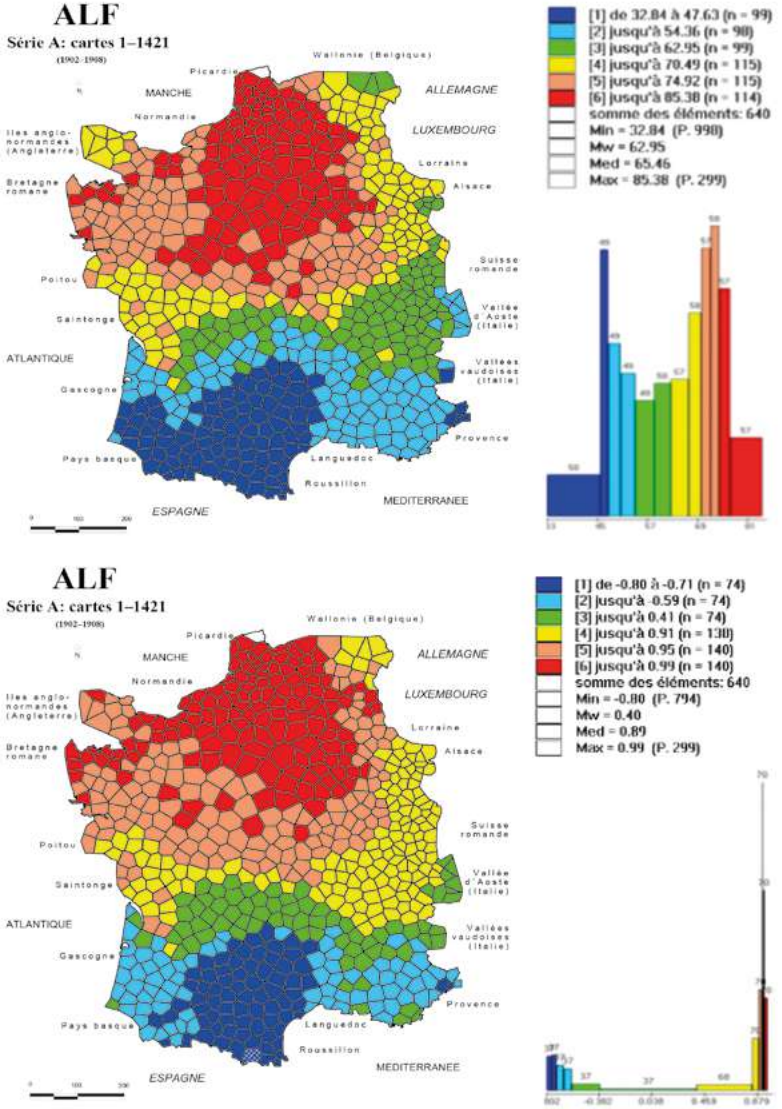
Calcul de similarité: en haut (« alpha »): IRIjk; en bas (« béta »): IRIjk + r (BP)



Carte 2: Deux cartes de similarité relatives au P.-ALF 297 (Fort-Mardyck, Nord)

***Corpus*: 1 681 CT; algorithme d'intervallisation : MEDMW 6-tuple**

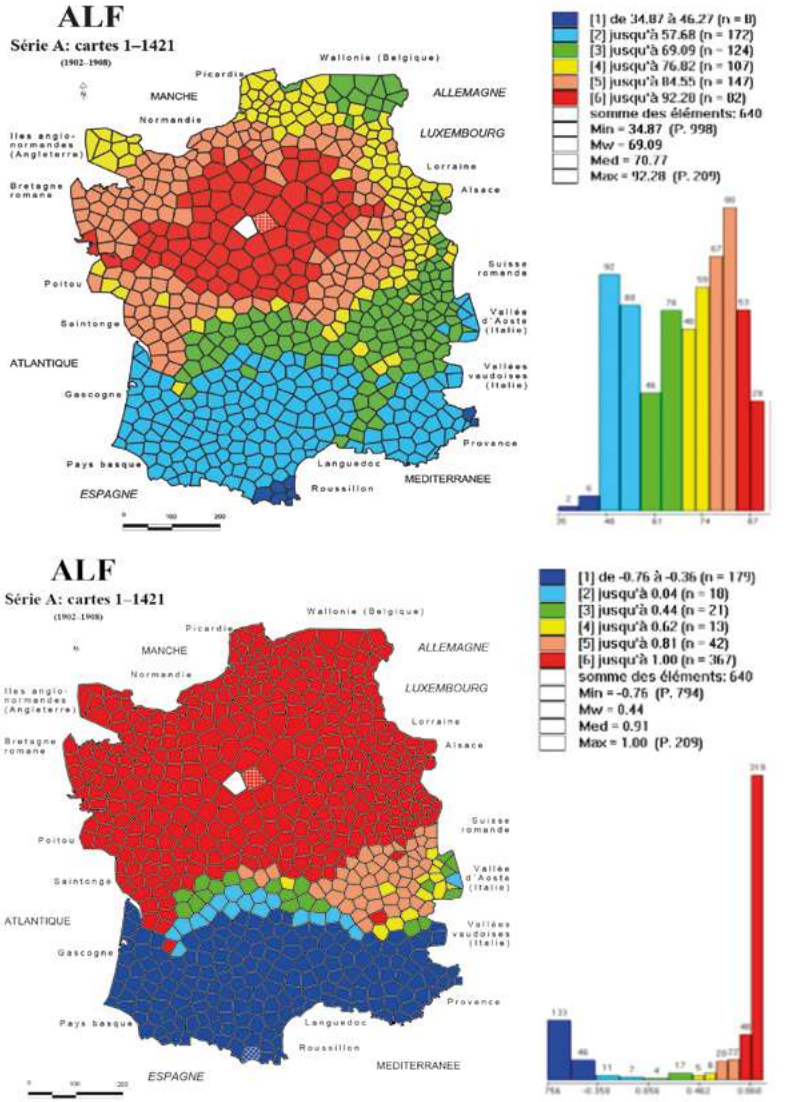
Calcul de similarité: en haut (« alpha »): IRIjk; en bas (« béta »): IRIjk + r (BP)



CARTE 3: DEUX CARTES DE SIMILARITÉ RELATIVES AU P.-ALF 307 (SAINT-AY, LOIRET)

***Corpus*: 1 681 CT; algorithme d'intervallisation : MEDMW 6-tuple**

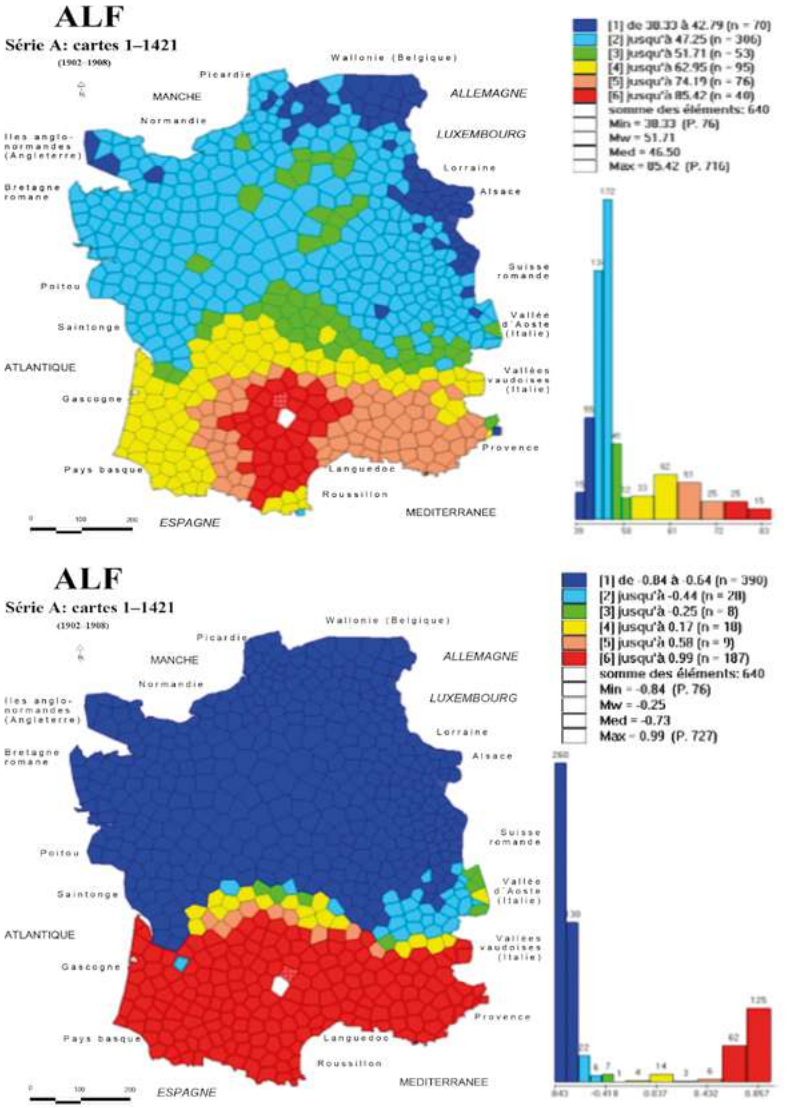
Calcul de similarité: en haut (« alpha »): IRIjk; en bas (« béta »): IRIjk + r (BP)



Carte 4: Deux cartes de similarité relatives au P.-ALF 735 (Calmont, Aveyron)

***Corpus*: 1 681 CT; algorithme d'intervallisation : MINMWMAX 6-tuple**

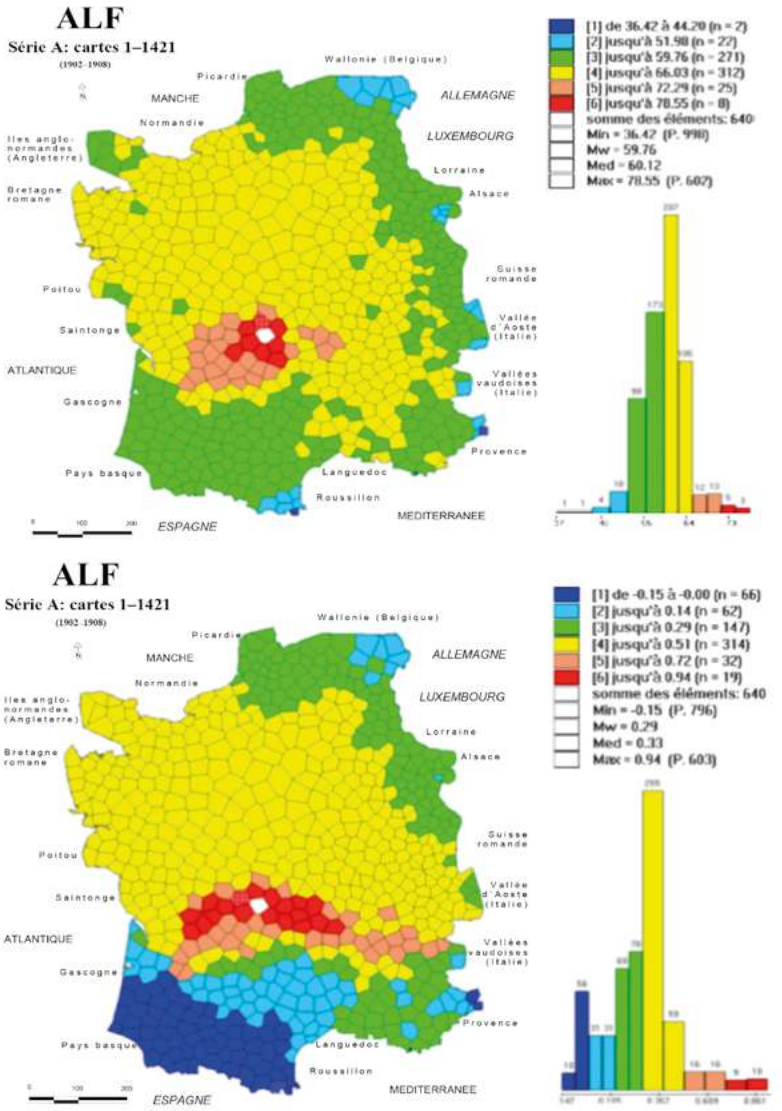
Calcul de similarité: en haut (« alpha »): IRIjk; en bas (« béta »): IRIjk + r (BP)



CARTE 5: DEUX CARTES DE SIMILARITÉ RELATIVES AU P.-ALF 704 (SAINT-QUENTIN, CREUSE)

***Corpus*: 1 681 CT; algorithme d'intervallisation : MINMWMAX 6-tuple**

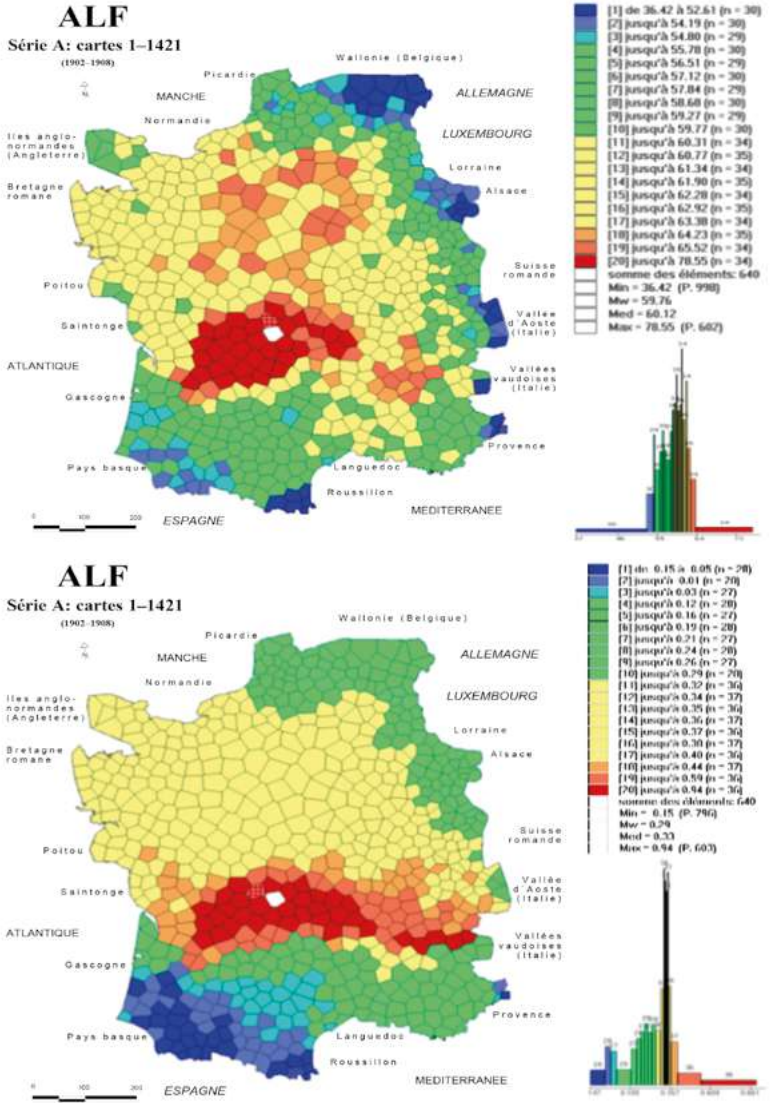
Calcul de similarité: en haut (« alpha »): IRIjk; en bas (« béta »): IRIjk + r (BP)



Carte 6: Deux cartes de similarité relatives au P.-ALF 704 (Saint-Quentin, Creuse)

***Corpus*: 1 681 CT; algorithme d'intervallisation : MEDMW 20-tuple**

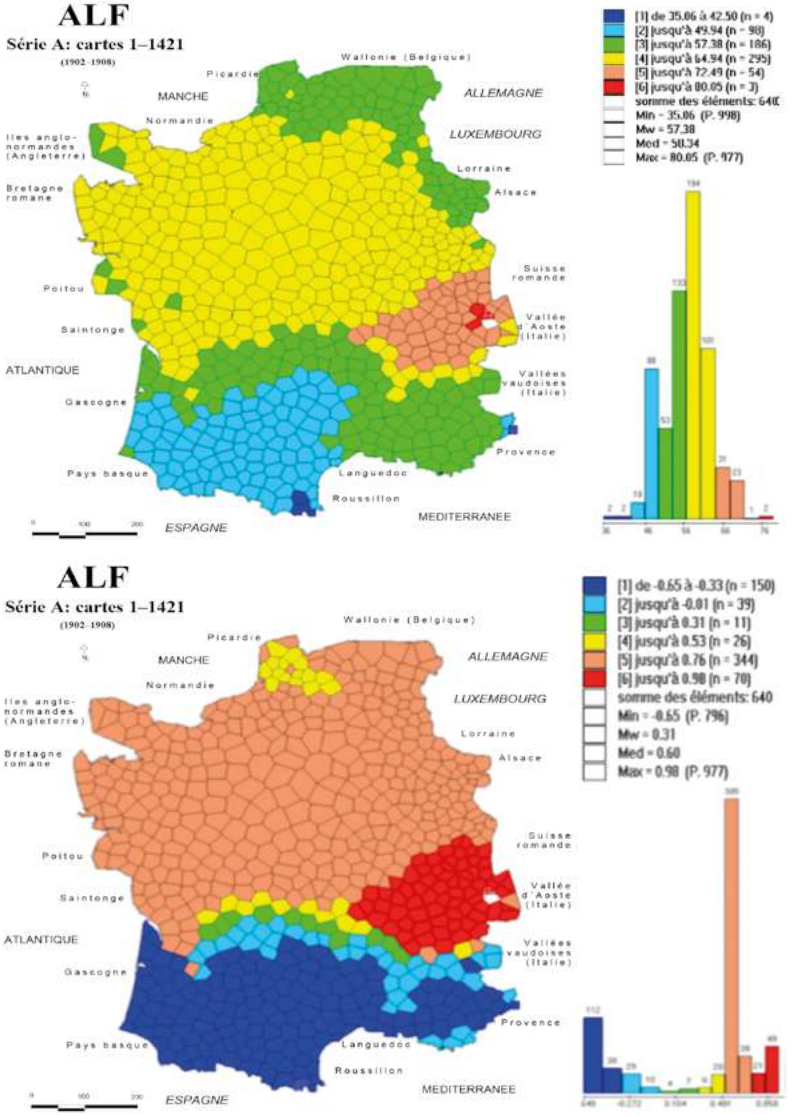
Calcul de similarité: en haut (« alpha »): IRIjk; en bas (« béta »): IRIjk + r (BP)



CARTE 7: DEUX CARTES DE SIMILARITÉ RELATIVES AU P.-ALF 976 (BOURG-SAINT-PIERRE, VALAIS, SUISSE)

***Corpus*: 1 681 CT; algorithme d'intervallisation : MINMWMAX 6-tuple**

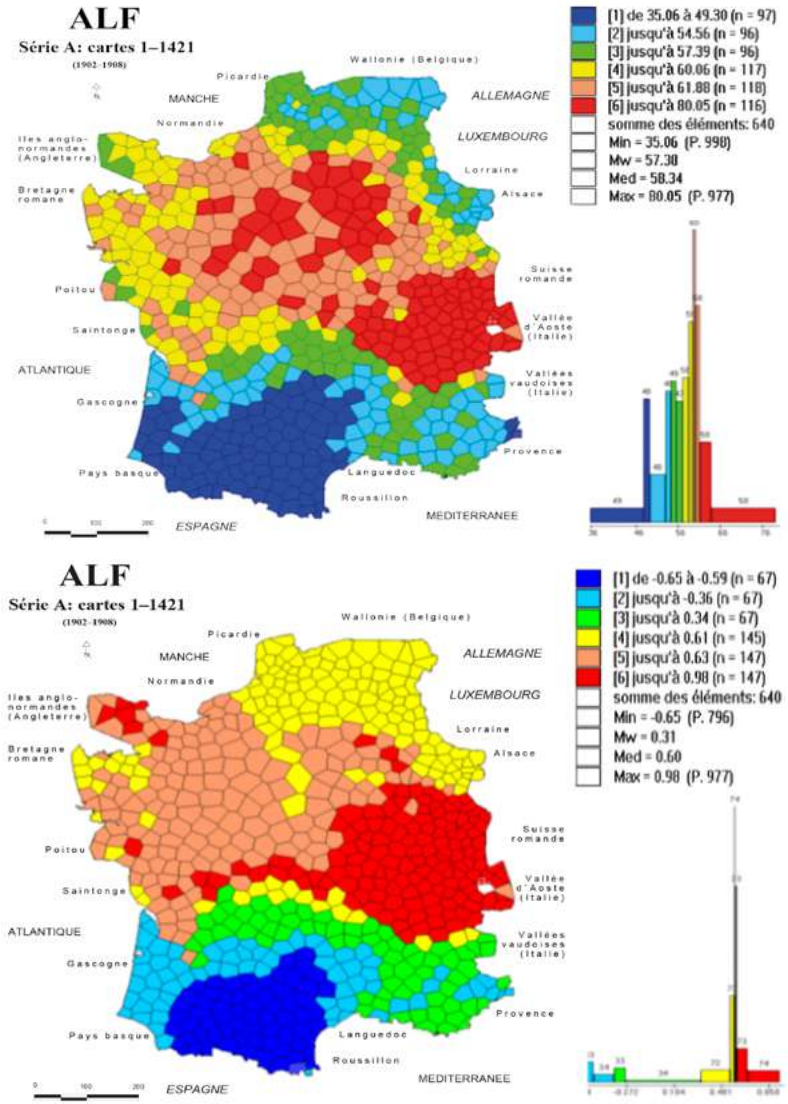
Calcul de similarité: en haut (« alpha »): IRIjk; en bas (« béta »): IRIjk + r (BP)



Carte 8: Deux cartes de similarité relatives au P.-ALF 976 (Bourg-Saint-Pierre, Valais, Suisse)

***Corpus*: 1 681 CT; algorithme d'intervallisation : MEDMW 6-tuple**

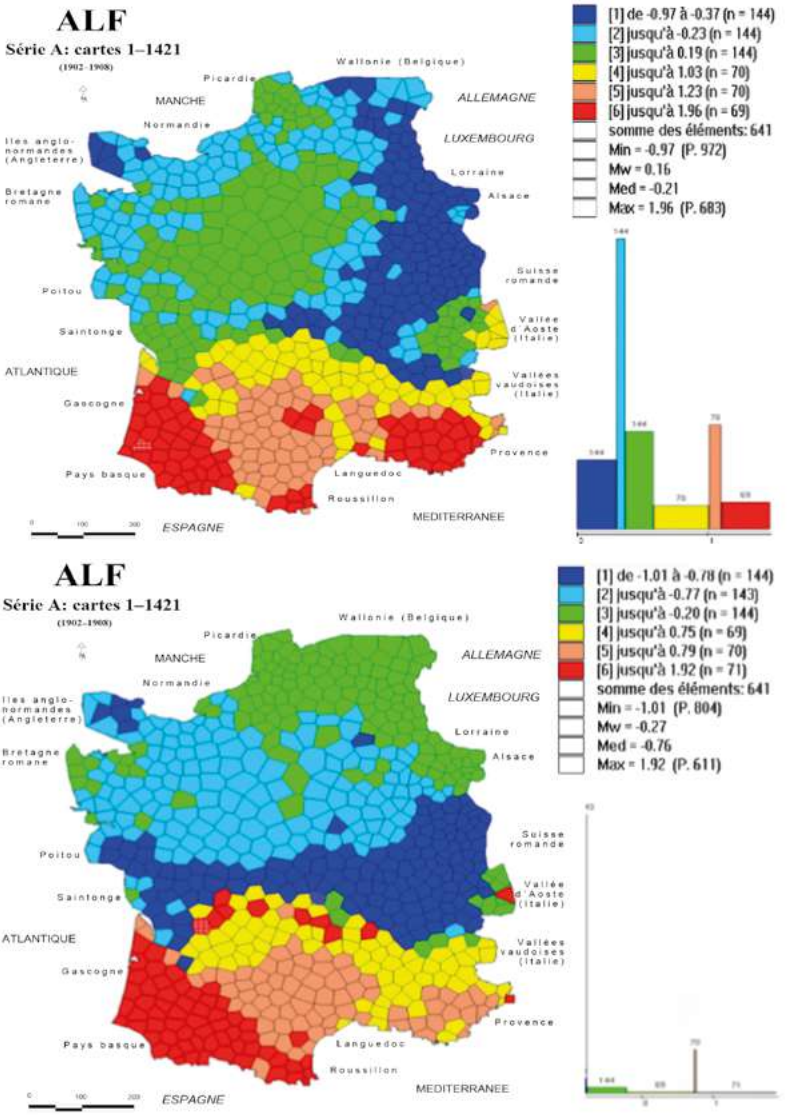
Calcul de similarité: en haut (« alpha »): IRIjk; en bas (« béta »): IRIjk + r (BP)



CARTE 9: DEUX SYNOPSES DES SCORES DU « COEFFICIENT D'ASYMÉTRIE DE FISHER » (CAF)

***Corpus*: 1 681 CT; algorithme d'intervallisation : MEDMW 6-tuple**

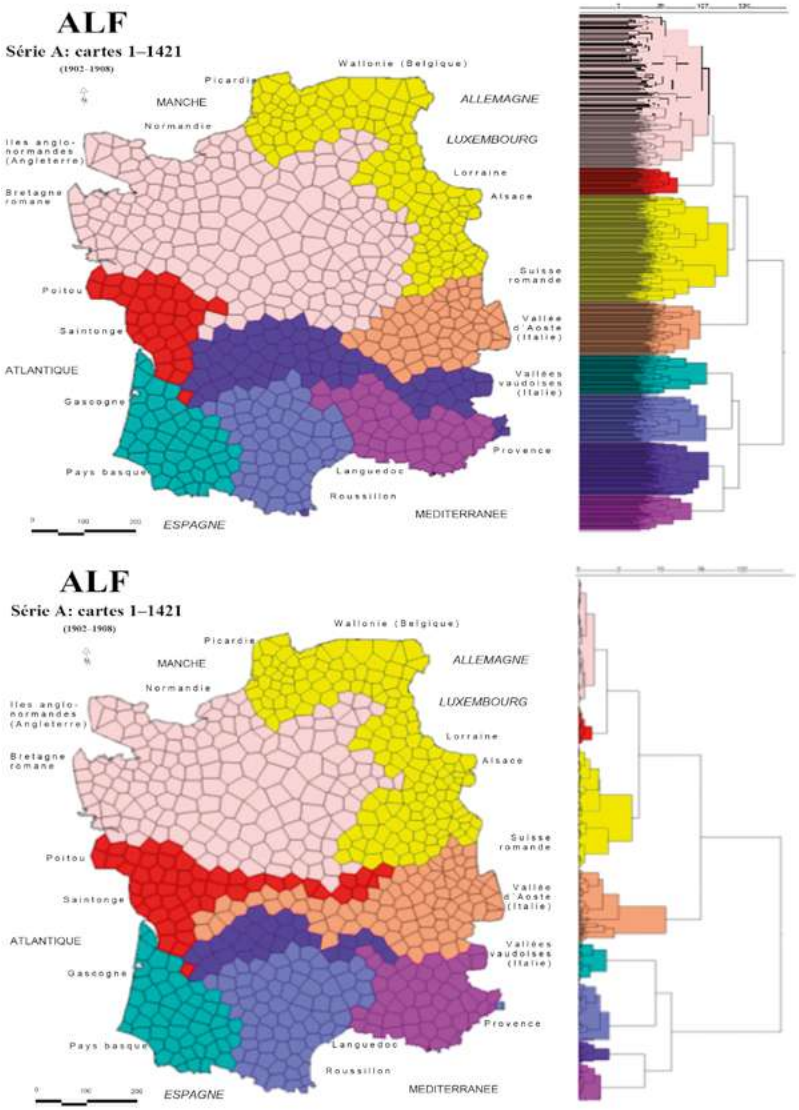
Calcul de similarité : en haut (« alpha »): IRIjk; en bas (« béta »): IRIjk + r (BP)



Carte 10: Deux «Classifications hiérarchiques ascendantes» (CAH) selon la méthode de Joe Ward Jr.

***Corpus*: 1 681 CT; Nombre des dendrèmes et chorèmes coloriés: 10**

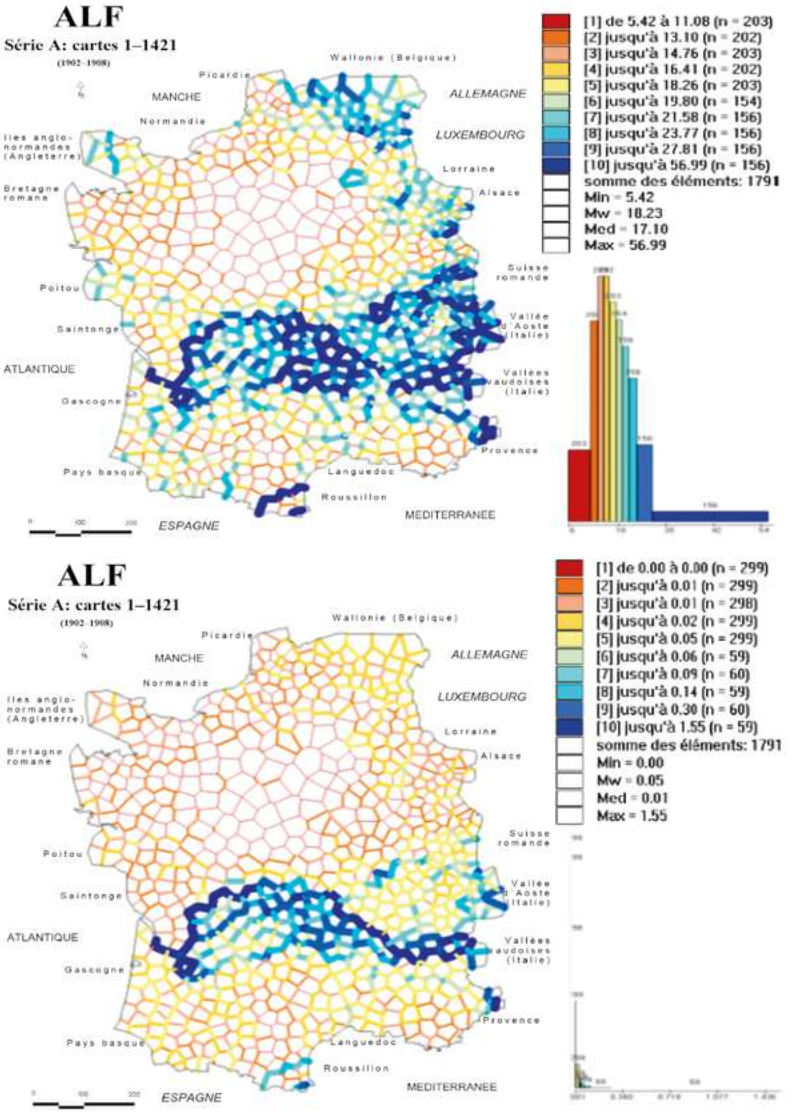
Calcul de similarité: en haut (« alpha »): IRIjk; en bas (« béta »): IRIjk + r (BP)



Carte 11 : Deux analyses interponctuelles en fonction discriminatoire (→ cartes isoglottiques)

***Corpus*: 1 681 CT; algorithme d'intervallisation : MEDMW 10-tuple**

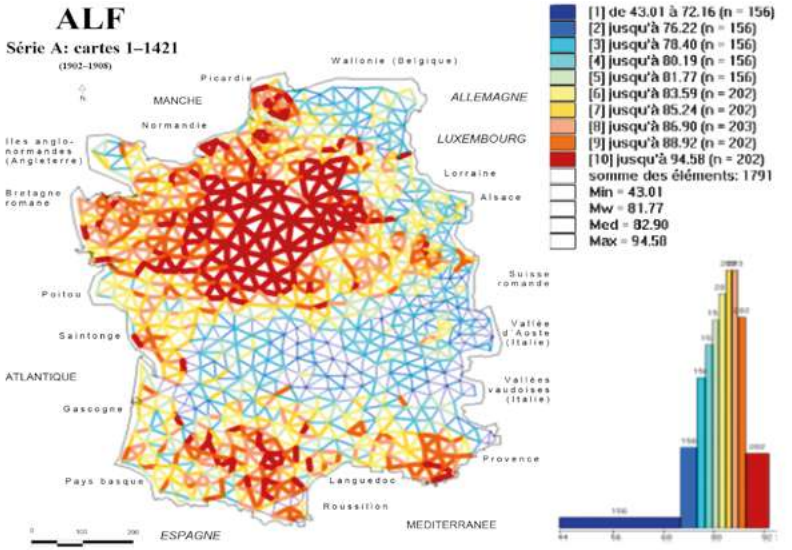
Calcul de similarité : en haut (« alpha »): IRIjk; en bas (« béta »): IRIjk + r (BP)

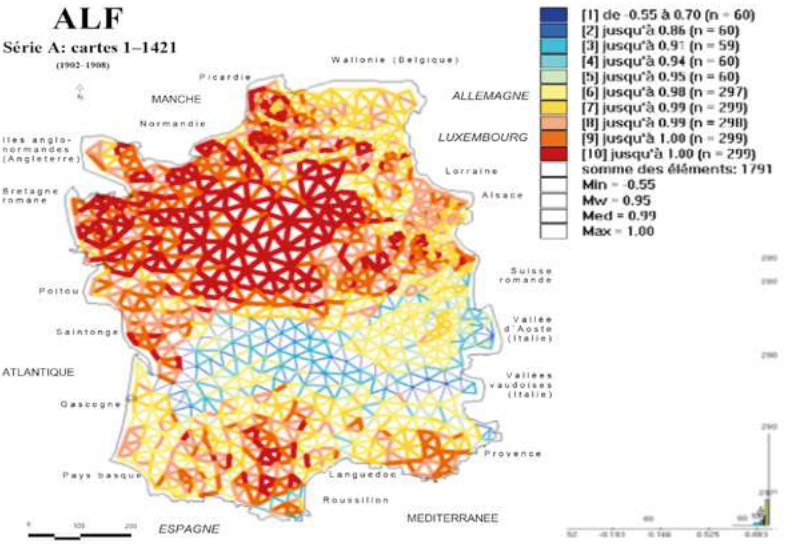


CARTE 12: DEUX ANALYSES INTERPONCTUELLES EN FONCTION COMMUNICATIVE (→ CARTES À RAYONS)

***Corpus*: 1 681 CT; algorithme d'intervallisation : MEDMW 10-tuple**

Calcul de similarité: en haut (« alpha »): IRIjk; en bas (« béta »): IRIjk + r (BP)

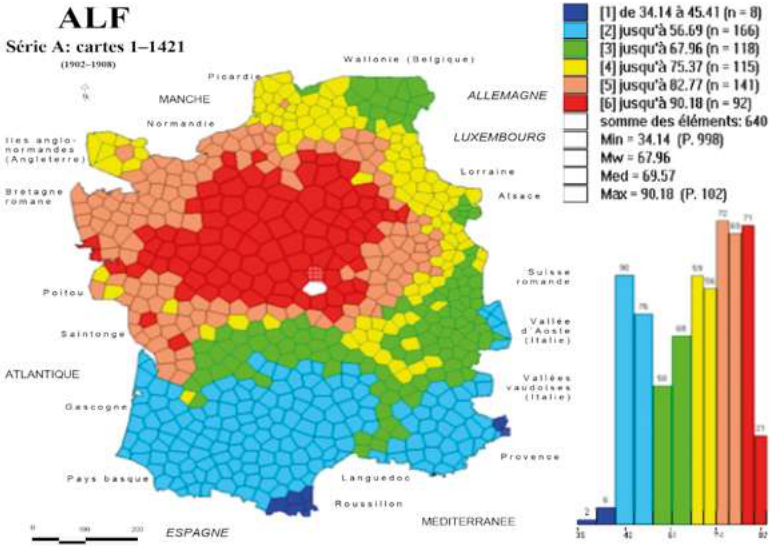


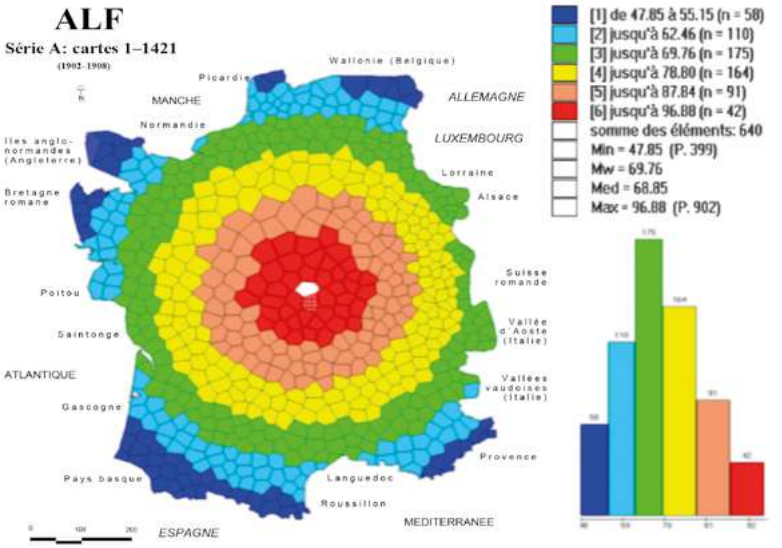


Carte 13: Deux cartes de similarité relatives au P.-ALF 1 (Marcigny, Nièvre)

***Corpus*: 1 681 CT); algorithme d'intervallisation : MINMWMAX 6-tuple**

Calcul de similarité/proximité: en haut (« alpha »): IRIjk; en bas: proxPytho (selon le théorème de Pythagore : a2 + b2 = c2)

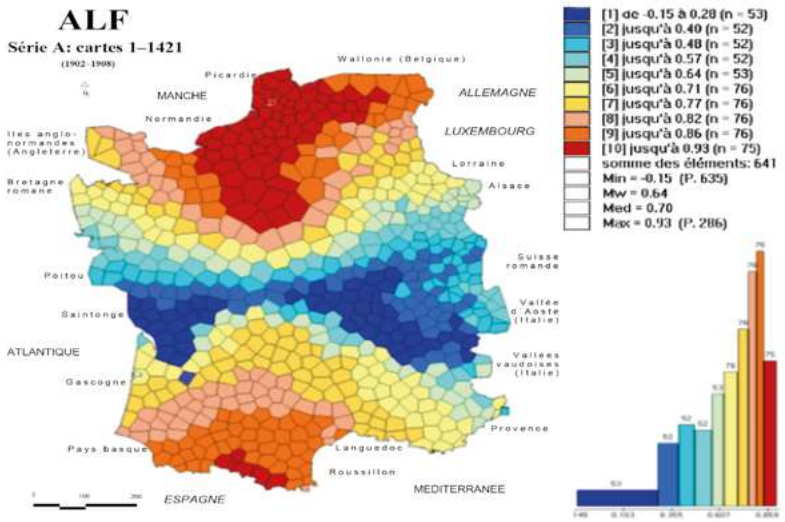


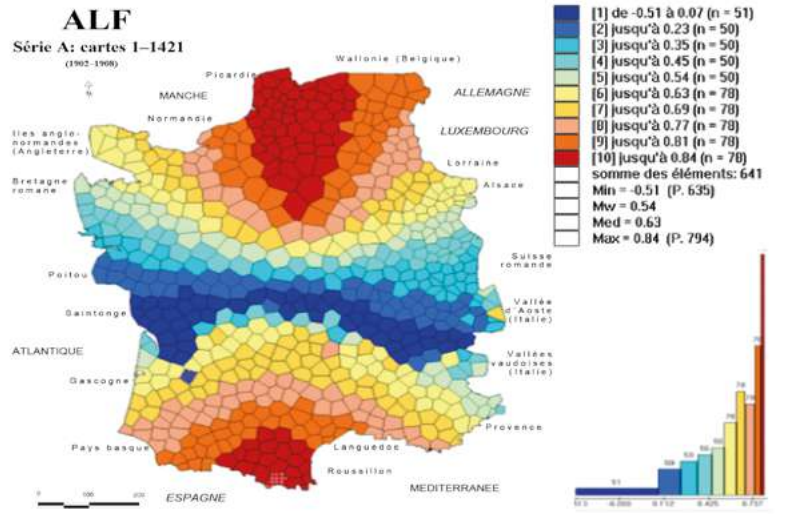


Carte 14: Deux cartes à corrélations (entre la similarité linguistique et la proximité géographique proxPytho [= 100 – distPytho]

***Corpus* (en haut et en bas) : 1 681 CT; algorithme d'intervallisation : MEDMW 10-tuple**

Calcul de similarité : en haut (« alpha »): IRIjk; en bas (« béta »): IRIjk + r (BP)





UM OLHAR HISTORIOGRÁFICO SOBRE A GEOLINGUÍSTICA E SEUS REFLEXOS NA ELABORAÇÃO DO *ATLAS LINGUÍSTICO DO AMAZONAS*

Maria Luiza de Carvalho Cruz-Cardoso
Universidade Federal do Amazonas – UFAM
luizacr@uol.com.br

O Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM, considerado atlas de cunho regional, foi realizado como Tese de Doutorado, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, sendo concluído em 2004, sob a orientação da professora Dra. Silvia Figueiredo Brandão, que acreditou ser possível uma única pesquisadora ir a campo sozinha e realizar o difícil, mas gratificante trabalho dialectológico. Foi, então, um trabalho de difícil execução por ter sido realizado somente pela pesquisadora, no que diz respeito à coleta de dados, transcrição, organização e análise dos dados. Foram pesquisadas a fala de caráter fonético-fonológico e semântico-lexical de 54 informantes, em nove municípios considerados importantes para o Amazonas (Barcelos, Tefé, Benjamin Constant, Eirunepé, Lábrea, Humaitá, Manacapuru,

Itacoatiara e Parintins), sendo três homens e três mulheres, divididos em três faixas etárias: 18 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 em diante. A pesquisa foi realizada nos parâmetros da Dialetologia pluridimensional e da Sociolinguística Variacionista. Após ir a campo para a coleta de dados nas referidas localidades do Amazonas, a pesquisadora teve a oportunidade de fazer o Doutorado-Sanduíche, na Universidade de Lisboa, sob a orientação do querido Dr. João das Pedras Saramago. Foi uma experiência ímpar, onde houve a oportunidade de ter contato físico com outros atlas já realizados no mundo e também a decisão de elaborar um programa computacional, nos moldes do que era usado no desenvolvimento do Atlas Linguístico de Portugal e da Galiza. Nesse período, também foram realizadas as transcrições fonéticas da pesquisa de campo.

Na ocasião da estada da pesquisadora no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa – CLUL, o professor Saramago orientou para que fosse realizada uma pesquisa sobre o desenvolvimento da Geolinguística no mundo, considerando a classificação dos atlas já publicados e disponíveis para esse tipo de pesquisa no CLUL. Nesse sentido, como foi um trabalho realizado sob a orientação do homenageado deste evento, optou-se por reproduzir esse capítulo da Tese do ALAM (CRUZ, 2004), por considerá-lo como relevante informação sobre o desenvolvimento dos atlas.

ALINEI (1983, p. XIX) apresenta uma classificação dos atlas já publicados, apoiando-se, principalmente, nos critérios históricos.

Dessa forma, classifica os atlas como: (1) de primeira geração; (2) de segunda geração, os regionais; (3) de terceira geração, os supra-nacionais; (4) de quarta geração, os interlinguais, contrariando a lógica, que seria classificá-los de acordo com o espaço geográfico que abrangem partindo dos menores para os maiores: (i) regional, (ii) nacional, (iii) de grupo de línguas e (iv) continental.

Por outro lado, observa que se podem apresentar em bruto (não tratados) os dados registrados em uma área ou de forma interpretativa. Sua classificação, segundo ele, não decorre apenas da história externa da geografia linguística, mas também – em especial – de uma lógica interna: dados brutos têm que preceder a fase de interpretação.

Teoricamente, a linha de pesquisa interpretativa é prioritária, no sentido de que pode abranger, por meio de diferentes metodologias, vários níveis linguísticos, como o fonológico, o etimológico (lexical), o morfológico, o sintático, o semântico. Entretanto, na prática, dois níveis têm sido majoritários – o fonético-fonológico e o lexical.

No campo do léxico, dois procedimentos podem ser, também, teoricamente, distinguidos: o *onomasiológico* (registro de nomes diferentes para o mesmo referente em determinada área) e o *semasiológico* (registro dos diferentes conceitos vinculados ao mesmo étimo em determinada área). A interpretação morfológica decorre do material lexical já processado onomasiologicamente. A esses dois procedimentos, se somaria o *motivacional*, utilizado no *ALE* e no *ALiR*, e que consiste em agrupar as palavras por sua "motivação", isto é pelo *"significado das formas lingüísticas pré-existentes que foram aproveitadas para criar uma dada palavra"* (BARROS, 2004).

Seguindo uma ordem mais técnica de classificação de base geográfica, ALINEI (1997b, p. 12) reclassifica os atlas publicados, partindo então dos menores para os maiores, em 4 tipos: (i) regional, (ii) nacional, (iii) de grupo de línguas e (iv) continental. Ressalta, também, o fato de ainda não haver um projeto de um quinto ou sexto tipos. Aquele, de família de línguas e este, o de um atlas linguístico mundial.

Com base nesta última classificação proposta por Mario Alinei, selecionaram-se quatro atlas lingüísticos, representativos dos diferentes tipos por ele apontados, para dar conta das tendências que se verificam em território europeu. Optou-se, ainda, por fornecer uma breve visão do que se realiza numa parte das Américas, e por comentar um atlas de cunho temático para fins de exemplificação.

Serão, aqui, focalizados, de uma forma abrangente: (i) o *Atlas Lingüístico e Etnográfico de Cantábria* (ALECant); (ii) a- o *Atlas Lingüístico Italiano* (ALI), b- o *Atlas Lingüístico do México;* (iii) o *Atlas Linguistique Roman* (ALiR); (iv) o *Atlas Linguarum Europae* (ALE). Por último, o *Atlas Lingüístico do Litoral Português* (ALLP).

(i) *Atlas Lingüístico e Etnográfico de Cantábria (ALECant)*

O Projeto foi desenvolvido por Manuel Alvar, com a colaboração de Carlos Alvar e José Antonio Mayoral.

É um atlas de histórico um tanto conturbado, pois teve início em 1976 e, por razões alheias ao seu principal idealizador, só pôde ser retomado em 1992 e concluído em 1995. Ressalte-se que, em 1977, Alvar já havia apresentado, na *Revista de Filologia Española*, os primeiros mapas, resultantes da pesquisa realizada na província de Santander, com o título de *El Atlas Lingüístico e Etnográfico de la Província de Santander*.

Sobre a Geografia Linguística, ALVAR (1995, p. 7) comenta que um de seus fundamentos é abarcar superfícies territoriais que, por sua extensão, permitam a diferenciação espacial da língua. Diz ainda que a geolinguística se caracteriza pela aparição dos atlas de pequeno domínio, em relação aos que abarcam territórios muito maiores.

Jaberg (apud ALVAR, 1995, p. 7) classifica como atlas de pequeno domínio os da Catalunha, Córsega, Gasconha ou de Flandres, que são diferentes dos da França, Itália, Romênia ou Alemanha. Para ele, em um atlas regional, deve-se observar um domínio linguístico de relativa homogeneidade e diferenciado de outros dialetos próximos por características específicas, isto é, importa conhecer várias estruturas dialetais para que a que se focaliza possa emergir com clareza.

Para Jaberg, não merece ser discutida a conveniência de um atlas nacional ou de vários atlas regionais, pois cada um deles tem um papel definido: não se excluem nem se neutralizam.

Algumas das características dos atlas de pequenos domínios seriam: propiciar uma maior densidade de inquéritos e, por conseguinte, um melhor conhecimento da diversidade; ter maior precisão nos dados registrados e, portanto, superar certas deficiências dos grandes atlas, captando, em detalhe, realidades culturais apenas entrevistas em atlas concernentes a vastos territórios. Seu principal objetivo seria, se possível, esgotar as peculiaridades regionais, o que não pode fazer um atlas geral. São realidades distintas. Não se busca quantidade de informação, mas sim, qualidade.

O ALECant está incluído entre os atlas regionais, apesar de ser considerado por seu diretor como um atlas de domínio mínimo. Mantém as características dos atlas publicados anteriormente como o *Atlas Lingüístico e Etnográfico de Andalucía* (ALEA/1961-1963), *Atlas Lingüístico e Etnográfico de Las Islas Canarias* (ALEICan/1975-1978), *Atlas Lingüístico e Etnográfico de Aragón, Navarra y Rioja* (ALEANR/1979-1983), mas é o primeiro dos espanhóis a apresentar desenhos.

O Atlas de Santander tem seu próprio questionário. Foi mantido certo número de questões que figuram em outros atlas regio-

nais da Espanha e no plurilíngue, totalizando 2.407 perguntas. As entrevistas foram feitas pelos dois citados colaboradores e antigos alunos, doutores em Linguística Hispânica.

Em cada viagem, eram percorridos mais de 3000 km pela província. No total, foram quase 12.000 km, com mais de 2.000 fotos etnográficas. Os investigadores passavam três ou quatro dias em cada localidade. Os três investigadores faziam as entrevistas com cada informante (campesinos, pastores, artesãos), dividindo as perguntas entre eles.

Em menos de dois anos realizaram-se todas as etapas: preparação do questionário, transcrição de cerca de 150.000 dados até dar forma definitiva aos mapas. A província de Santander tem 5.289 km^2 e 467.138 habitantes: os 55 pontos de inquérito selecionados equivalem a um ponto por 96,18 km e 8.494 habitantes.

Segundo Alvar, os mapas foram redigidos tal como é feito em outros atlas, por exemplo, no de Andalucía e no da Colômbia. A numeração assinala-se de acordo com a sigla que a província tem nas referências do Ministério de Obras Públicas e um número que procede da divisão do domínio em cinco âmbitos: dois verticais (oriente e ocidente) e três horizontais (norte, centro e sul).

No primeiro volume do atlas constam as localidades escolhidas, sua numeração e localização. Cada lâmina tem dupla numeração: no ângulo superior do mapa figura o número correspondente e, fora do quadro, aparece o do próprio mapa (à direita) e o da lâmina (à esquerda).

Os mapas são habitualmente onomasiológicos e a transcrição fonética, impressionista. Mas, há também mapas elaborados (se houver pouco interesse fonético) e mapas de signos (reservado para os etnográficos).

Na parte superior do mapa, à direita, figura o "modo de formular a pergunta" (nem sempre foi possível respeitar esse critério nem o de pôr as notas), encabeçadas por uma cruz – no ângulo inferior esquerdo e as adições, no direito.

Abaixo do título do mapa aparecem as abreviaturas e remissão às seguintes obras: ALEA, ALEICan, ALEANR. É um atlas em que se faz também uma abordagem subjetiva da fala local, através de observações feitas ao longo do trabalho.

(ii) a- *Atlas Lingüístico Italiano (ALI)*

O ALI é um exemplo de atlas nacional que, pela densidade de sua rede e riqueza do questionário, é considerado o atlas mais completo do domínio românico. Teve seu trabalho iniciado há cerca de 70 anos e, após passar por inúmeras dificuldades de financiamento, conseguiu ser retomado nos idos de 70/80. Uma primeira parte pôde ser concluída e publicada na década de 1990. Foram pesquisados 1065 pontos.

Sua publicação só foi possível devido ao auxílio recebido do Instituto Poligráfico de Roma. Foi elaborado pela equipe do "Istituto Dell'Atlante Linguístico Italiano – Centro di ricerca dell'Università degli Studi di Torino", sob a direção de L. Massobrio, G. Ronco, M. C. Nosengo e G. Tuninetti. Os dados foram compilados por U. Pellis, R. Giacomelli, C. Grassi, G. Piccitto, T. Franceschi , G. Tropea e M. Melillo. Estão previstas novas publicações para os próximos anos.

Foram publicados três volumes pelo "Istituto Poligrafico e Zecca Dello Stato, Libreria Dello Stato", Roma. O primeiro volume foi editado em 1995; o segundo, em 1996 e o terceiro, em 1997.

O volume I, apresenta Cartas de 01 a 93 sobre o corpo humano antecedidas por outras três que mostram, cada uma, mapas

com os nomes oficiais dos locais pesquisados, seus nomes dialetais e, também, a forma como as respostas estão dispostas nas cartas.

O volume II apresenta Cartas de 94 a 202, também sobre o corpo humano, mas abordando suas funções. Nele, também foram apresentadas as cartas sobre os males e afecções patológicas comuns e os principais males. O volume III apresenta Cartas de 203 a 297, sobre as indumentárias e vestimentas.

O atlas é de caráter onomasiológico, basicamente, fonético e lexical. Os dois primeiros volumes apresentam os conceitos pesquisados e as respostas foneticamente transcritas, com a informação lexical.

O volume III apresenta uma inovação: mostra formas desenhadas, de acordo com cada conceito/resposta obtidos, recurso que, além de melhorar a parte visual das cartas, auxilia na compreensão das respostas.

Em cada mapa vem indicada a correspondência do conceito cartografado com o de outros atlas. Há comparações com: o *AIS* (*Sprach-und Sachatlas Italiens und der Südschweiz*, de K. Jaberg e J. Jud, 1940); o *ALC* (*Atlas Linguístic de Catalunya*, de Griera i Gaja, 1940); o *ALEIC* (*Atlante Lingüístico Etnografico Italiano della Corsica*, de G. Bottiglioni, 1942); o *ALF* (*Atlas Linguistique de la France*, de J. Gilliéron e E. Edmont , 1903); o *ALR I* (*Atlasul Lingvistic Rôman* – Parte I, de S. Puscariu e S. Pop, 1942); o *ALR II* (*Atlasul Lingvistic Rôman* – Parte II, de S. Puscariu e E. Petrovici, 1940); o *ALR s.n.* (*Atlasul Lingvistic Rôman*, série nova, de E. Petrovici, 1972); o *ILL* (*Atlante Linguístico Italiano*. Questionário I, b – Illustrazioni, de A. Genre e S. Campagne, 2 vol., Torino, 1980 - 1981).

Há um único informante, podendo ser um homem ou uma mulher, de diferentes faixas etárias e nível de escolaridade, variando entre analfabetos, alfabetizados, ensino elementar, médio e uni-

versitário. Percebe-se que prevalece o nível elementar. As localidades foram escolhidas segundo as condições sócio-econômicas mais representativas.

Além dos três volumes contendo as cartas, foram publicados dois tomos, apresentando dados sobre as localidades exploradas (população, situação sócio-econômica e cultural), dados sobre os informantes (idade, profissão, grau de cultura, lugar de nascimento, lugar de nascimento dos pais, etc) e dados sobre a entrevista (inquiridor, data, lugar).

(ii) b- *Atlas Lingüístico do México*

Também exemplo de atlas nacional. Projeto realizado por uma equipe dirigida por Juan M. Lope-Blanch. Foi publicado em 1990.

Na realidade, a investigação foi iniciada em fins da década de 1940 e início da de 1950, no Centro de Estudios Lingüísticos y Literários del México, com o principal objetivo de estudar a realidade linguística do país. Só em 1970 é que começaram as entrevistas definitivas que se prolongaram até 1979. O processo de cartografia foi até 1985, seguindo-se, então, a impressão e publicação.

O projeto teve início com Pedro Henríquez Ureña, em meados de 1940, que, junto com um grupo de investigadores, buscava realizar estudos que explicassem o transplante da língua espanhola a terras americanas e sua interação, convivência e interferência com as línguas indígenas.

Ureña, que possuía uma excelente preparação filológica, conhecia bem a realidade dialetal da América hispânica, devido a suas andanças pelo México, o que lhe permitiu formular, em 1921, a primeira divisão global do México em zonas dialetais. Após sua morte, Raimundo Lida, discípulo de Amado Alonso, tentou levar o projeto

adiante e, finalmente, Juan Lope-Blanch o concretizou, juntamente com sua equipe de investigadores.

Os inquéritos foram realizados em 193 localidades, entre elas, todas as capitais dos 31 estados e no Distrito Federal. As principais cidades foram selecionadas segundo sua antiguidade ou sua representatividade comercial, industrial ou cultural, sua situação geográfica ou por qualquer outra característica que pudesse se traduzir em representatividade linguística. Não foram incluídas as populações de língua espanhola que, na realidade, formam parte do território meridional dos E.U.A. Esse item ficou para pesquisas posteriores de atlas regionais.

O questionário exclusivamente linguístico (não etnográfico e relativamente assistemático) não se organiza em torno de campos semânticos, mas responde ao objetivo diferenciador de regiões dialetais. O questionário é formado por 407 questões fonéticas, 243 gramaticais e 350 lexicológicas. Foram incluídas algumas ilustrações e a amostragem de alguns objetos para facilitar a resposta do informante.

Os inquiridores depararam-se com alguns obstáculos em relação às questões de caráter gramatical, em especial as de cunho sintático: dificuldade para fazer a pergunta ou para levar o informante a dar a resposta adequada, assistematicidade na sua aplicação e mesmo não-aplicação.

As gravações foram feitas em fitas magnetofônicas de 30 min. de duração, nas quais se registrava a fala espontânea.

Segundo Lope-Blanch, as respostas obtidas mediante o interrogatório apresentam alguns inconvenientes, especialmente fonéticos, pois alguns informantes pensam em adotar ante o inquiridor uma atitude de afeição e esmero linguísticos; procuram adequar sua pronúncia aos meios de comunicação modernos – rádio, tv –

meios que procuram utilizar a norma linguística urbana culta. Por isso, fica duvidosa a espontaneidade da "primeira resposta", especialmente no que se refere às articulações. São mais confiáveis os sons articulados rapidamente na conversação.

É um atlas que procurou atender às principais distinções sociolinguísticas: gênero (embora prevaleçam os informantes do sexo masculino), idade (predominando a faixa etária entre 18 e 35 anos – 50%), e nível cultural (cinco níveis: analfabetos (31%), semianalfabetos (30%), cultura média (26%), semi-cultos (6%) e cultura superior (7%). Foram entrevistados sete informantes em cada localidade.

As informações de caráter gramatical (morfológico ou sintático) assim como as de natureza lexical são apresentadas nos mapas por meio de símbolos convencionais, o que permite aproveitar melhor o espaço disponível e as variadas informações. Os dados de natureza fonética são reunidos em mapas de dois tipos: sintéticos e analíticos.

Os sintéticos oferecem condições de mostrar, por exemplo, as diversas realizações fonéticas de cada segmento e de se calcular o índice de frequência – proporção de uso – de cada variante. Esses mapas permitem apreciar a complexidade da fala dialetal – seu grau de polimorfismo – e suas tendências ou preferências articulatórias e deduzir, das estatísticas de frequência, a fala da comunidade, com certas garantias de segurança. No entanto, a leitura desse tipo de mapa apresentou algumas dificuldades materiais, em relação ao espaço físico.

Não houve intenção de que as percentagens fossem necessariamente exatas e matematicamente de acordo com a realidade de cada fala local. Por isso, não foram apresentados, nos mapas, percentuais numéricos que pudessem dar uma falsa ideia de exatitude

matemática, optando-se por usar letras equivalentes a porcentagens aproximativas.

Pelo que se observou, parece que o atlas mexicano dá mais atenção aos problemas morfossintáticos do que às diferenciações lexicais.

Segundo Lope-Blanch (1990, p. 07), a principal característica desse atlas não reside na densidade de pontos, mas na originalidade proveniente das seguintes inovações:

(a) em cada localidade foram inquiridos, no mínimo, sete indivíduos;

(b) foram selecionados informantes correspondentes a quatro níveis sociais distintos;

(c) os dados que aparecem nos primeiros 50 mapas de fonética publicados no 1º. tomo não foram provenientes da aplicação de um questionário, a que, em geral, se responde com palavras soltas, mas de entrevistas de conversação livre, entre pessoas de cada lugar, de meia hora cada uma; fez-se, no laboratório, uma análise detalhada, com base estatística, de cada som, em todas as suas posições, para determinar com maior precisão a pronúncia em cada localidade e para determinar também, se há diferenças em cada um dos níveis sociais dessas localidades;

(d) o Questionário com 1000 perguntas, foi aplicado, em cada lugar, a quatro informantes nas capitais e a três, nas outras localidades.

(e) as entrevistas com questionário e as gravações da conversação espontânea foram realizadas pelos

investigadores (seus nomes aparecem nos primeiros 50 mapas), concentraram as informações em diversas fichas, que foram, posteriormente, revisadas por Lope-Blanch.

(iii) *Atlas Linguistic Roman (ALiR)*

Há muitos anos, no âmbito da Geolinguística observam-se duas tendências: (a) a de coletar o máximo de dados possíveis, num máximo de localidades em prazos muito curtos (tendência muito comum nos atlas nacionais e considerada a mais antiga) e (b) a, mais recente, que leva a coletas de mais vasto alcance, na direção de uma geolinguística supranacional, que cobre seja a totalidade de uma família de línguas, seja um espaço multilinguístico, o que traduz uma vontade de síntese, com a exigência de uma procura interpretativa, de riquíssimas bases de dados dialetais.

O ALiR e o ALE são atlas que refletem a última dessas tendências e o ALiR, considerado atlas de grupo de línguas.

O projeto do *Atlas Linguistique Roman* (ALiR) está vinculado ao Centro de Dialectologia da Universidade de Stendhal, de Grenoble (França) e é atualmente dirigido por Michel Contini. Beneficia-se de créditos para funcionamento e equipamento da parte do Ministério do Ensino Superior e da Pesquisa (planos quadrienais) e figura entre os eixos de pesquisa inscritos no grupo de Pesquisa nº. 09 do CNRS. Recebe, também, financiamento do Ministério da Pesquisa e da Tecnologia pelo PPSH, da região Rhône-Alpes e pela comissão das Comunidades Europeias.

Desde o lançamento do projeto, foi constituído um comité internacional, composto de personalidades científicas reconhecidas no mundo da linguística românica e representativas de todas as áreas dos domínios a serem estudados.

A direção do ALiR é composta por um presidente, um diretor, dois vice-presidentes e dois diretores adjuntos, eleitos por um período de quatro anos (tempo previsto para a publicação de dois volumes). Dispõe, também, de um secretariado científico e de um secretariado técnico.

O comitê de redação é constituído por outro presidente e diretor, um representante dos comitês dos domínios linguísticos: português, galego, espanhol, catalão, francês, suíço, italiano, romeno e moldavo.

O ALiR, como o ALE, é um atlas interpretativo e não prevê investigações específicas, pois, na maior parte dos casos, suas fontes são constituídas pelos dados dos atlas ditos de primeira e segunda geração. Suas cartas, com os comentários que as acompanham, apresentam uma análise e uma classificação tipológica de dados brutos, que pertencem a atlas anteriormente publicados ou a recolhas feitas especificamente para esse fim. Objetiva colocar em evidência traços linguísticos de diferente natureza (léxicos, fonéticos, fonológicos e morfossintáticos), permitindo definir a identidade das áreas dialetais românicas, assim como os traços que as aproximam umas das outras.

O ALiR possui uma rede de pontos muito densa, com um total de 1037 pontos, enquanto que para o ALE esta mesma rede é representada por 2631 pontos de diferentes dialetos.

Assim, o ALiR reúne uma rede que cobre todos os países de língua românica e mais três arquipélagos do Atlântico: Açores, Madeira e Canárias, que não figuram na rede do ALE.

O ALiR será sempre apresentado em dois fascículos: um, com as cartas, e outro, com os comentários.

Para a análise léxica do espaço românico, foram selecionadas 592 noções, cobrindo os principais domínios semânticos, escolhidos em função do interesse linguístico.

As análises levam em conta, para a interpretação da variabilidade, critérios etimológicos. Elas devem explicar as razões pelas quais uma ou outra palavra foi aceita num espaço e não em outro, estabelecer uma eventual cronologia dos acontecimentos, deixando aparecer uma estratigrafia léxica, bem como colocar em evidência os eventuais deslizamentos semânticos de uma forma inicial.

Em sua metodologia, o ALiR utiliza-se da análise léxica motivacional, apresentada por ALINEI (1983, p. 47-80) no estudo sobre as designações europeias do *arco-íris*. É um tipo de análise adaptada a um estudo léxico comparado a um espaço multilingual. Leva em consideração os dados brutos, recolhidos em outros atlas, a fim de se obter, através de uma ideia (uma motivação), denominações específicas de determinado conceito. Foram, portanto, observadas, em particular, as designações de pequenos animais (insetos, répteis, batráquios, etc), apresentadas no vol. 2, e as de animais selvagens, no vol. 4, do ALiR.

Segundo Contini; Tuaillon (1995, p. 13), nesses dois casos, as considerações de ordem etimológica se reconhecem pouco adequadas e só a análise motivacional fornece a chave para a interpretação e classificação tipológicas de um número de formas muitas vezes considerável.

Ao lado dessa parte léxica, dominante no ALiR, será apresentado um volume inteiro sobre fonética histórica, com a análise de 284 traços fonéticos, permitindo exprimir a evolução do vocalismo e do consonantismo latinos e delimitar a extensão geográfica das expressões atuais.

Serão, também, apresentadas cartas de síntese, consideradas para delimitar a extensão máxima da mesma realização, em dada posição. A análise fonológica deverá explorar mais as cartas fonéticas de síntese. O décimo volume será dedicado à fonologia.

A variedade morfossintática, um pouco negligenciada na maior parte dos atlas, será contemplada no ALiR, no último volume.

O ALiR está sendo publicado pelo departamento editorial do Istituto Poligrafico e Zecca Dello Stato (Roma) e será apresentado em 10 volumes, precedidos de um volume de apresentação (já publicado), na seguinte ordem: 1. Volume de apresentação; 2. Insetos e animais selvagens; 3. Outros animais selvagens; 4. Flora selvagem; 5. A natureza e os fenômenos atmosféricos; 6. O Homem: o corpo humano, as doenças e os ciclos da vida; 7. Os trabalhos dos campos: ciclo dos cereais; 8. Os animais e a fazenda; 9. Fonética histórica; 10. Fonologia; 11. Morfossintaxe.

Em 2002 foi publicado o 2º. fascículo, consagrado à fauna selvagem, com 21 estudos lexicais, alguns contendo a síntese de denominações provenientes da análise motivacional. Percebe-se, pelos longos artigos de comentários, que a análise relativa à designação de certos animais se tem revelado complexa e necessária.

O ALiR surgiu a partir do ALE e segue seu modelo. Todo o trabalho está escrito em francês. As cartas apresentam a tradução dos conceitos explorados em cinco idiomas: português, catalão, galego, italiano, espanhol e romeno.

Assim, pode-se dizer que o ALiR, realizado com colaboração supranacional, deu uma nova dimensão científica aos pesquisadores dialetais, permitindo, pela primeira vez, a comparação de experiências e de aproximações linguísticas diferentes. Envolve, assim, todos os participantes nos problemas da linguística românica, o que exige um necessário esforço de síntese.

(iv) *Atlas Linguarum Europae (ALE)*

A ideia de elaborar um atlas linguístico do continente europeu surgiu ainda em 1929, com W. Pessler. Mais tarde, os fonólogos retomaram a ideia, particularmente, Roman Jakobson, lançando o projeto de um atlas fonológico da Europa, no Congresso Internacional de Lingüística de Copenhague (1936). O projeto não prosseguiu devido à Segunda Guerra Mundial.

Depois da guerra, a ideia foi retomada várias vezes por estudiosos como K. Heeroma, Emili Petrovici, Eugen Seidl, Leo Spitzer e Manuel de Paiva Boléo, que demonstrou o desejo de uma representação cartográfica.

Mas foi só em 1965, no 2º Congresso Internacional de Dialectologia Geral, em Marburgo, que Mario Alinei, diretor do Instituto de Língua e Literatura Italianas de Utrech e diretor do ALE, em 2002, propôs a organização de um atlas linguístico europeu, que deveria tratar do desenvolvimento dos fenômenos indo-europeus. O congresso se mostrou propício ao projeto e o Comitê Internacional de Dialectologia (ICD), criado durante o Congresso, pediu ao promotor para tomar as medidas necessárias para levar a cabo a tarefa.

Depois dos primeiros contatos, Mario Alinei, Ludwig-Erich Schmitt e A.Weijnen dirigiram-se à Comissão do *Atlas Lingüístico Eslavo* (OLA), do Comitê Internacional de Eslavistas, que forneceu a infra-estrutura que permitiu dar início ao projeto ALE.

O projeto ALE, portanto, abarca várias línguas e, muitas vezes, línguas muito diferentes. Sua estrutura constitui-se da seguinte forma: redação, que assegura, com o secretariado, o trabalho científico, seção de tratamento automático, comissão que prepara o segundo questionário, departamento de família de línguas e ainda os diferentes comitês internacional e nacionais.

A Redação é encarregada de enviar aos comitês nacionais o questionário, em cinco línguas, para ser traduzido na língua nacional, e o livro de desenhos; os formulários de respostas; a lista das localidades, com os códigos; ilustrações para a entrevista, com o alfabeto fonético do ALE.

O secretariado da Redação corta os formulários de respostas para obter as fichas; comprova os dados e pede informações ulteriores, em caso de dúvida. Na seção de tratamento automático, perfuram-se os códigos cifrados e as formas de referência da ficha; ordena-se o programa de computador e o "plotter" faz os mapas de prova sobre esta base. Em seguida, enviam-se os mapas de prova com legenda aos comitês nacionais, que verificam, no mapa europeu, o tratamento de seus dados nacionais. O mapa é corrigido e devolvido ao secretariado. Este reúne as propostas dos comitês nacionais e apresenta o mapa de prova aos departamentos respectivos, que realizam a interpretação em nível de grupos de línguas. A Redação faz a última crítica ao mapa e toma as decisões pertinentes. A seção de tratamento automático realiza o mapa definitivo.

O comitê internacional está incorporado à Redação. Cada país é representado por um investigador. Pode ocorrer de estar representado por mais de um nos países que têm mais de uma língua oficial. Nesse caso, os diferentes membros do mesmo país podem agrupar-se em um comitê nacional, de acordo com as línguas nele faladas. Este comitê objetiva observar a Redação em suas opiniões científicas e estimular e coordenar o trabalho prático em seu próprio domínio linguístico. Faz contato com os institutos de dialectologia de seu país e do exterior, com a finalidade de constituir os comitês nacionais.

Cada comitê nacional encarrega-se de fixar a rede de localidades e selecionar os colaboradores necessários. Traduz, eventual-

mente, os questionários; executa o inquérito; transmite ao secretariado as respostas e os comentários necessários à composição dos mapas; revisa os primeiros mapas que chegam da seção de tratamento automático e os envia aos departamentos de famílias de línguas.

O ALE tem por objetivo estudar o papel que desempenham os fatores externos que vão além das fronteiras nacionais e linguísticas. Assim, examina-se até que ponto as relações interlinguísticas têm sido influenciadas pelos grandes movimentos culturais e populares europeus: as línguas e culturas não indo-europeias, o indo-europeu mais antigo, as relações mútuas das antigas tribos, as grandes migrações, a cultura grega e romana, as relações das línguas românicas e germânicas, o adstrato árabe, o comércio terrestre e marítimo, as grandes unidades de estados do último milênio, as influências dos movimentos culturais, sociais e religiosos, as grandes revoluções como a francesa e a russa, etc.

Deverá, então, apresentar materiais comparáveis tomados de línguas aparentadas e aclarar certos problemas gerais, como estruturas análogas em línguas que não têm nenhum parentesco; a tipologia linguística; etc. Para tanto, o ALE terá que estender suas investigações a todos os domínios da linguística: fonética e fonologia, morfologia gramatical e morfologia lexical, lexicologia e semântica, sintaxe, fraseologia.

Segundo WEIJNEN (1976, p. 31), desde 1973, todo dialetólogo deve observar o problema da relação de seu próprio trabalho à sociolinguística. Assim, um atlas europeu deveria possuir uma dimensão sociolinguística, ainda que fosse somente para acentuar que o emprego dos dialetos apresentava muito poucas implicações sociolinguísticas.

Assim, sendo a sociolinguística um processo que se baseia essencialmente nos atos da fala, uma boa cartografia dos fatos da língua deve ajudar a compreender as tendências gerais nos empregos dos diversos sistemas linguísticos. No atlas será possível aprofundar, o quanto se deseje, as investigações nessa perspectiva, provavelmente em etapas, que, necessariamente, têm que ser posteriores. Dessa forma, o ALE poderá servir à sociolinguística (WEIJNEN, 1976, p. 31).

Como projeto lexical, o ALE deverá ser colocado numa linha importante de pesquisa interpretativa, em particular, da pesquisa onomasiológica. Inicialmente, foi elaborado um questionário com 546 perguntas. Seus autores tomaram como ponto de partida, antes da seleção definitiva, as 800 perguntas da seção temática do OLA que tem um interesse lexicológico e de morfologia lexical. A seleção das 550 perguntas definitivas levou em conta as palavras já estudadas no OLA em uma perspectiva de comparação plurilíngue, assim como outros termos que podem sugerir comparações da mesma ordem.

Para a seleção da rede de localidades, trabalha-se, também, com a noção de representatividade e todos os países têm liberdade para escolher seus pontos de inquérito.

O ALE seguiu o sistema fonético do "Woprosnik Obscevlawjanskogo Linguisticeskogo Atlasa", considerado o mais adequado para transcrever as línguas eslavas e o sistema do *Atlante Linguistico Mediterraneo*, que inclui, em suas investigações, várias famílias de línguas, inclusive não aparentadas. Ressalte-se que não se busca a notação fonética exata de cada som, mas sim, os tipos léxicos que, como formas de referência, ocorrem nas línguas de cultura.

A cartografia dos dados lexicais utilizará símbolos, tendo-se optado por transcrever no mapa a resposta principal, que deverá

ser assinalada pelo investigador, acompanhada de um signo que faça referência a uma lista que, ao lado do mapa, deverá recorrer a outra ou outras respostas.

Com o fim de assegurar uma boa legibilidade do mapa, que exige um pequeno espaço branco entre os símbolos, a densidade máxima em tal caso apenas permite um símbolo a cada 200 km², ou seja, um quadrado de 45 km de lado.

O ALE tornou conhecido o método do mapeamento motivacional, também utilizado pelo ALiR, e que é considerado um terceiro tipo de tratamento dos dados geolinguísticos, precedido pelo onomasiológico e semasiológico. Trabalha-se a partir do significado e riqueza de formas etimológicas, como no onomasiológico, observando-se que a motivação, que a etimologia identificou. A análise motivacional é interpretada a partir dos dados dos atlas já publicados ou ainda inéditos, ou seja, dados já coletados e analisados.

Para Alinei (1997a, p. 14), fazer o mapeamento das motivações ao invés da etimologia não parece ser muito produtivo com o mesmo grupo de línguas e menos ainda com o mesmo território nacional. Parece ser mais produtivo e interessante quando se comparam diferentes grupos de línguas, como no ALE.

Já há cinco fascículos publicados, com a apresentação das cartas. O primeiro deles foi editado em 1983, contendo 19 cartas; o segundo, em 1986, o terceiro, em 1988, o quarto, em 1990, todos com oito cartas cada um. O quinto, surgiu em 1997 (ALINEI, 1997b), com 15 cartas. Todos os fascículos ficaram sob a direção de M. Alinei e A. Weijnen e receberam auxílio da UNESCO.

Assim, o ALE, atlas de caráter interpretativo, introduziu a distinção entre o método onomasiológico e a interpretação motivacional. Espera, dessa forma, oferecer a imagem mais completa

possível da diferenciação linguística da Europa e fazer aflorar fatos sobre os quais, até o momento, não se têm mais que visões parciais.

Todos esses atlas utilizam programas computacionais específicos para a cartografagem.

(v) *Atlas Lingüístico do Litoral Português: fauna e flora (ALLP)*

Trabalho realizado por Gabriela Vitorino, do Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa, e apresentado para acesso à categoria de Investigador Auxiliar, em 1987.

Exemplo de atlas de cunho temático e tinha por objetivo estudar a linguagem técnica dos pescadores do litoral português, especificamente, a costa de Portugal Continental, tendo em vista a existência de um léxico especializado e muito dependente de aspectos etnográficos locais ou regionais, na perspectiva da Geografia Linguística. É, portanto, um atlas de interesse basicamente lexical.

O trabalho foi constituído pela aplicação de um questionário em 23 localidades, distribuídas por 945 km de costa. A distância entre dois pontos consecutivos é, em média, de 41 km.

O questionário foi elaborado com base na experiência anterior de outros projetos do mesmo âmbito, como o *Atlante Lingüístico Mediterraneo* (ALM); o *Atlas Lingüístico de los Marineros Peninsulares* (ALMP); o *Atlas Linguistique des Côtes de l' Atlantique et de la Manche* (ALCAM) e, ainda, o questionário do *Atlas Lingüístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza* (ALEPG), de que foram aproveitadas todas as questões relativas às atividades marítimas.

Foram elaboradas, inicialmente, 1200 questões, distribuídas da seguinte forma: a pesca e os processos de pesca, embarcações e navegação, a campanha e a comercialização do pescado, o peixe

(generalidades), a fauna e a flora marinhas, a costa e o mar, fenômenos atmosféricos.

O Atlas recobriu apenas um dos aspectos da linguagem dos pescadores do litoral português: as denominações para as espécies mais vulgares da fauna e da flora marinhas e para os aspectos gerais da sua morfologia.

Os informantes tinham que ser de vida marítima (pescadores, de preferência), nascidos na localidade ou ali vivendo desde muito jovens, predominando a faixa etária entre os 40 e os 70 anos, sem defeitos de articulação dos sons e que mostrassem interesse em colaborar com a pesquisa.

Os mapas, de base onomasiológica, foram elaborados sobre um único conceito – uma espécie biológica (ou um gênero), um aspecto da morfologia dos peixes ou dos moluscos, uma técnica de transformação.

A pesquisa foi inovadora quanto à análise dos dados. Segundo Vitorino (1987, p. 53), a geografia lingüística analisa espaço e não linhas. Por isso, foi preciso encontrar um método que permitisse observar as relações que existem entre os vários pontos da linha de costa, colocando no mesmo pé de igualdade as relações entre pontos próximos e distantes. Para tanto, recorreu à análise dialectrométrica, método apresentado por Hans Goebl, em 1981 e de base estatística, que objetiva evidenciar as relações de intercomunicação entre as várias comunidades observadas.

Através dessa análise quantitativa de parte do vocabulário relativo à fauna e à flora marítimas, a autora pôde concluir que o grau de proximidade linguística entre localidades é, do ponto de vista lexical, proporcional ao número de denominações que elas têm em comum.

Dessa forma, do conjunto dos mapas do ALLP, foram selecionados 123 conceitos para análise e elaboradas matrizes para que se registrassem as semelhanças e as diferenças entre as denominações de cada dois pontos. A partir dos totais de semelhanças e diferenças encontrados para cada localidade, pôde-se determinar em percentagem, através de dois índices – Índice Relativo de Identidade (IRI) e Índice Relativo de Distância (IRD) – os valores de proximidade e de distância lexicais entre duas quaisquer localidades.

Para Vitorino (1987, p. 54), utilizando-se essa análise, foi possível evidenciar, em mapas de síntese, as relações preferenciais que cada localidade mantém com os outros pontos da costa, os perfis de identidade que se desenham ao longo do litoral, as zonas de maior ou menor coesão e mesmo as zonas dominantes em termos lexicais.

O trabalho foi apresentado em dois volumes: o primeiro contém a introdução, a exposição do trabalho de dialectrometria e os índices (dos nomes científicos e dos nomes vulgares); o segundo, basicamente sobre a fauna e a flora, apresenta mapas e notas – lista dos mapas, transcrição fonética (alfabeto fonético e notas à transcrição), sinais convencionais, abreviaturas, rede de pontos de inquérito.

A notação é impressionista, registrando todas as variantes fonéticas do mesmo vocábulo, realizados por um informante ou por vários, na mesma localidade.

Como dito no início do texto, além da rica oportunidade de realizar a pesquisa bibliográfica acima exposta no CLUL, o ALAM foi contemplado com a ideia amadurecida de ser apresentado através de um programa computacional, que foi elaborado por um programador de software, no Rio e Janeiro, após o retorno da pesquisadora ao Brasil. A ideia já existia, só não sabíamos como realizar. O

Professor Saramago apresentou à pesquisadora o Programa utilizado no atlas de Portugal e da Galiza, por ele dirigido, e o programa do ALAM pôde ser confeccionado nos mesmos moldes utilizados por eles, naquela ocasião.

Dessa forma, o ALAM pôde apresentar seus dados através do Programa computacional, que foi denominado de MVL/ALAM (Mapeamento de Variação Linguística), que dispõe de um banco de dados e permite a elaboração das cartas linguísticas (fonéticas e lexicais). No Programa, foram registrados 18.324 dados, incluindo os do questionário fonético-fonológico, com 156 questões, que geraram 107 cartas fonéticas, e os do semântico-lexical, com 327 questões, que geraram 150 cartas. Todos os dados foram transcritos, primeiro manualmente, por duas vezes revisados, e depois inseridos no banco de dados pela própria pesquisadora. O Programa também permitiu que fossem inseridos todos os dados relativos aos informantes e as localidades investigadas.

Experiência maravilhosa, de grande aprendizado e onde pude ter a oportunidade de ser também orientada em minha Tese de Doutorado pelo pesquisador e amigo Dr. João Saramago. A ele e a querida Dra. Silvia Figueiredo Brandão, todo meu respeito e admiração!

Referências

ALINEI, M. *et al*. **Atlas Linguarum Europae (ALE).** Commentaires, Volume I, fascicule 1-4; Cartes, Volume I. Assen: Van Corcum, 1983 – 1990.

ALINEI, M. *et al*. **Atlas Linguarum Europae (ALE).** Commentaires, Volume I, fascicule 5; Cartes. Roma: Instituto Poligrafico e Zecca dello Stato, Libreria dello Stato, 1997a.

ALINEI, M. *et al*. **Atlas Linguarum Europae (ALE).** Perspectives Nouvelles en Géolinguistics. Roma: Instituto Poligrafico e Zecca dello Stato, Libreria dello Stato, 1997b.

ALVAR, Manuel. **Atlas Linguistico y Etnografico de Cantabria (ALECant)**. 2 volume. Madrid: Arco/Libros, 1995.

ALVAR, Manuel. **Estruturalismo, geografia linguística y dialectologia actual**. 2. ed. Madrid: Gredos, 1973.

BARROS, Manuela. **Atlas Linguarum Europae (ALE)**. Sectores e Projetos. Centro de Linguistica da Universidade de Lisboa. Disponível em: www.clul.ul/frames.html. Acesso em: 10 jun. 2004.

CONTINI, Michel; TUAILLON, Gaston. **Atlas Linguistique Roman (ALiR).** Volume I, Présentation; Volume I, Cartes; Volume I, Commentaries, Volume Iia, Cartes; Volume IIa, Commentaries; Instituto Poligrafico e Zecca dello Stato, Libreria dello Stato, Roma, 1996.

CRUZ, Maria Luiza de Carvalho. **Atlas Linguistico do Amazonas – ALAM**. 2004. 159 fls. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

VITORINO, Gabriela. **Atlas Linguístico do Litoral Português***:* Fauna e Flora (ALLP). v. I – Introdução, Dialetrometria, Índices. v. 2 – Mapas e Notas. Ed. Policop. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa/ NIC, 1987.

WEIJNEN, A. *et al*. **Atlas Linguarum Europae**. Premier Questionnaire. Assen/Amsterdam: Van Gorcum, 1976.

Sobre os Autores

Felício Wessling Margotti

Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2004. Professor no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Diretor Científico do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Regional Santa Catarina) desde 2007.

Fernando Brissos

Doutorado em Linguística pela Universidade de Lisboa, 2011. Professor na Pós-Graduação na mesma universidade. É membro do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, do Centro de Linguística da Universidade de Zurique, dos Grupos de Pesquisa em Dialetologia e Geolinguística da Universidade de São Paulo e em Sociogeolinguística da Universidade Federal de Uberlândia.

Hans Goebl

Douturado em Filologia Românica/Linguística na Universidade de Regensburg (Baviera), 1980. Foi professor na Universidade de Salzburgo (Áustria), chefe do laboratório de pesquisa para dialetometria e do grupo de trabalho de linguística variacional românica na Universidade de Salzburgo. Em 2009 recebeu a Ordem do Mérito da Província do Tirol do Sul e em 2013 o Prêmio Wilhelm Hartel da Academia Austríaca de Ciências.

Jacyra Andrade Mota

Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2002. Participou da primeira equipe de inquiridores do Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB. Professora na Pós-Graduação da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq, Diretora Executiva do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Regional Bahia), 1996-2017 e Diretora-Presidente desde 2018.

Maria do Carmo Sá Teles de Araújo Rolo

Doutorado em Língua e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia (2016). Professora substituta na Universidade Federal da Bahia e professora efetiva da Secretaria da Educação do Estado da Bahia. Pesquisadora do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB).

Maria Luiza de Carvalho Cruz-Cardoso

Doutorado em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, 2004. Professora da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, autora do Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM.

Silvia Figueiredo Brandão

Doutora em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 1988. Professora no Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas na mesma IES. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Autora de A geografia linguística no Brasil (São Paulo: Ática, 1991) e organizadora de Duas variedades africanas do Português: aspectos fonético fonológicos e morfossintáticos (Blucher, 2018).

O HOMENAGEADO



João António das Pedras Saramago

É licenciado em Filologia Românica, atuando como pesquisador e professor do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL) desde 1978. Com a tese *A ilha do Corvo – alguns aspectos linguísticos*, aprovada com distinção e louvor, a Dialetologia estabeleceu-se em definitivo na vida de João Saramago.

Atualmente atua no Atlas Linguístico do Litoral Português (ALLP), Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG), Atlas Linguistique Roman (ALiR), Atlas Linguarum Europae (ALE), e Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (TLPGP), como coordenador ou diretor.

Este livro, que trata dos estudos dialetais brasileiros e portugueses, é uma justa e merecida homenagem ao dialetólogo e geolinguista João Saramago, por ocasião do VI Congresso Internacional de Dialetologia e Sociolinguística – VI CIDS, realizado em 2022, na cidade de Campo Grande – MS, Brasil.

VI CIDS
CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIALETOLOGIA E SOCIOLINGUÍSTICA

Na realidade, quando se fala de léxico, há que ter em conta o seguinte: (i) muito raramente o léxico tem servido de base para uma tipologia de divisão linguística; (ii) sobretudo, têm sido utilizados traços fonéticos para proceder a divisões e classificações dos dialectos de uma determinada língua.

Ora, é um facto conhecido e aceito pelos estudiosos que fenómenos de índole lexical se diferenciam, na sua essência, dos fenómenos fonéticos pela simples razão de que aqueles devem ser interpretados com base numa análise que envolve factores de índole extralinguística, nomeadamente a história e a etnografia. Esta é a principal razão pela qual, normalmente, os traços fonéticos são escolhidos na delimitação e classificação de dialectos ou de variedades linguísticas.

(SARAMAGO, J. A. das P. Tão longe e tão perto. Tão perto e tão longe. In: ALTINO, F. C. (org.). *Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística*: uma homenagem à Vanderci de Andrade Aguilera. Londrina: Midiograf, 2012. p. 147-163).

ISBN 978-65-89995-13-5